



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Anaise Cristina da Silva Nascimento

**Pela caravana da fraternidade: unificação do movimento espírita
nas memórias do educador Leopoldo Machado**

Rio de Janeiro

2016

Anaise Cristina da Silva Nascimento

**Pela caravana da fraternidade: unificação do movimento espírita nas memórias
do educador Leopoldo Machado**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração:

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Crystina Venancio Mignot

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S219 Nascimento, AnaiseCristina da Silva.
Pela caravana da fraternidade: unificação do movimento espírita nas memórias do educador Leopoldo Machado/ Anaise Cristina da Silva Nascimento. – 2016.
125 f.

Orientadora: Ana Chrystina Venancio Mignot.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Espiritismo – Teses. 3. Leopoldo Machado – Teses. I. Mignot, Ana Chrystina. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

bs CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

Anaise Cristina da Silva Nascimento

**Pela caravana da fraternidade: unificação do movimento espírita nas memórias
do educador Leopoldo Machado**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 26 de janeiro de 2016.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Ana Chrystina Venancio Mignot (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Lia Ciomar Macedo de Faria
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Prof. Dr. Robson Fonseca Simões
Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Rio de Janeiro
2016

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por ter me dado forças para chegar a este momento. A cada seção, minhas forças precisavam ser renovadas para tornar possível o caminhar.

Aos espíritos de Luz, que estão sempre ao nosso lado; o conforto que produzem tem o poder de acalmar e revigorar.

Aos meus familiares, mesmo com alguns momentos de dificuldades; sei que sem eles jamais conseguiria este resultado, uma vez que foi por eles que completo essa jornada.

Agradecimento ao meu porto seguro nos momentos de aflição, meu companheiro, Alessandro de Abreu Ferreira, que demonstrou força e me transmitiu paz, exatamente o que eu precisava para conclusão deste projeto. Com ele, divido as alegrias e dores da melhor experiência da minha vida, ser mãe de Helena Giulia.

Ao meu grupo de pesquisa: Heloisa Helena Meirelles dos Santos, Leila de Macedo Varela Blanco, Daiane de Oliveira Tavares, Sara Raphaela Machado de Amorim, Adriana Valentim Beaklini, Patricia Amaral Siqueira, Shayenne Schneider Silva, Priscila Garcez, Kátia Maria Soares, Andreza Felipe do Nascimento. Sem o carinho, paciência e incentivo que me foi dado, não conseguiria chegar a lugar nenhum. Cada membro deixou sua marca neste trabalho. As leituras, os aconselhamentos, as indicações foram fundamentais para conseguir chegar até aqui.

Para finalizar, gostaria de agradecer especialmente a minha orientadora, Ana Chrystina Venancio Mignot. Com ela aprendi, acima de tudo, a nunca desistir. Nos momentos em que eu já havia desistido de mim, ela foi a força que eu precisava para me erguer. Fui abençoada com um ótimo grupo que reflete o exemplo de sua orientação. Mais uma vez, a todas minhas queridas, muito obrigada.

RESUMO

NASCIMENTO, Anaise Cristina da Silva. *Pela caravana da fraternidade: unificação do movimento espírita nas memórias do educador Leopoldo Machado*. 2016. 125f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Compreender a importância do educador Leopoldo Machado no projeto de unificação do movimento espírita brasileiro, proposto no Pacto Áureo, utilizando o seu diário de viagem transformado no livro *A Caravana da Fraternidade* é o objetivo desta dissertação. Para tanto, foram utilizados os arquivos que compõem o acervo da família e da escola, seus livros publicados e os periódicos nos quais escrevia, pois estas fontes fornecem elementos que tornam possível investigar como organizou uma escola no município de Nova Iguaçu, a partir da década de 1930, assim como sua militância no projeto de unificação da comunidade espírita. Organizada em três seções, a dissertação toma como ponto de partida as homenagens póstumas ao educador para iluminar a importância que desempenhou na cidade que o acolheu, no início de sua trajetória profissional na educação, e de onde partiu em caravana, em 1950. A segunda seção focaliza a viagem propriamente dita, seus objetivos, suas motivações, os companheiros da caravana e as principais atividades desenvolvidas nas diversas cidades visitadas. Na última seção, a interpretação recai nos desdobramentos da viagem, procurando interpretar a publicação do diário, as impressões epistolares e o debate na imprensa como parte das estratégias de construção de uma dada memória sobre a disseminação e unificação do movimento espírita no Brasil. O estudo, deste modo, pretende contribuir para a história da educação na Baixada Fluminense, a história da educação espírita e a história de vida de um educador espírita.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Espírita. Memória de Leopoldo Machado. A Caravana da Fraternidade. Nova Iguaçu. Baixada Fluminense.

ABSTRACT

NASCIMENTO, Anaise Cristina da Silva. *For the caravan of fraternity: unification of the Spiritist movement in the memories of educator Leopoldo Machado*. 2016. 125f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Understand the importance of Leopoldo Machado educator in the unification of the Brazilian spiritualist movement project, proposed in the Covenant Golden using your travel journal transformed in *The Fellowship of the Caravan* is the goal of this thesis. For this purpose, the files were used that make up the family's collection and from school, their published books and journals in which he wrote, because these sources provide elements that make it possible to investigate how organized a school in Nova Iguaçu, from the decade 1930, as well as its membership in the unification of spiritualist community project. Organized into three chapters, the dissertation takes as its starting point the posthumous tributes to the educator to highlight the importance it played in the city that welcomed him at the beginning of his career in education, and which he left in a caravan in 1950. The second chapter focuses on the journey itself, its objectives, its motivations, the companions of the caravan and the main activities developed in the various cities visited. In the last chapter, the interpretation lies in the unfolding of the trip, trying to interpret the publication of the diary, the epistolary impressions and debate in the press as part of building strategies of a given memory on distribution and unification of the spiritual movement in Brazil. The study therefore aims to contribute to the history of education in the Baixada Fluminense, the story of the spirit education and life story of a spiritualist educator.

KEYWORDS: Spiritualist Education. Memory of Leopoldo Machado. *The Caravan of the fraternity*. Nova Iguaçu. Baixada Fluminense.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1–	Capa do livro “Idéias”, publicado por Leopoldo Machado.....	14
Imagem 2–	Capa do livro “Caxias’: um eminente iguassuano”, publicado por Leopoldo Machado.....	14
Imagem 3–	Capa do livro “Iluminação”, publicado por Leopoldo Machado.....	15
Imagem 4–	Capa do livro “Consciências... contos espíritas”, publicado por Leopoldo Machado.....	15
Imagem 5–	Capa do livro “Para a frente e para o alto”, publicado por Leopoldo Machado.....	16
Imagem 6–	Capa do livro “Para o alto”, publicado por Leopoldo Machado.....	16
Imagem 7–	Capa do livro “Ide e pregar”, publicado por Leopoldo Machado.....	16
Imagem 8–	Capa do livro “A Caravana da fraternidade”, publicado por Leopoldo Machado.....	16
Imagem 9–	Capa do livro “Teatro espiritualista”, publicado por Leopoldo Machado.....	18
Imagem 10–	Capa do livro “Teatro espiritualista”, 2ª série, publicado por Leopoldo Machado.....	18
Imagem 11–	Capa do livro “Teatro da mocidade”, publicado por Leopoldo Machado.....	19
Imagem 12–	Capa do livro “Julga, leitor, por ti mesmo... Catolicismo x Espiritualismo”, publicado por Leopoldo Machado.....	20
Imagem 13–	Capa do livro “Doutrina ingloria”, publicado por Leopoldo Machado.....	20
Imagem 14–	Capa do livro “Pigmeus contra gigantes”, publicado por Leopoldo Machado.....	21
Imagem 15–	Capa do livro “Cientismo e Espiritualismo”, publicado por Leopoldo Machado.....	21
Imagem 16–	Capa do livro “Brasil, berço da humanidade”, publicado	

	por Leopoldo Machado.....	22
Imagem 17–	Capa do livro “Das responsabilidades maiores dos espíritas do Brasil”, publicado por Leopoldo Machado...	22
Imagem 18–	Capa do livro “O Espiritismo é obra de educação”, publicado por Leopoldo Machado.....	23
Imagem 19–	Capa do livro “Nada lhe é, no momento, maior...”, publicado por Leopoldo Machado.....	23
Imagem 20–	Capa do livro “O Natal dos cristãos novos”, publicado por Leopoldo Machado.....	25
Imagem 21–	Capa do livro “Cruzada do espiritismo de vivos”, publicado por Leopoldo Machado.....	25
Imagem 22–	Capa do livro “Graças sôbre graças”, publicado por Leopoldo Machado.....	26
Imagem 23–	Capa do livro “Uma grande vida: estudo biográfico de Cairbar Schutel”, publicado por Leopoldo Machado.....	27
Imagem 24–	Posse na Arcádia Iguassuana de Letras.....	33
Imagem 25–	Texto “Os últimos instantes”, por Waldemiro Pereira.....	35
Imagem 26–	Cortejo de sepultamento de Leopoldo Machado.....	36
Imagem 27–	Cortejo de Leopoldo Machado passando pela Avenida Getúlio de Moura.....	36
Imagem 28–	O caixão de Leopoldo Machado.....	37
Imagem 29–	1º Congresso da Mocidade Espírita.....	38
Imagem 30–	Panorama de Nova Iguaçu.....	39
Imagem 31–	Panorama de Nova Iguaçu na década de 1940.....	42
Imagem 32–	Lateral da fachada do Gymnasio Leopoldo.....	49
Imagem 33–	Anúncio do Gymnasio Leopoldo.....	50
Imagem 34–	Aula de educação física no Gymnasio Leopoldo.....	52
Imagem 35–	Propaganda de festividades de 7 de setembro de 1930 do Gymnasio Leopoldo.....	54
Imagem 36 –	Caravaneiros em reunião.....	60
Imagem 37–	Lins Vasconcelos.....	63
Imagem 38–	Luiz Burgo Filho.....	64
Imagem 39–	1ª Concentração Espírita da Bahia.....	69
Imagem 40–	A Caravana da Fraternidade em Recife.....	73

Imagem 41–	Cópia de “O Pacto Áureo” assinada.....	77
Imagem 42–	Fac-símile da Ata do Pacto Áureo.....	78
Imagem 43–	Capa do livro “Os quatro evangelhos”, publicado por Jean-Baptiste Roustaing.....	80
Imagem 44–	Capa do livro “A Caravana da Fraternidade”, publicada em 1954.....	100
Imagem 45–	Nova capa do livro “A Caravana da Fraternidade”.....	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	As publicações de Leopoldo Machado.....	13
Quadro 2 –	Nova Iguaçu: Resultados censitários entre 1779-1950....	43
Quadro 3 –	Volume e faturamento da exportação de laranjas produzidas em nova Iguaçu.....	45
Quadro 4 –	Membros da Caravana da Fraternidade.....	59
Quadro 5 –	As cidades mais visitadas pela Caravana da Fraternidade.....	67
Quadro 6 –	Atividades religiosas da Caravana da Fraternidade (1950).....	88
Quadro 7 –	Atividades educacionais da Caravana da Fraternidade (1950).....	90
Quadro 8 –	Correspondência passiva de Leopoldo Machado (1950-1952).....	105
Quadro 9 –	A Caravana e a imprensa.....	115

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A VIDA SEGUE: LEOPOLDO NA MEMÓRIA COLETIVA	29
1.1 Homenagens póstumas	30
1.1.1 DESPEDIDA: O RITUAL FÚNEBRE DE LEOPOLDO MACHADO	33
1.2 Início da jornada na terra dos laranjais	43
1.2.1 A EDUCAÇÃO EM NOVA IGUAÇU	47
1.2.2 DIVERGÊNCIAS NA ATUAÇÃO: ENCONTRO COM JOÃO MUSH	55
2 “MENOS CENTROS E MAIS ESCOLAS”: O PROJETO DOS CONFRADES	61
2.1 A viagem e seus objetivos	62
2.1.1 OS ESCOLHIDOS PARA VIAGEM	58
2.1.2 Motivações da expedição	65
2.1.2.1 Empreitada pela unificação: O Pacto Áureo	73
2.1.2.2 Divergências doutrinárias e políticas	78
2.2 Atividades religiosas e educacionais da caravana	95
3 OS DESDOBRAMENTOS DA CARAVANA: CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA	105
3.1 O livro “A Caravana da Fraternidade”	106
3.1.1	107
3.1.2	110
3.2 Impressões epistolares	113
3.3 A Caravana na imprensa: espíritas x profanos	119
	125
	132

INTRODUÇÃO

As escolhas feitas como educadora, aliadas às memórias de infância, me fizeram perceber e conceber o Colégio Leopoldo e seu fundador, o professor Leopoldo Machado como objetos de pesquisa de dissertação de mestrado. Enquanto criança, vivi na Baixada Fluminense minhas melhores experiências, ao lembrar as falas dos adultos, em seus exercícios de recobrar a memória, e, sempre que se tocava no assunto educação, o Colégio Leopoldo e o professor Leopoldo Machado surgiam. Tempos depois, já adulta e atuando como Inspetora Escolar pela Secretaria Estadual de Educação, me deparei com a estrutura organizacional da educação de cinco municípios da Baixada Fluminense: Nilópolis, Mesquita, Nova Iguaçu, Queimados e Japeri. Mais uma vez, o Colégio Leopoldo e o professor Leopoldo Machado apareceram como figuras de destaque. Assim, conheci a perspectiva pública e particular, sendo inspetora escolar do Colégio Estadual Leopoldo Machado e sendo inspetora escolar do Colégio Leopoldo.

Ter experimentado em minha formação acadêmica os conhecimentos sobre história e historiografia da educação me permitiu adentrar essas instituições de ensino com um olhar diferenciado, percebendo-as como lugares de memória. O busto em homenagem ao fundador da instituição na entrada do Colégio Leopoldo e o nome em destaque do seu patrono, no Colégio Estadual, são alguns indícios da história que assim se apresenta viva entre nós.

Porém, a despeito desses indícios, meu interesse surgiu realmente ao conhecer os arquivos do Colégio Leopoldo. Minha atuação na inspeção escolar determina que, em alguns casos, a vida escolar dos alunos seja verificada para fins de autenticação documental. A partir daquele momento, me foi apresentado um arquivo com acervo excepcional. Em uma sala ampla, nos fundos da instituição, sob a vigilância atenta da secretária e do representante legal, encontra-se toda a documentação administrativa e também pedagógica da escola, desde sua fundação. Por outro lado, com o claro objetivo de preservação da memória, o próprio fundador, assim como seus representantes legais sucessores, se dedicaram e ainda se dedicam, à coleta e catalogação de documentos que somem à construção da história da instituição e por consequência, à história local.

As ações e filosofia do educador Leopoldo Machado, vivas na memória de sua instituição e de seus discípulos, fizeram com que ele e o antigo Gymnásio, hoje, Colégio Leopoldo fossem eleitos como objetos na pesquisa que eu pretendia desenvolver.

Inicialmente, havia imaginado traçar a biografia deste educador espírita a partir da documentação anteriormente citada. Na medida em que vasculhava os papéis tão cuidadosamente guardados, fui vislumbrando a cidade que o acolheu, quando ainda era um jovem professor. Também entrevi as principais iniciativas por ele tomadas para se fazer conhecido e reconhecido na terra dos laranjais, na década de 1930. A história da escola, as inovações educacionais, as dificuldades enfrentadas me instigaram a me aprofundar na pesquisa.

Depois de muitas idas e vindas ao arquivo escolar, defrontei-me com polêmicas travadas por Leopoldo Machado com a liderança católica iguaçuana. Logo após, encontrei os livros que publicou, no total 27 livros, tendo sido editados pela Typografia Baiana, Tipografia Baptista de Souza, Editora Estudos Psíquicos, editora O Clarim e pela editora da Federação Espírita Brasileira. Tais publicações tratavam de temas como espiritualismo, educação e educação espírita; tendo as obras lançadas a partir de 1940, o produto de sua venda revertido para o Lar de Jesus, obra social que administrava.

Quadro 1 – As publicações de Leopoldo Machado

TÍTULO	ANO	PÁGINAS
Idéias	1920	40
Iluminação	1929	56
Guerra ao Farisismo	1931	67
Prosas de Calibam	1931	54
Consciências...	1934	80
Para Frente e Para o Alto	1934	90
Para o Alto	1942	96
Ide e Pregai	1955	100

Continua...

Quadro 1 – As publicações de Leopoldo Machado – continuação

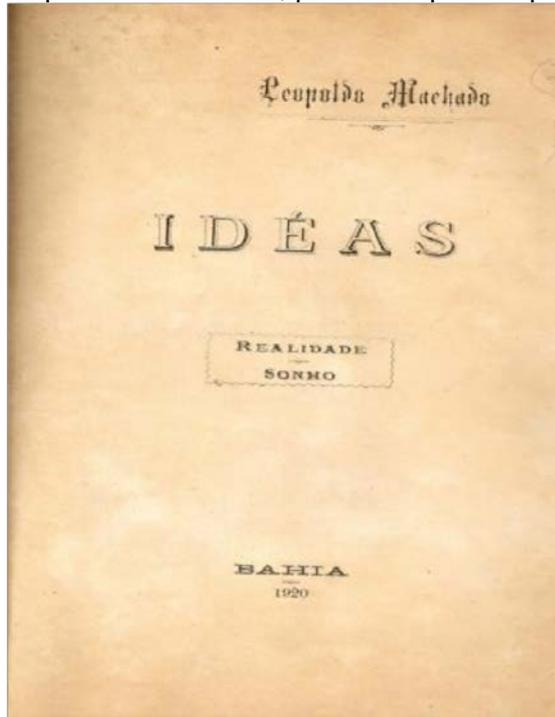
Caravana da Coragem	1954	290
Teatro Espiritualista	1950	89
Teatro Espiritualista II	1950	87
Teatro da Mocidade	1950	87
Julga Leitor por ti mesmo: Catolicismo x Espiritualismo	1937	102
Sensacional Polêmica	1938	106
Pigmeus contra Gigantes	1940	180
Doutrina Inglória	1941	167
Nada lhe é no Momento, Maior	1940	159
O Natal dos Cristãos Novos	1947	94
Observações e Sugestões	1947	59
Cruzada dos Espíritos de Vivos	1948	100
Cientismo e Espiritismo	1948	90
Brasil Berço da Humanidade	1947	189
O Espiritismo é Obra de Educação	1944	66
Das Responsabilidades Maiores dos Espíritas do Brasil	1947	70
Graças sôbre Graças	1952	108
Uma Grande Vida: Caibar Shütel	1952	98
“Caxias” Um Eminente Iguassuano	1955	90
Teatro Espiritualista II	1950	87

Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)¹,

As capas de algumas de suas publicações:

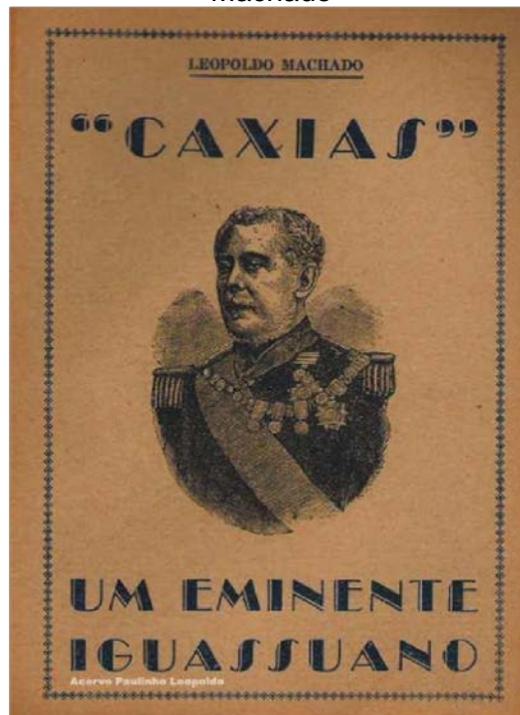
¹ O nome da “Biblioteca Tomaz Edison” foi dado pelo próprio Leopoldo para a biblioteca do Gymnásio Leopoldo e permanece até os dias atuais.

Imagem 1 – Capado livro “Idéias”, publicado por Leopoldo Machado



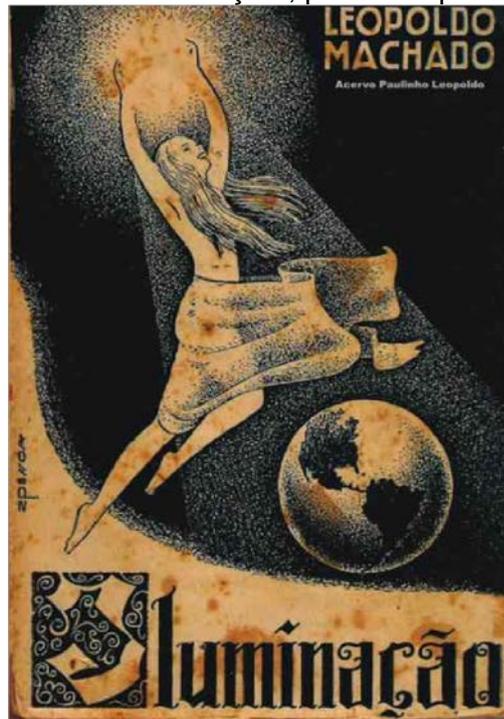
Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

Imagem 2 – Capa do livro “Caxias’: um eminente iguassuano”, publicado por Leopoldo Machado



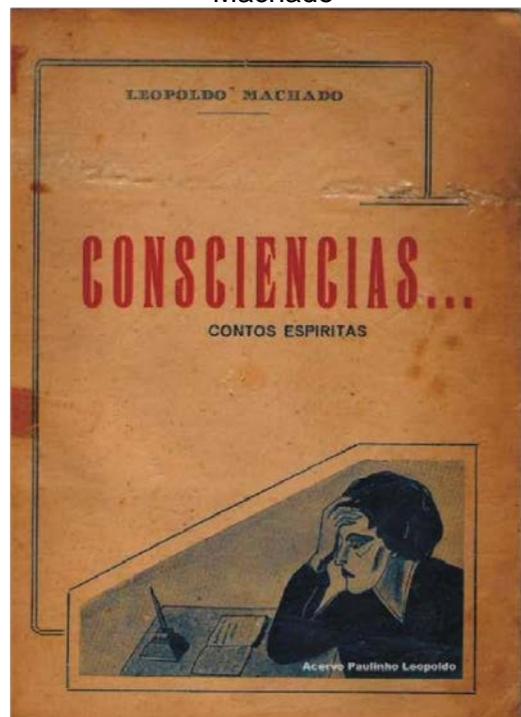
Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

Imagem 3 – Capa do livro “Iluminação”, publicado por Leopoldo Machado



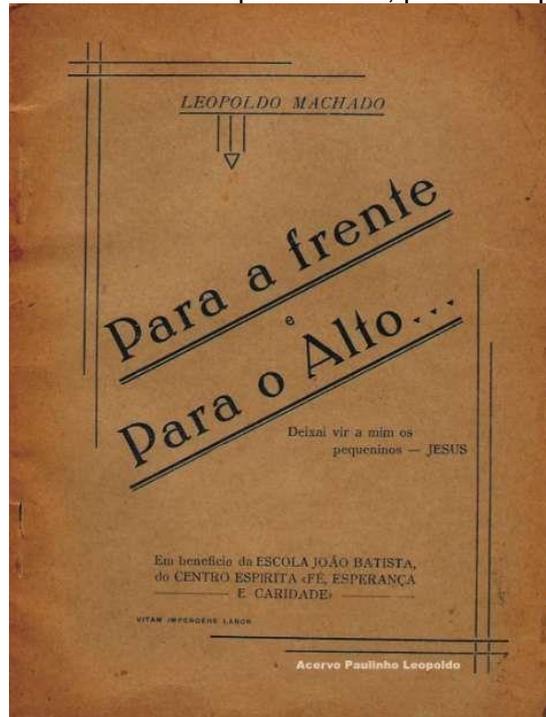
Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

Imagem 4 – Capa do livro “Consciências... contos espíritas”, publicado por Leopoldo Machado



Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

Imagem 5 – Capa do livro “Para a frente e para o alto”, publicado por Leopoldo Machado



Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

Imagem 6 – Capa do livro “Para o alto”, publicado por Leopoldo Machado

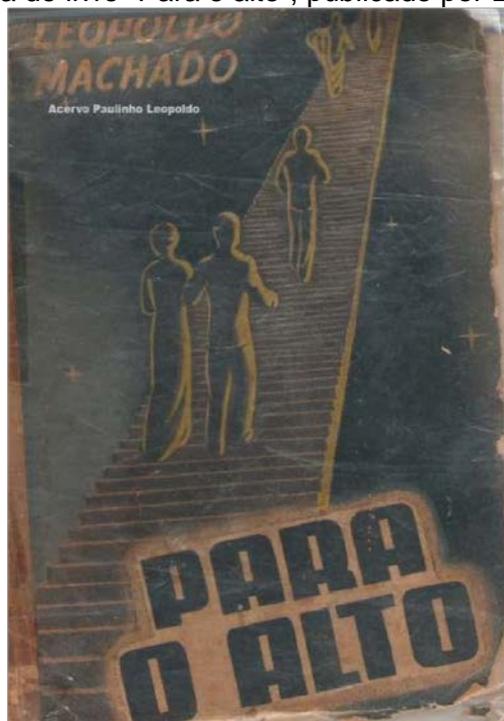
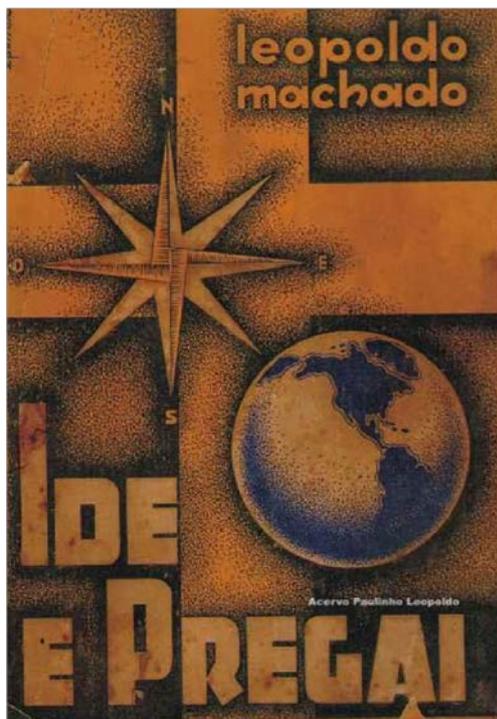


Imagem 7 – Capa do livro “Ide e pregai”, publicado por Leopoldo Machado



Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)
 Imagem 8 – Capa do livro “A Caravana da Fraternidade”, publicado por Leopoldo Machado

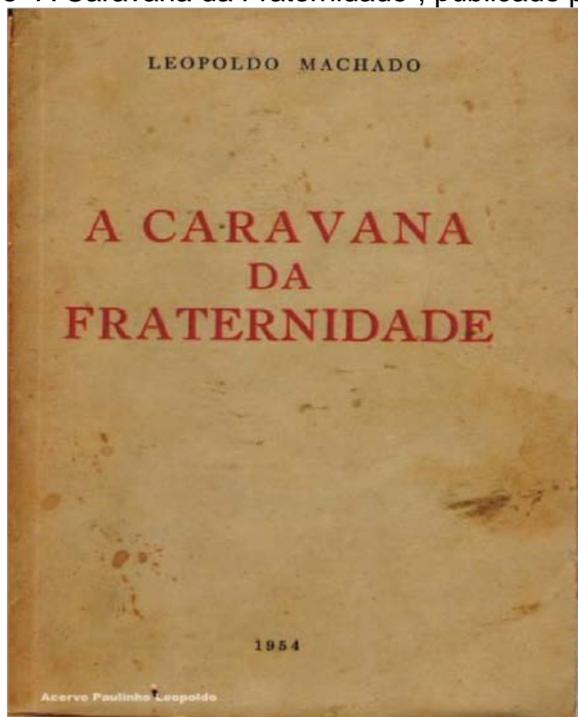
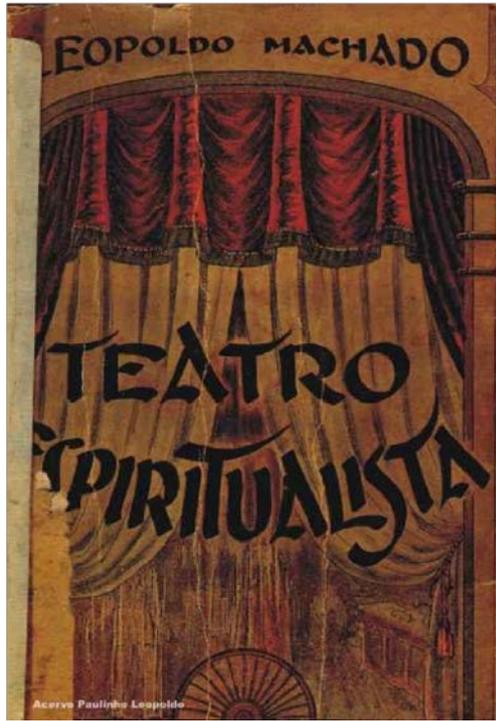
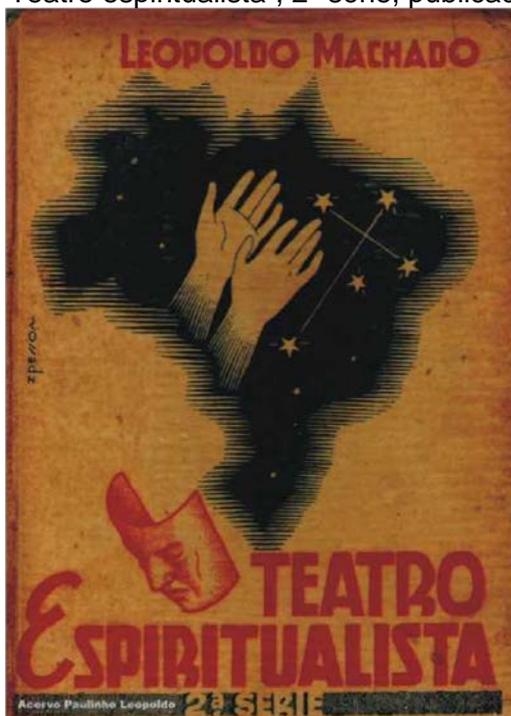


Imagem 9 – Capa do livro “Teatro espiritualista”, publicado por Leopoldo Machado



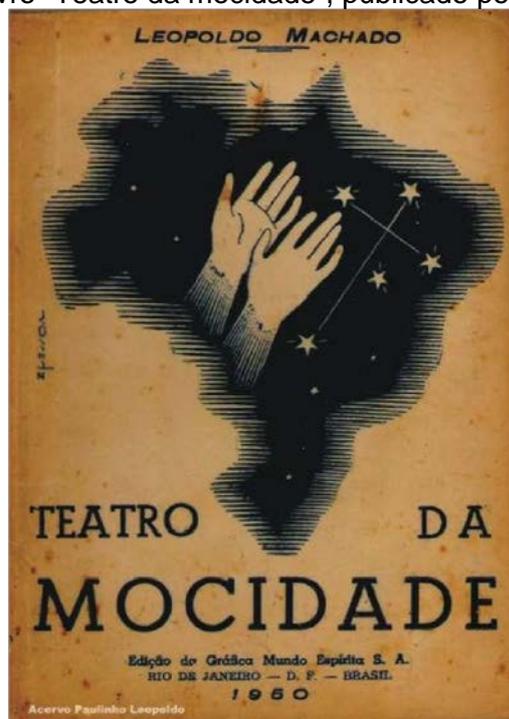
Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

Imagem 10 – Capa do livro “Teatro espiritualista”, 2ª série, publicado por Leopoldo Machado



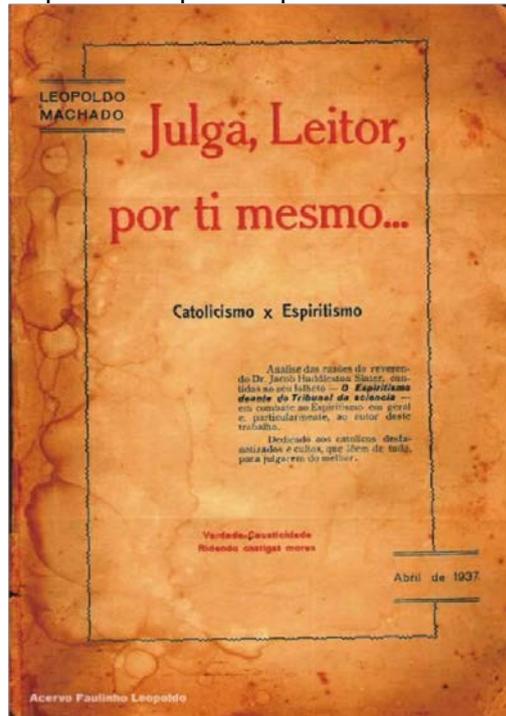
Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

Imagem 11 – Capa do livro “Teatro da mocidade”, publicado por Leopoldo Machado



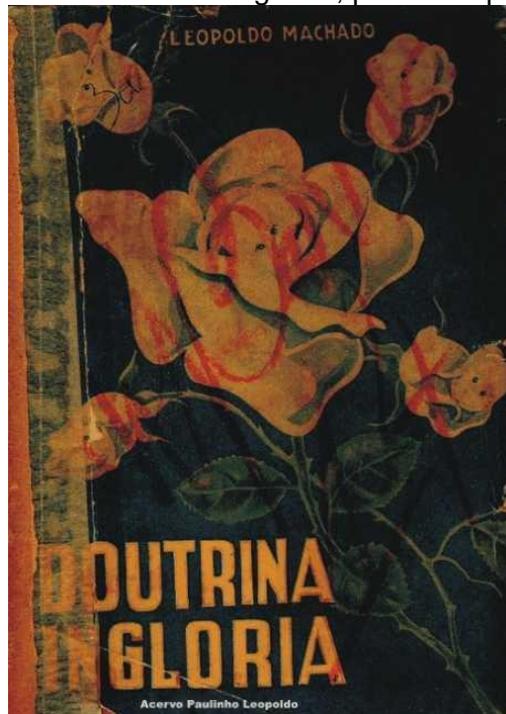
Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

Imagem 12 – Capa do livro “Julga, leitor, por ti mesmo... Catolicismo x Espiritualismo”, publicado por Leopoldo Machado



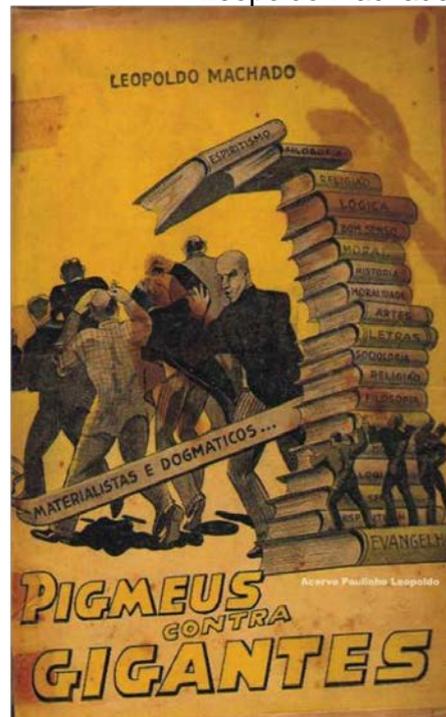
Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

Imagem 13 – Capa do livro “Doutrina ingloria”, publicado por Leopoldo Machado



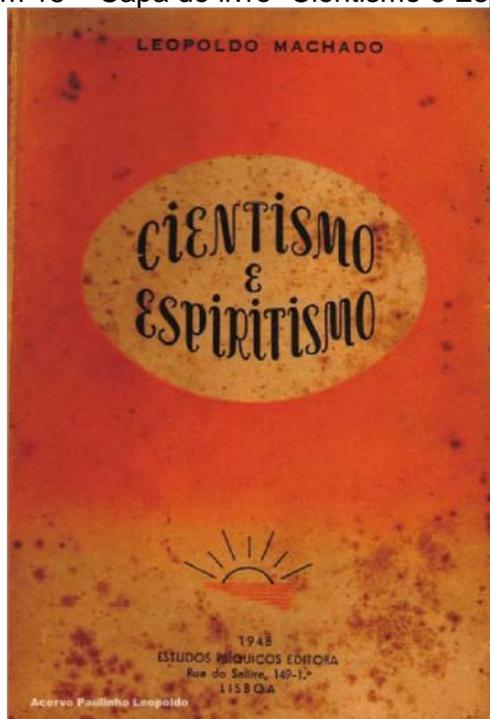
Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)
Imagem 14 – Capa

do livro “Pigmeus
contra gigantes”,
publicado por
Leopoldo Machado



Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

Imagem 15 – Capa do livro “Cientismo e Espiritismo”, publicado por Leopoldo Machado



Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

Imagem 16 – Capa do livro “Brasil, berço da humanidade...”, publicado por Leopoldo Machado

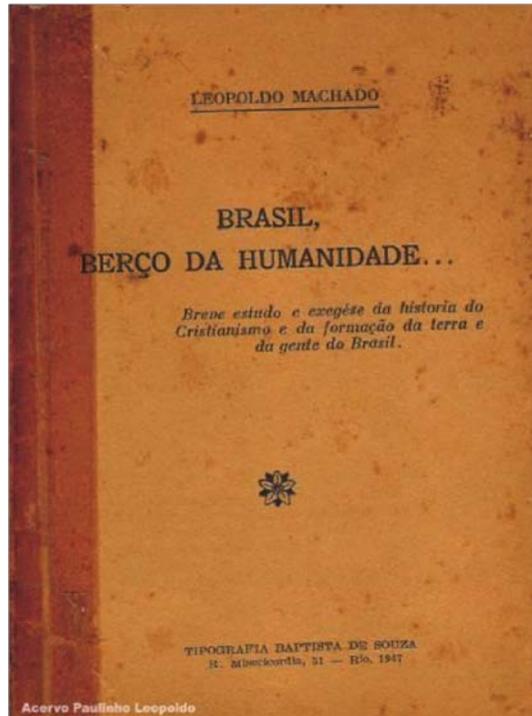
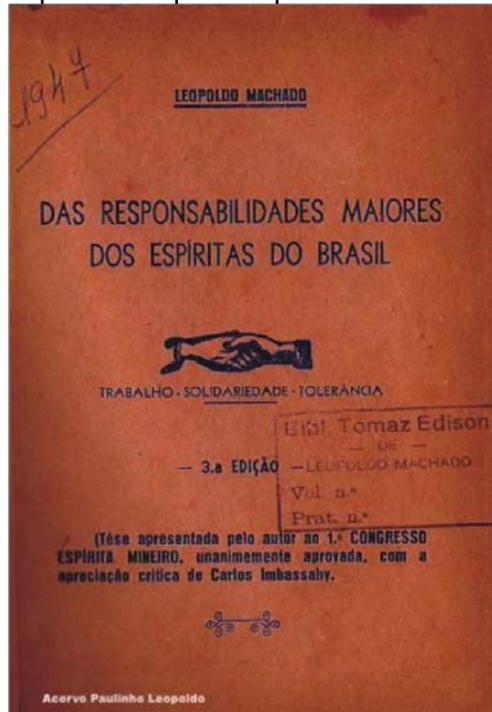
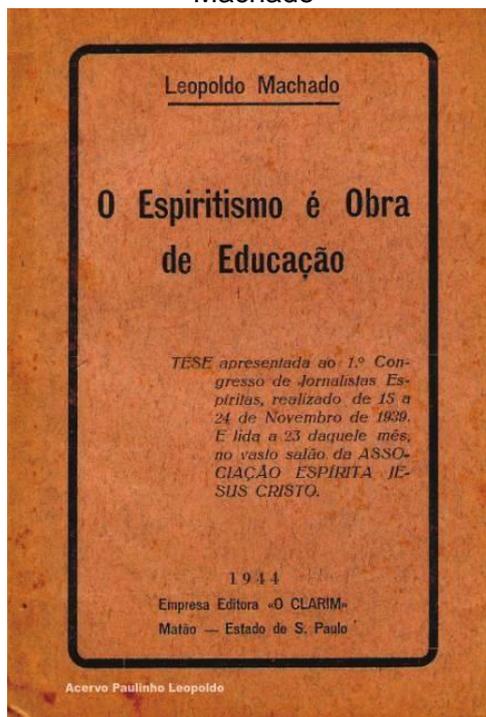


Imagem 17 – Capa do livro “Das responsabilidades maiores dos espíritas do Brasil”, publicado por Leopoldo Machado



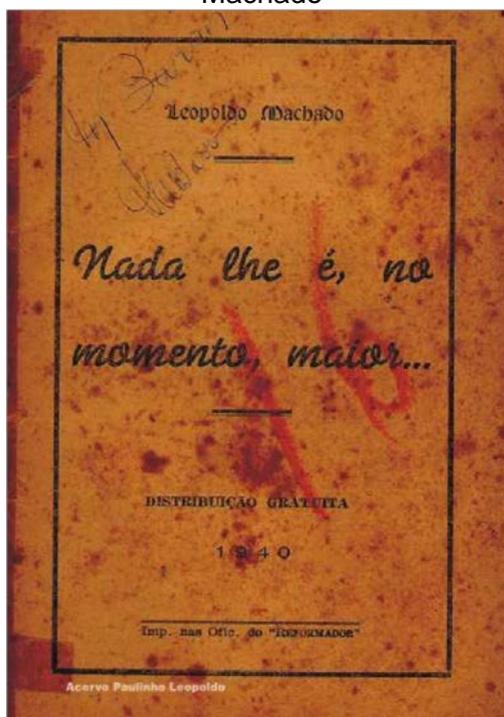
Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

Imagem 18 – Capa do livro “O espiritismo é obra de educação”, publicado por Leopoldo Machado



Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

Imagem 19 – Capa do livro “Nada lhe é, no momento, maior...”, publicado por Leopoldo Machado



Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

Imagem 20 – Capa do livro “O Natal dos cristãos novos”, publicado por Leopoldo Machado

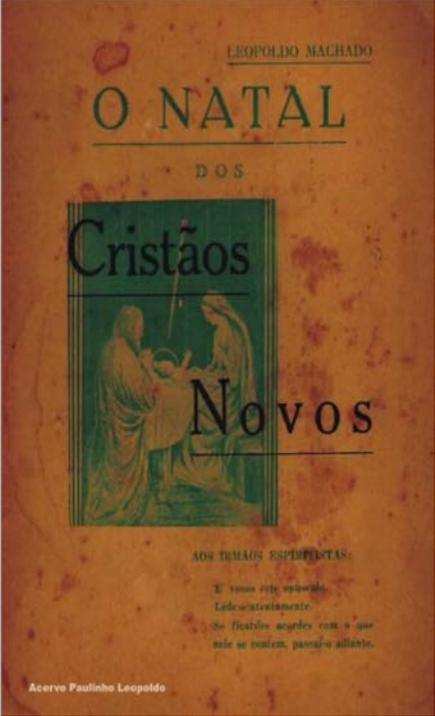
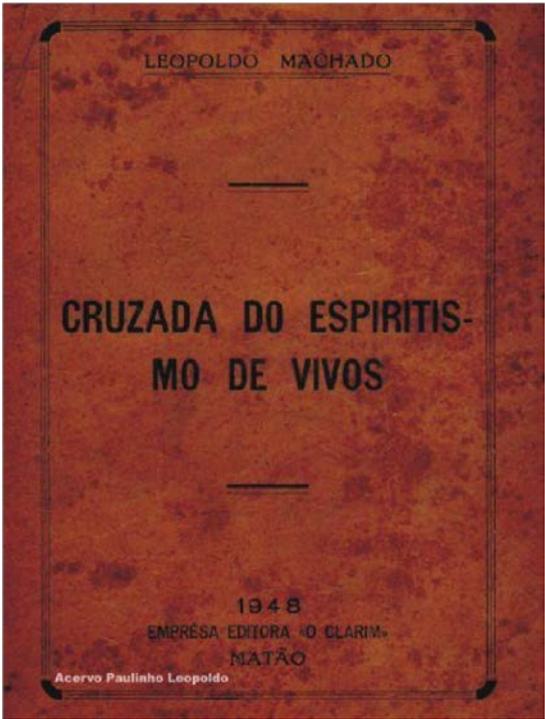
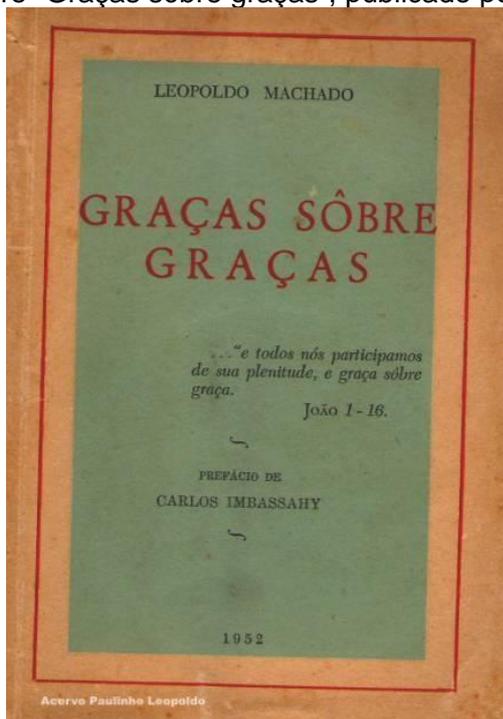


Imagem 21 – Capa do livro “Cruzada do espiritismo de vivos”, publicado por Leopoldo Machado



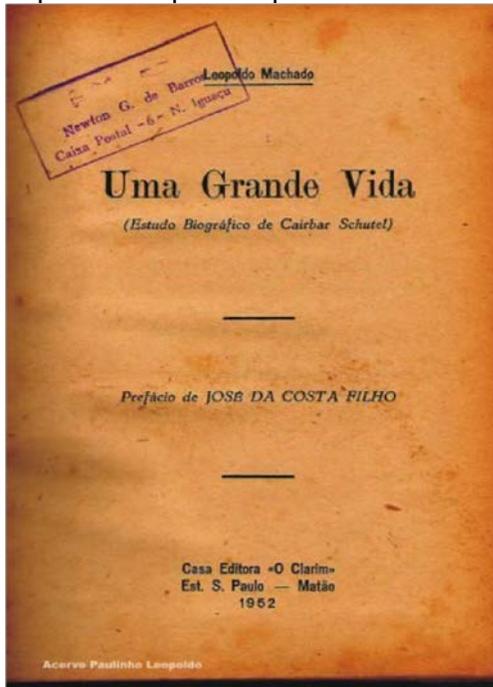
Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

Imagem 22 – Capa do livro “Graças sôbre graças”, publicado por Leopoldo Machado



Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

Imagem 23 – Capa do livro “Uma grande vida: estudo biográfico de Cairbar Schutel”, publicado por Leopoldo Machado



Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

No que tange o religioso, seus impressos apresentavam elementos teóricos a fim de melhor explicar a doutrina segundo a orientação kardecista, como *Nada lhe é no momento, Maior, Observações e sugestões; Cruzadas dos espíritos vivos; Cientismo e Espiritismo e Brasil berço da humanidade*. Neles, Leopoldo explica como pode ser entendido o conceito de cristão para o kardecista, se distanciando da concepção dogmática católica. Ele apresenta também a sua compreensão da particularidade do Brasil enquanto uma pátria capaz de desenvolver e propagar o espiritismo no continente. *O Natal dos cristãos novos* é uma publicação específica sobre o sentimento de confraternização e caridade na comemoração do nascimento de Cristo. O embate entre católicos e espíritas já aparece em *Julga leitor, por ti mesmo... Catolicismo x Espiritualismo* e os embates internos compõem as páginas de *Pigmeus contra gigantes e Sensacional polêmica*.

No que tange o aspecto educacional, os temas de seus impressos se alternam entre educação e educação espírita. Deste modo, suas peças teatrais são instrumentos para uma metodologia educacional utilizada em seu Ginásio e na ação espírita, a educação estética, ou seja, que se dá pela arte. Os textos tratavam de questões cotidianas e como poderiam ser entendidas. Naquele momento formavam-se valores que permaneceríamos jovens, seu grande público alvo, como exemplo, *Teatro Espiritualista; Teatro Espiritualista II e Teatro da Mocidade*. A declamação de poemas, assim como sua leitura e interpretação, faziam parte da formação educacional em sua escola e compunham também o seu circuito cultural. Autores consagrados como Bilac eram declamados, mas também Leopoldo Machado era lido por seus alunos. Os livros de poesias *Meus últimos versos; Idéias; e Iluminação* são seus poemas publicados.

Nos livros, *Ide e Pregai; O Espiritismo é obra de educação e Das responsabilidades maiores dos espíritas do Brasil*, Leopoldo aborda a importância da educação no trabalho espírita, desenvolvendo teses, como a apresentada no 1º Congresso Espírita Mineiro e no 1º Congresso de Jornalistas Espíritas. Em sua escrita, amplia o papel da educação:

- m) Que a educação começada na infância implica na maior garantia da grandeza e difusão de uma doutrina, de um povo, de uma nação;
- n) Que a educação perfeita depende mais do mestre que de escolas suntuosas e aparelhamentos modernos;

o) Toda doutrina carece de um programa, donde o esboço do programa educativo apresentado... (Machado, 1944 p. 5)

Dentre suas publicações, fui atraída pelo livro *A Caravana da Fraternidade*, que na edição comemorativa dos 60 anos foi assim sintetizado por Antônio Cesar Perri de Carvalho, secretário geral do Conselho Federativo da FEB:

Os caravaneiros Arthur de Vasconcelos (PR), Carlos Jordão da Silva (SP), Francisco Spinelli (RS), Ary Casadio (SP) e Leopoldo Machado (BA) saíram do Rio de Janeiro no dia 31 de outubro de 1950, com destino a Salvador. Na seqüência, passaram estado por estado, até o Amazonas, visitando todas as capitais do Nordeste e do Norte, exceção feita aos então quatro territórios, e mais Parnaíba (PI), vivendo em todas elas, inesquecíveis programas de intensa vibração doutrinária e fraternal. Lins de Vasconcelos regressou de Recife, sendo substituído pelo confrade pernambucano Luiz Burgos Filho. O médium Ary Casadio voltou de Fortaleza. Os demais caravaneiros seguiram até Belém e somente Leopoldo Machado e Luiz Burgos Filho foram a Manaus.

[...]

O autor de *A Caravana de Fraternidade* não teve pretensões literárias nesta obra, escreveu-a em estilo diário, legando-nos o único registro completo sobre a jornada que representou um significativo e histórico esforço de união e de unificação, com inestimável contribuição para a consolidação do Conselho Federativo Nacional da FEB. (CARVALHO, 2010 apud MACHADO, 2010, p. 14.)

Minha escolha recaiu neste livro por entender que ele sintetiza o esforço empreendido por Leopoldo Machado para unificar a comunidade espírita brasileira. A obra composta por crônicas de viagens publicadas em maior parte no *Correio da Lavoura* e pelo *O Clarim* traz “Descrições e impressões”, “Interferência do alto”, “Atas das reuniões”, “Repercussão no meio espírita”, “Relatórios”, “Repercussão fora do meio espírita”, “Impressões epistolares” e “Por que acreditamos no Pacto Áureo”.

Com dedicatória para Arthur Lins de Vasconcelos Lopes, o livro teve o prefácio assinado também por ele, que destacou:

Quando se tiver de escrever a história do Espiritismo no Brasil, a já agora célebre Caravana da Fraternidade que acaba de visitar onze estados do Norte do país, ocupará um capítulo de grande relevo, não só pelo exemplo primeiro de uma excursão coletiva e por conta própria dos caravaneiros, em visita fraternal a irmãos em crença, como pelos resultados práticos alcançados no desenvolvimento da Ação Unificadora do Espiritismo em nossa pátria. (LOPES, 1954 apud MACHADO, 2010, p. 17-18.)

Trata-se, pois, de um livro que aborda uma viagem em grupo, uma caravana, palavra que etimologicamente vem do francês *caravane*, oriunda do francês antigo *carouan*, termo trazido durante as Cruzadas, do persa *karwan*, “grupo de viajantes do

deserto”. (PERGUNTA, 2010, *on-line*) A expedição não percorreu o deserto, mas enfrentou consideráveis desafios.

Ao mergulhar na leitura do livro percebi que na viagem empreendida por Leopoldo Machado e seus companheiros, eles haviam percorrido grandes distâncias, objetivando reunir um número considerável de confrades e conquistar novos adeptos para a doutrina espírita em programas de rádio, conferências, palestras e visitas a instituições religiosas e educacionais.

Como tantas viagens, o livro permite observar que ela não começa nem termina no dia que se parte e no dia da chegada. O que motivou Leopoldo Machado e os demais caravaneiros a partirem rumo ao norte e nordeste? Quem eram esses homens que partiram para terras distantes? Quais foram as repercussões no meio espírita nas cidades por onde passaram?

Quais foram os desdobramentos desta viagem? Assim, instigada por tais questões, me debruço sobre as páginas de *A Caravana da Fraternidade*, entendendo que este livro se constitui em importante documento sobre a disseminação e unificação da comunidade espírita brasileira. Como tantos outros documentos, ele não é portador da “verdade dos fatos”, escrito por um dos viajantes, ele contém as visões daquele que o escreveu e publicou.

Portanto, são textos escritos enquanto a caravana passava, a poeira ainda não havia assentado. Por outro lado, as outras vozes incorporadas ao livro na dedicatória, no prefácio ou nas impressões epistolares foram selecionadas e priorizadas. Nesse sentido, compreendendo que com este livro, Leopoldo Machado procurou imprimir uma dada memória do movimento espírita no país, eu me volto para o mesmo, com o intuito de contribuir para a história da educação, a história do espiritismo, e, em particular, para a história da educação espírita brasileira.

Portanto, este estudo está estruturado em três seções. Na primeira, parto das homenagens póstumas a Leopoldo Machado, visando iluminar a importância que desempenhou em Nova Iguaçu, em que serve também de pretexto para examinar o início de sua trajetória na cidade de onde partiu em caravana. Na segunda, focalizo a viagem propriamente dita, seus objetivos, suas motivações e as principais atividades desenvolvidas. E na última seção, são interpretados os desdobramentos da viagem, procurando entender a publicação do livro, as impressões epistolares e o debate na

imprensa, como desdobramentos da própria caravana, a serviço da construção de uma dada memória, da disseminação e unificação do movimento espírita no Brasil.

1 A VIDA SEGUE: LEOPOLDO NA MEMÓRIA COLETIVA

O que se observa é que existem muitas formas de conhecer a vida de um homem, uma delas é pela sua morte. O professor Leopoldo Machado, educador e liderança espiritual atuante na Baixada Fluminense do estado do Rio de Janeiro tem suas trajetórias de vida e trabalho aqui analisadas tomando como referência uma das muitas homenagens póstumas.

Inicialmente, o falecimento do educador e seu ritual de sepultamento apontam elementos de sua posição social na cidade, em que viveu por mais de vinte e cinco anos, a cidade de Nova Iguaçu. Como a despedida dessa figura aconteceu, quem são os presentes, quais foram os procedimentos adotados são questionamentos levantados nesse momento.

O presente estudo toma como foco, a palestra de Martins Azevedo, seu exaluno e membro da Federação Espírita Brasileira (FEB), na data em que se completam trinta anos de falecimento de Leopoldo Machado, na sede da Mocidade Espírita do Brasil (criada por Leopoldo Machado em 1948). Nela encontramos trechos que, apresentam a trajetória do biografado desde sua infância no interior da Bahia até o seu falecimento. Nesse discurso expressam-se sentimentos, indicando a continuidade do educador na memória do grupo ao qual o palestrante se dirige.

A construção de monumentos, assim como certas práticas utilizadas, são recursos que contribuem para guardar e revitalizar a memória dos que ficam e também para manter vivas as identidades coletivas.

1.1 Homenagens póstumas

Os anos passam e a gente, de carne e osso, mas também de coração e alma, não se desliga no tempo e no espaço, dos amigos queridos que já se foram deste mundo, iniciando novas e surpreendentes etapas de suas vidas sempre em evolução.

Fernando de Azevedo

Após a volta da expedição Caravana da Fraternidade em 1950, sua saúde já inspirava cuidados. Nesse momento em diante, Leopoldo Machado recebe correspondências de seus confrades do norte, que já demonstram preocupação com sua saúde.

Causou-me, bem como aos irmãos de Federação Espírita Cearense, uma verdadeira obnubilação a notícia de seu recolhimento ao leito. Sabemos dos esforços excessivos para suas forças, que o querido irmão vinha desenvolvendo há longos anos e, naturalmente, sem cuidados especiais, o instrumento do trabalho baqueou! (FERITAS, 1951, apud MACHADO, 2010 p. 335-336)

Em 1952, sua saúde agravou, ficando Leopoldo Machado incapacitado de atuar em suas atividades no Conselho Federativo da Federação Espírita Brasileira, causando a especulação de alguns que acreditavam se tratar de uma questão política, como Arlindo Correia da Silva, jornalista espírita, dono e editor do impresso *O Poder*. Para eliminar dúvidas sobre a questão, Leopoldo publica no periódico em 29/06/1952, os motivos de seu afastamento:

Sentindo, de um lado, a força dos diagnósticos de médicos da Terra e de outro lado, os conselhos de amigos da espiritualidade, [...], sentindo assim que evitássemos canseiras, escadarias e trabalheiras; a par disso, alguns telefonemas que minha irmã recebeu do presidente do Conselho a respeito de nossas faltas repetidas às sessões, entendemos que só devíamos fazer o que fizemos: [...] declarar no Conselho já não podíamos comparecer. (MACHADO, 2010, p. 12)

Já em 1955, logo após a publicação do livro *A Caravana da Fraternidade*, Leopoldo pouco se deslocava para fora dos limites da cidade de Nova Iguaçu, onde veio a falecer. Deste modo, seu trabalho ficou focado na direção de seu ginásio, na direção do Lar de Jesus, sua obra de caridade e na escrita de sua última obra, a tese *Caxias um eminente iguassuano* que lhe rendeu uma cadeira na Arcádia Iguazuana de Letras, ao lado dos políticos e intelectuais da cidade. Na imagem abaixo, ele aparece na posse na Arcádia, porém sua saúde já debilitada o impediu de proferir discurso, que foi lido por seu amigo Waldemiro Pereira. Nesse momento, encontramos indícios que evidenciam as redes de sociabilidade de Leopoldo Machado em Nova Iguaçu. Como membros da Arcádia, temos políticos locais, como Getúlio de Moura, o juiz da comarca de Nova

Iguaçu, Altair Pimenta dentre outras figuras importantes e influentes com que ele convivia.

Imagem 24 – Posse na Arcádia Iguassuana de Letras²

Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

1.1.1 DESPEDIDA: O RITUAL FÚNEBRE DE LEOPOLDO MACHADO

Não é possível determinar se Leopoldo Machado sentia a aproximação de sua morte, mas ele planejou como seu sepultamento aconteceria, houve uma preparação para o momento. Leopoldo, de acordo com a afirmação de seus familiares, descreveu em seu testamento quais procedimentos seriam adotados, os locais de velório e o trajeto do cortejo. Assim, falecido em 22 de agosto de 1957, Leopoldo teve sua morte, ou melhor, desencarnar, como é entendido por sua religião, conforme sua vontade, ritualizado em cortejos, velórios em espaço público e discursos calorosos de figuras da comunidade. Os relatos de familiares afirmam que representantes das correntes religiosas locais, como católicos, espíritas e protestantes, assim como representantes de instituições de ensino público e privado

² Pela ordem, da esquerda para a direita, em pé: Newton de Barros, Raul Meirelles, Luiz Azeredo, Alcindo Raphael, Deoclécio Dias Machado, Altair Pimenta, Cial Brito, Waldemiro Pereira, Heitor Pinto Da Silva, Zilmar De Paula Barros. Da esquerda para a direita, sentados: João Barbosa, Francisco Manoel Brandão, Rui Afrânio Peixoto, Leopoldo Machado, Pedro Calmon, Getúlio Moura e Ybicuy Tinoco de Magalhães.

estavam presentes em todo o processo.³ Despedidas foram publicadas, seu falecimento foi acompanhado, e depois narrado detalhadamente por seus pares.

De acordo com os teóricos que abordam os rituais e representações fúnebres, as atitudes em vida garantiam, tal como já descrito por Ariès (1981; 1989), o destino da alma pós-morte:

[...] as boas condutas seriam recompensadas na esfera celeste e as más condenadas ao fogo do inferno. A esses dois elementos foi acrescentada a idéia de purgatório no século XVI: um lugar intermediário que tem por função purificar as almas que cometeram pecados brandos até estarem prontas para irem ao céu. Neste período onde purgam os pecados, podem receber ajuda dos vivos através de orações, velas, missas, entre outros. (ARIÈS, 1981 apud HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2008, p. 50)

Marisete Teresinha Hoffmann-Horochovski em sua tese de doutorado, afirma que a imagem, “tripartida”, predominou a partir do século XVII, e reinou de forma absoluta no século XVIII, invertendo a antiga ordem tupi-guarani: agora são os vivos que auxiliam os mortos e não mais os mortos que coordenam as atitudes dos vivos (KOK, 2001). Com a interdição da morte ritual, a imagem da morte ideal é a do indivíduo batizado, que se conscientiza da sua morte e, principalmente, se prepara para morrer.

Leopoldo morreu em casa, acompanhado por seus amigos e familiares, Waldemiro Pereira, amigo de Leopoldo e líder da seção do Partido Comunista em Nova Iguaçu, publica o texto “Os últimos instantes” no *Correio da Lavoura* de 27 de agosto de 1957, cinco dias após o falecimento de Leopoldo. Nele, o autor descreve um Leopoldo debilitado, mas ainda expressando sua espiritualidade:

–Seu Leopoldo não está passando nada bem, disse-nos a Eukena, nessa frase, qual verdadeiro eco, que vínhamos ouvindo há algum tempo... Seria mais uma preparação do nosso Leopoldo para a grande jornada? Talvez...
[...]
Não havia melhoras. Sentávamos nosso doente. Trocávamos seu pijama. Orávamos baixinho... pedíamos ao Zarur para avisar o Tio Juca e a todo o Brasil.
[...]

³ Afirmação feita em entrevista com o sobrinho de Leopoldo Machado, Paulinho Leopoldo. Além disso, a informação está disponibilizada no site do Colégio Leopoldo para leitura e pesquisa.

–Façam uma prece, foi seu pedido de verdadeiro convicto. Proferimo-la num tanto tímidos para não perturbarmos no delicadíssimo momento do desenlace.

–Vá irmão Leopoldo. Pode partir sem preocupação – diz o –Quintela.

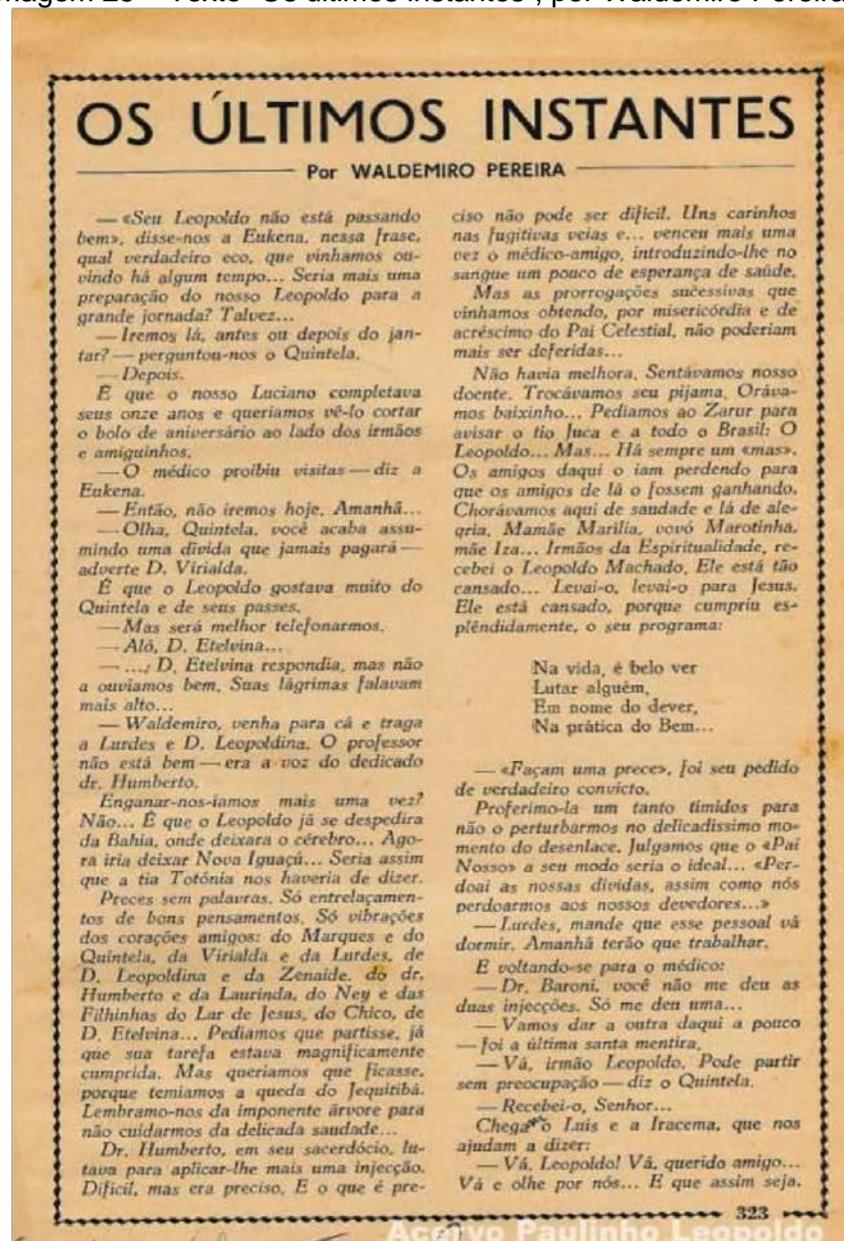
–Recebei-o, Senhor...

Chegam o Luiz e a Iracema, que nos ajudam a dizer:

–Vá, Leopoldo! Vá querido amigo.... vá e olhe por nós...E que assim seja.
(CORREIO..., 1957, p. 23)⁴

⁴ Também foi publicado posteriormente em livro de memória de Waldomiro Pereira.

Imagem 25 – Texto “Os últimos instantes”, por Waldemiro Pereira



Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

Nesse momento o ritual fúnebre de Leopoldo pode ser considerado iniciado. Sendo espírita ele não recebe a extrema-unção, sacramento que, de acordo com a crença católica, prepara o espírito para o encontro com Jesus Cristo, porém ele passa por um ritual de preparação para sua morte, que acontece com preces de seus amigos.

O ritual fúnebre de Leopoldo pode ser compreendido por meio de fotografias da ocasião, conforme vê-se em fotos tirada de cima de um caminhão estacionado na esquina da Av. Marechal Floriano Peixoto, esquina com Coronel Francisco Soares.

Imagem 26 – Cortejo de sepultamento de Leopoldo Machado



Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

Imagem 27 – Cortejo de Leopoldo Machado passando pela Avenida Getúlio de Moura



Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

O cortejo saiu de sua escola, fazendo parada no centro espírita Fé, Esperança e Caridade e depois seguindo para o sepultamento no cemitério municipal de Nova Iguaçu, no centro do município, com cerca de dois quilômetros de distância do seu ginásio e marco inicial do ritual de sepultamento.

Segundo os estudos de Dias, Almeida e Vieira (2012), que interpretaram os rituais fúnebres brasileiros do século XX à luz de Ariés (1981), torna-se possível compreender como a despedida do mundo dos vivos pode acontecer. A importância da figura permanece na sua morte.

Desde a instauração dos rituais de despedidas pós-morte, até a conformação das benfeitorias, garantindo a manutenção da importância e influência do morto sobre o seu grupo social em uma relação de reciprocidade, onde a tarefa dos que ficaram eram resguardar para que os mortos não enfrentassem os riscos que constituía a passagem à esfera transcendental. Nesse aspecto as práticas ritualísticas de condução do morto diziam e muito para o seu sucesso depois de morto. Os detalhes das sequências destas práticas, na qual se iniciava com o arrependimento na hora da comunhão, passando pela extrema unção; e a vestimenta; o cortejo amplo do corpo; até sua missa e consequente enterramento, baseava-se nos padrões preestabelecidos que garantiam que o bom vivo, ou seja, era aquele que possuía grande quantidade de pessoas no enterro, demonstrando prestígio social e aquele que pertenceria à memória coletiva durante grande espaço de tempo, também teria mais facilmente acesso ao terreno celeste. (DIAS, 2012, p. 98)

Imagem 28 – O caixão de Leopoldo Machado



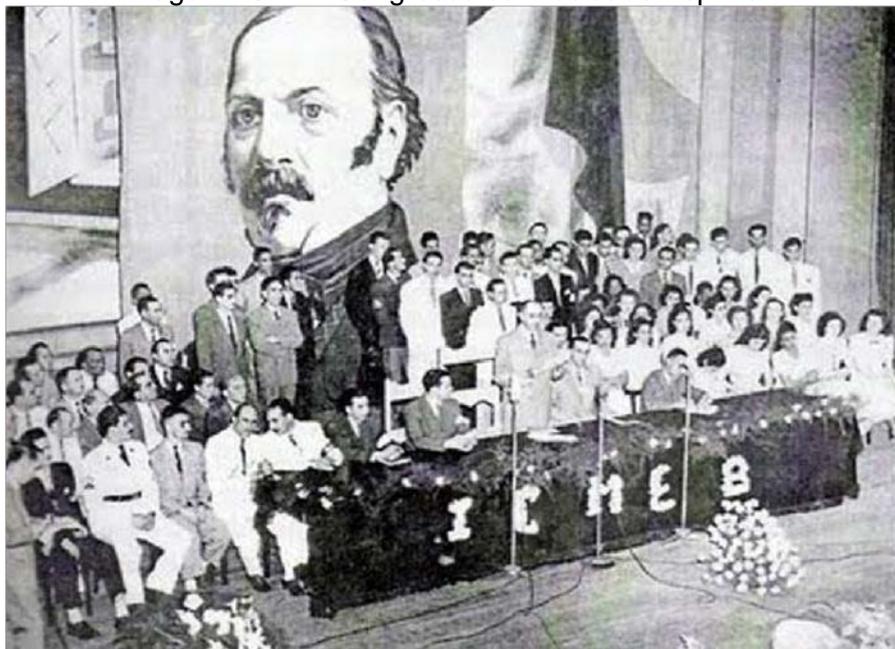
Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

Ao longo dos anos, a pesquisa assinala várias ações visando rememorar dessa figura, como a inauguração do seu busto, localizado no pátio de sua escola, a sua escolha como patrono de instituição de ensino público estadual e a reedição de seus livros. Leopoldo permanece vivo na memória de quem o recorda. E quem realiza tal exercício, não faz apenas uma retrospectiva de sua vida, mas também recorda a jornada profissional de um educador atuante, no processo de expansão da oferta de escolarização da Baixada Fluminense, no início do século XX.

Quando a homenagem é interpretada a luz dos teóricos que analisam a memória, como Chauí (2002 apud CARDOSO; MORAES, 2014), se observa a importância do lembrar, de lembrar fatos, de contar ações e experiências, recuperando aspectos do passado construído socialmente.

Para entendermos o cenário em que o autor da homenagem se situava à época, em 1987, precisamos voltar ao ano de 1948. Nesse momento, Leopoldo Machado em companhia de sua esposa, Marília Ferraz de Almeida Barbosa, idealiza o 1º Congresso de Mocidades Espíritas, onde agregavam todos em seu projeto de unificação. Naquele espaço, jovens iniciavam seus estudos e atuavam na disseminação e propagação da doutrina. Esse projeto se estende ao longo dos anos, sendo realizado também em outros estados do Brasil. Nesse mesmo congresso, décadas após seu início e exatamente trinta anos após o falecimento do professor Leopoldo, é realizada a homenagem póstuma aqui estudada, na fala de Luiz Martins de Azevedo, um admirador e discípulo de seus ensinamentos.

Imagem 29 – 1º Congresso da Mocidade Espírita



Fonte: FEAL (2016)

Em palestra, ele percorre a vida do homenageado, apresentando-o em suas múltiplas faces, tecendo suas redes de sociabilidade e demonstrando sua admiração e afetuosidade. Aqui tratamos de um texto extenso, que para fins de análise será

recortado, de modo a focar nas menções à atuação educacional. O trecho a seguir pode ser muito esclarecedor.

Parece que foi há pouco o ocorrido e, no entanto, aqui nos encontramos reunidos, pessoas afins, lembranças e saudades muito vivas, presentes mesmo, em homenagem à memória de Leopoldo Machado Barbosa, que há precisamente 30 anos, por determinação do Alto, pôs um ponto final na sua brilhante trajetória terrena, despedindo-se de tudo, dos amigos e admiradores, deixando obras e exemplos de conduta edificante, para seguir adiante, no caminho que um dia nós todos seremos chamados a percorrer em busca da verdade, em busca da paz e amor em comunhão espiritual. (AZEVEDO, 1987, *on-line*)

Quando o autor usa os termos “lembranças e saudades muito vivas” ele expressa a ação de rememorar, deixando claro que estão embutidos sentimentos, e a sua memória, que não é apenas sua, uma vez que ele usa o termo “nos encontramos” e seleciona o que foi marcante para o grupo. Marilena Chauí, entende a rememoração enquanto um fenômeno, onde:

[...] selecionamos e escolhemos o que lembramos e a lembrança, como a percepção, tem aspectos afetivos, sentimentais, valorativos (existem lembranças alegres e tristes, saudade, arrependimento, remorso). [...] também não se pode explicar o esquecimento, pois se tudo está espontânea e automaticamente registrado e gravado em nosso cérebro, não poderíamos esquecer coisa alguma, nem poderíamos ter dificuldade para lembrar certas coisas e facilidade para recordar outras. (CHAUÍ, 2002 apud CARDOSO; MORAES, 2014, *e-pub*)

Para Bosi (1994), através da memória pessoal, reconstruímos um momento social coletivo, como uma colcha de retalhos, costurada parte por parte montando um quebra cabeça. A palestra pode aqui ser comparada a um “relato primordial” expressão usada por Bosi, onde o relato da convivência e dos estudos sobre Leopoldo Machado é feito por Luiz Martins.

Num segundo trecho da palestra, Azevedo apresenta as faces de Leopoldo.

Homem de princípios morais inalteráveis, de caráter firme e personalidade inconfundível, superou muitos obstáculos desde o nascimento na localidade de Cepa Forte, em condições humildes, quase sem recursos para sobreviver dignamente, mas aos poucos foi conquistando aqui e ali, com esforço e determinação, com fé e esperança porque acreditava em sua capacidade de trabalho, títulos e mais títulos que o notabilizaram como jornalista, escritor e poeta, biógrafo, teatrólogo, educador[...] No jornal, no rádio e na tribuna, polemista que era por índole, defendeu por aia fora com entusiasmo e brilhou, pregou e propagou com resultados magníficos a Doutrina codificada por Allan Kardec, idealizou e animou esplendidamente o movimento das Mocidades Espíritas e muitas obras sociais. (Azevedo, 1987, *on-line*)

Através da citação, podemos conhecer a cidade natal de Leopoldo, suas adversidades para chegar a ser homenageado. Aqui, ele é apresentado em uma curta narrativa desde o seu nascimento. Sua atuação profissional também já é mencionada desde o início, perpassando todo o texto, assim como sua atuação na liderança religiosa. Azevedo, em sua palestra dedica vários trechos ao educador Leopoldo Machado, o foco nesse momento:

Mas falemos agora somente de Leopoldo, o educador. Ligado de corpo e alma a Nova Iguaçu, cidade que ele escolheu de coração para concluir com admiração geral, a etapa derradeira de sua vida grandiosa.... (Azevedo, 1987, *on-line*)

Deste modo, 13 parágrafos descrevem os fatos que culminam na mudança de Leopoldo para o município de Nova Iguaçu. apresentando como principal justificativa o convite do coronel Alberto Melo para a fundação de uma nova instituição de ensino no município que iria administrar. Uma significativa pertinência nessa parte da homenagem, se dá ao fato da mesma pretender ser tão minuciosa, ao ponto de reproduzir possíveis falas em forma de diálogo entre Leopoldo Machado e seus pares:

[...] Tempos depois indo à Paraíba do Sul para instalar a sucursal do Colégio Nacional, não se deu bem naquela cidade fluminense, mas teve a feliz oportunidade de se avistar com o Cel. Alberto Melo, de família das mais tradicionais de Nova Iguaçu. Falou-lhe então o respeitável político, que já o conhecia de nome, pois três de seus filhos tinham sido alunos de Leopoldo: –Por que não vai abrir um colégio em Nova Iguaçu? Eu vou ser prefeito daquele Município. Será a primeira simpatia que terá ali. Leopoldo sorriu e aceitou a sugestão. Veio para Nova Iguaçu e fundou o Ginásio Leopoldo, hoje Colégio. Um dos nossos educandários particulares mais conceituados, superando até os demais, porque foi o primeiro a implantar aqui o ensino organizado e oficial. (Azevedo, 1987, *on-line*)

A palestra não deixa claro, ficando a indagação: como o autor sabe as palavras utilizadas para a partir delas montar o diálogo? Ele teve a felicidade de presenciar o encontro? Como já mencionado, a palestra não aponta indícios de como o autor soube da conversa. Assim podemos entender a memória que ali é impressa como uma construção influenciada pelos que lhe passaram o fato. Maurice Halbwachs, segundo interpretação de Bosi (1994) aponta a memória como um fenômeno social, ou seja, a memória individual do autor foi influenciada pelas memórias de quem relatou tal fato, mesmo que tenha sido feito pelo próprio Leopoldo ou coronel Alberto Melo, ela não seria uma transcrição fiel, pois estariam sendo lembradas no contexto cultural em que eles estariam atualmente.

A escrita de Azevedo deixa claro essa influência também no fato de afirmar sua proximidade com Leopoldo, com quem dialoga rotineiramente, como afirma no trecho a seguir.

A mim, por exemplo, fazia freqüentes recomendações, escrevia bilhetes, telefonava, lembrando providências necessárias até um belo soneto de exaltação a Nova Iguaçu que, depois da Arcádia, esperava que lhe dessem também Teatro Moderno e Biblioteca Pública, seus três maiores ideais. (AZEVEDO, 1987, *on-line*, grifo nosso)

Mesmo Azevedo, personagem de conversas com Leopoldo, na ocasião em que formulou seu texto, décadas depois do ocorrido, não teria conseguido descrevê-las como um filme, pois sua memória e construção feitas a partir do ocorrido, enfatizariam algumas falas, esquecendo ou até camuflando outras, num exercício nostálgico de relembrar.

1.2 Início da jornada na terra dos laranjais

Ao Seguir as pistas deixadas por Azevedo, volto ao ano de 1930, na cidade de Nova Iguaçu, para melhor compreender o projeto educacional de Leopoldo Machado. Como era a cidade que o acolheu?

Um dos principais problemas enfrentados no estudo da região refere-se à falta de documentos preservados. Marques (2005) destaca a importância dos memorialistas da região, indivíduos que preservaram por vontade própria, diferentes tipos de documentos históricos, constituindo uma importante fonte para pesquisas:

Os memorialistas da Baixada Fluminense desempenharam relevante papel na construção do passado local. Sem a sua contribuição, não teria sido possível preservar as fontes nem constituir uma dada interpretação desse passado, com sua respectiva visão de mundo. Os documentos oficiais, como ocorre com frequência entre nós, teriam se deteriorado ou se tornado peças de acervos particulares [...] (MARQUES, 2008, p. 22).

A partir da década de 1930, importantes mudanças começaram a ocorrer na cidade de Nova Iguaçu. Nas imagens 30 e 31, que trazem uma comparação de imagens da área central da cidade nas décadas de 1930 e 1940, podemos perceber esse crescimento:

Imagem 30 – Panorama de Nova Iguaçu



Fonte: Crivello (2012)

Na imagem, podemos notar que a foto foi tirada pelo lado da Serra da Madureira, mostrando a área mais plana onde ocorreu a maior parte da expansão da cidade. Todo este espaço encontra-se atualmente tomado por diversos tipos de construções, residenciais e comerciais. Em primeiro plano é possível perceber o laranjal que ocupa vasta área, inclusive atrás da igreja de Santo Antônio de Jacutinga. As construções são em número reduzido, com traçado urbano ainda indefinido. Na foto, é possível ver uma única rua. (CRIVELLO, 2012)

Imagem 31 – Panorama do Centro de Nova Iguaçu na década de 1940



Fonte: Crivello (2012)

A figura acima traz uma foto panorâmica tirada em posição oposta à da imagem anterior. Torna-se possível perceber ao fundo a Serra da Madureira, e em sua base as plantações de laranja. Também se observa a predominância de construções em relação à imagem anterior. Na área aos fundos, e nas laterais da igreja, onde antes existiam laranjais, agora se encontram diferentes edificações. Percebemos assim um início da transformação da lavoura em área urbana. O traçado das ruas também se mostra mais forte e geométrico do que na Imagem 30.

Um dos principais destaques que diz respeito à organização social da cidade de Nova Iguaçu, na década de 1930, tem relação com a questão do saneamento básico. Até à década de 1930, duas características marcantes eram observadas nas políticas públicas de saneamento no Brasil: a presença forte dos serviços municipais e a delegação do serviço ao setor privado. Lopes (1994) destaca que, apesar dos recursos pouco disponíveis, questões culturais também implicavam na pouca atenção recebida pelas ações de saneamento.

A Baixada Fluminense era então uma área predominantemente rural do estado do Rio de Janeiro, que foi alvo de políticas públicas, associadas às propostas de construção da nação brasileira nas décadas de 1910 e 1920, resultado dos ideais republicanos (FADEL, 2009). Após as reformas urbanas realizadas no Distrito Federal, a Baixada Fluminense ficou marcada como uma região insalubre, considerada uma ameaça para a cidade reformada. Desta forma utilizou-se então o saneamento rural como uma ferramenta de intervenção, para promover a recuperação de regiões insalubres e torná-las habitáveis e economicamente produtivas, além de melhorar a saúde da população.

Os loteamentos atraíram a população, pois se tornou lucrativo, sendo difundido nos principais jornais do centro do Rio de Janeiro. Mendes (1949, p. 34), falando sobre a questão, enfatiza que o retalhamento de terras propiciou fartos lucros aos negociantes que passaram, então, a vender os lotes rurais. Depois de propaganda feita nos jornais da capital, sobre as oportunidades que oferecia a cultura da laranja para um rápido enriquecimento. O slogan *–laranja no pé, dinheiro na mão –* foi largamente difundido. Nova Iguaçu, em pouco tempo, passou a ser o destino de diversos imigrantes seduzidos pelo discurso do enriquecimento rápido, vindos dos municípios em torno e de outros estados.

Quadro 2 – Nova Iguaçu: Resultados censitários entre 1779-1950

Ano	Número da População
1779/1789	13.054
1795	17.022
1821	18.705
1879	21.703
1892	24.226
1920	33.396
1940	140.606
1950	145.649

Fonte: Pereira (1969, p. 43)

Dentro desse contexto surge a tentativa do governo do Rio de Janeiro em instaurar prefeituras, com base nas políticas pró-saneamento do governo federal. Embora

houvesse um consenso entre os dirigentes locais do município de Nova Iguaçu sobre a importância da introdução de uma estrutura sanitária adequada na região, a intervenção do Estado gerou conflitos pelo controle do poder local. Desta forma, este se tornou um evento que revelou forças integrantes da sociedade política no município e seus projetos de poder, além de evidenciar tensões que perpassaram a constituição da almejada modernidade para Iguaçu. (DIAS, 2012)

A cultivo da laranja no entorno da Guanabara é bastante antiga, e seus primórdios remetem ao início da ocupação na região, sendo que esta ficou durante séculos assumindo um caráter subsidiário, pois atendia apenas o consumo local, chegando, no máximo, de forma acanhada, a alcançar o mercado da cidade do Rio de Janeiro. (MENDES, 1949)

Tal atividade começa a galgar os espaços do município de Nova Iguaçu no final do século XIX, despertando o interesse dos proprietários produtores de laranja em investirem nas primeiras obras de drenagem no município em tela, antes mesmo das intervenções do governo federal, no que tange ao saneamento da região, que só viria acontecer, significativamente, na década de 1930.

Desde então, começaram as investidas dos proprietários produtores de laranja em conseguir exportar o produto. Mendes (1949, p. 33), ao discutir sobre assunto, afirma que:

[...] no ano de 1886, tentativas feitas para exportação de laranja do Rio para os países do Prata não obtiveram resultados, em virtude da forte barreira alfandegária encontrada na República Argentina e no Uruguai. Somente a partir de 1910, reiniciaram --se, com certo êxito, as remessas de frutas cítricas do Rio de Janeiro para os países platinos; o grande surto da exportação da laranja, entretanto, só se inicia a partir de 1926, quando os mercados da Europa Ocidental, especialmente os da Grã-Bretanha, passaram a consumir laranja brasileira em larga escala. Neste momento, a inserção da laranja no cenário iguaçuano modificou a estrutura sócio espacial sem perder seus traços rurais, pois, como afirma Pereira (1977, p.118), "laranjais substituíam antigos cafezais e canaviais; laranjeiros substituíam barões e oficiais da Guarda Nacional; bangalôs e barracões de beneficiamento de frutos substituíam casas de fazendas e senzalas". Sendo assim, a laranja acabou contribuindo para ampliar o poder e a influência das famílias tradicionais que neste município possuíam suas terras, aumentando ainda mais as riquezas da elite local.

O apoio dado pelo governo fez com que a produção de laranjas se tornasse a principal atividade econômica da região. Em 1923, foi criado o Sindicato Agrícola de Nova Iguaçu, que procurava unir os interesses dos produtores e exportadores da fruta.

Em um relatório do Ministério da Agricultura de 1938, a laranja surgia com destaque entre os produtos exportados pelo Brasil. Tamanho sucesso do fruto fez com que o município ficasse conhecido na época como a “Cidade Perfume”, em função do aroma de laranjas e flores de laranjeira que tomava conta das ruas da cidade.

Quadro 3 – Volume e faturamento da exportação de laranjas produzidas em Nova Iguaçu

Ano	Caixas	Valor
1927	359.837	5.909:536\$
1928	560.906	10.012:639\$
1929	943.351	15.307:253\$
1930	812.207	16.075:677\$
1931	2.054.302	47.552:722\$
1932	1.930.138	40.179:070\$
1933	2.554.258	54.894:171\$
1934	2.621.827	56.189:240\$
1935	2.640.420	61.989:066\$
1936	3.216.712	75.530:674\$

Fonte:
Pereira (1969, p. 45)

Inicialmente quase não havia beneficiamento das laranjas. O produto era colhido e depositado em sacos ou em caixas, sem cuidado algum no armazenamento e na seleção ou classificação dos frutos, fazendo com que muito fossem esmagados, e boa parte da produção desperdiçada. A higienização e o transporte dos frutos também deixavam muito a desejar. Com o sucesso alcançado pela laranja e a rentabilidade gerada aos cofres públicos, a associação de fruticultores se fortaleceu. Por meio de financiamento federal foi comprada a primeira *Packinghouse* (posto de embalagem de laranjas). A máquina fazia a seleção dos frutos por seu tamanho e pelo aspecto, além de lavar, secar, embrulhar e encaixotar as laranjas. (SOUZA, 1992)

Os quadros apresentam significativos indícios para tentarmos compreender as motivações que levaram Leopoldo Machado à cidade do Iguassú. O convite para a instalação de seu ginásio ajudou, mas com pensamento estrategista, ele pode perceber ali, espaço para crescer, expandir. Como mencionado anteriormente, era amplamente noticiado o progresso da cidade, sendo ele também um dos imigrantes que buscava prosperar junto ao município.

O progresso trazido pela laranja fez com que o poder público investisse na abertura, construção e melhoria das estradas que levavam até a cidade, como forma de

ampliar a vazão da produção, além de facilitar o acesso dos moradores à sede do município.

A estrada de ferro era de grande importância para a cidade, em virtude de permitir o escoamento da produção e o deslocamento dos trabalhadores.

Até o fim do ciclo da laranja, a cidade de Nova Iguaçu nada mais foi que duas longas ruas, uma de cada lado da estrada de ferro, e nelas se alinhavam residências e estabelecimentos comerciais, sendo que estes, assim como a praça, o cinema, a prefeitura e a matriz, se situavam nas proximidades da estação. (SOARES, 1960, p. 74)

O processo de ocupação dos subúrbios tomou, a princípio, uma forma tipicamente linear, localizando-se as casas ao longo da ferrovia e, com maior concentração em torno das estações. Aos poucos, entretanto, ruas secundárias, perpendiculares à via férrea, foram sendo abertas pelos proprietários de terras ou por pequenas companhias loteadoras, dando início assim a um processo de crescimento radial, que se intensificaria cada vez mais com o passar dos anos. (ABREU, 1996, p. 50).

Os distritos que formavam a cidade apresentavam significativa diferenciação espacial. O documento da Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (FUNDREM, 1977), assinala esta diferenciação:

Na época do apogeu da citricultura, três áreas de características diferentes podiam ser distinguidas nos distritos que então formavam o município de Nova Iguaçu. A primeira, compreendendo os distritos de Cava, Queimados, Xerém e Estrela, caracterizava-se por uma população rarefeita, pelo relevo acidentado e pela presença de pântanos, florestas e latifúndios. A segunda correspondia ao distrito sede, intensamente aproveitado pela citricultura, apresentando uma numerosa população rural e terras já fragmentadas. Numa terceira área, mais próxima ao então Distrito Federal, e compreendendo os distritos de Nilópolis (antigo São Mateus), São João de Meriti e Duque de Caxias, a urbanização fazia notáveis progressos. (FUNDREM, 1977, p. 18)

No que concerne à atuação municipal, a década de 1930 foi a que mais sofreu melhorias em sua organização espacial, Abreu (1996) indica que essa organização foi custeada pela boa fase da laranja, base da economia iguaçuana. Entre elas, figuram: 1) inauguração de 14 estradas, perfazendo um total de 90 quilômetros, maximizando a inter-relação entre os centros agrícolas e o centro de Iguassú; 2) instalação dos packinghouses; 3) construção do hospital do Iguassú, localizado no bairro do Caonze em 1935; 4) instalação dos primeiros estabelecimentos bancários; 5) abertura de cinco cartórios no município em 1935; 6) as áreas que eram desprovidas de energia elétrica

passaram a ser atendidas após o contrato com a municipalidade, em 1932, para o fornecimento pela Vera Cruz.

Tais melhorias contribuíram para que o município ampliasse seu centro comercial, pois, apesar da população não residir na cidade, possuía com ela uma relação muito íntima e frequente por contado deslocamento diário para o transporte de laranja, fazendo com que o centro do município fosse muito superior às necessidades da população residente na cidade.

1.2.1 A EDUCAÇÃO EM NOVA IGUAÇU

Soares aborda a estrutura do centro Iguaçu ano, afirmando que, em 1934,

[...] só a cidade de Nova Iguaçu já possuía 267 estabelecimentos comerciais. Mais da metade deles (186) se concentravam em cinco categorias de estabelecimentos (gêneros 78; bares e botequins, 53; barbeiros, 24; tecidos e armarinho, 18; bombas de gasolina, 13) bem típicas de uma população, que, não residindo na cidade, aí vinha, com frequência, para comprar gêneros e tecidos para confecção de vestuário e para cortar o cabelo e, como não tinha onde ficar na cidade, fazia dos bares e botequins o seu ponto de conversa, repouso e alimentação. Finalmente, a existência em Nova Iguaçu de cinco depósitos (açúcar, bebidas, carvão, cigarros e álcool) estava ligada ao seu papel de centro distribuidor dessas mercadorias de primeira necessidade às pequenas vendas do meio rural. (SOARES, 1962, p. 211)

Na citação de Soares, temos o panorama comercial da cidade, porém não é mencionado o espaço escolar. Em uma cidade com grande expansão social, econômica e populacional, como era o seu cenário educacional, qual a importância dada à educação no momento da chegada de Leopoldo?

Ao longo do estudo, o que se observa é que a importância educacional era pequena e pouco crescia. O número de vagas disponíveis era insuficiente para o atendimento da população. Os grupos escolares se organizavam conforme legislação de reforma do ensino do Distrito Federal de 1925.

A distinção entre escola de 1º grau e escola de 2º grau consistia na seriação do ensino ofertado. O grau elementar era ministrado em escolas de 1º grau, com duas séries; o grau médio era ministrado em escolas de 2º grau, com três séries; as escolas de 3º grau eram equipadas com o curso integral, de 5 séries de ensino (grupos escolares). (DIAS, 2012, p. 108)

Dias (2012), em seus estudos sobre a estrutura e organização de funcionamento do ensino do município de Nova Iguaçu, a partir dos relatórios emitidos pela Inspeção

Escolar, apresenta elementos para compreender como a escolarização na década de 1930 se estruturava na cidade.

No ano de 1929, a escola mista de *1º grau* de Bomfim, nº 34, tinha sede no 5º distrito do município de Iguaçu. Em maio de 1931, localizava-se em Rancho Novo, era composta por classes de 1ª e 2ª séries com total de 23 alunos. Em março de 1932, a escola funcionava com três classes na 1ª série e um total de 57 alunos. Em 1935, possuía 27 alunos distribuídos entre três classes na 1ª série e uma classe na 2ª série, com a 2ª série formada por duas alunas. Em março de 1937, a escola era identificada como mista de *2º grau* de Nova Iguaçu, nº 6, e passava a ofertar também a 3ª série do ensino. (DIAS, 2012, p. 108)

Pelos números apresentados, podemos considerar que a demanda do distrito não era atendida. Nova Iguaçu tinha em sua composição social uma elite que não encontrava em sua cidade ou nos arredores, local para a educação de seus filhos, tendo então que recorrer à capital, seja para iniciar ou prosseguir com seus estudos. Leopoldo Machado, chega a Nova Iguaçu, com seu projeto educacional, divulgando seu trabalho junto a um jornal da capital

Nesse período, o jornal O Globo, com o título **“A instrução em Nova Iguassú”**, noticia.

Recebemos os prospectos do Gymnasio Leopoldo, estabelecimento de educação e ensino que se funda em Nova Iguassú, próspero município fluminense. O Gymnasio destina-se ao ensino secundário, livre de comércio, primário, dactilografia, música (teoria, solfejo, piano e violino), pinturas, trabalhos femininos, de arte e de luxo, etc... , etc... É seu diretor o professor Leopoldo Machado Barbosa e o corpo docente é constituído de professores de reconhecida capacidade e tirocínio. A municipalidade subvenciona-o, sua sede é à rua Marechal Floriano. (ACERVO PAULINHO LEOPOLDO, 1930, *on-line*)

A preocupação municipal nesse momento não demonstrava a intenção de expandir a estrutura pública da educação, uma vez que os números acima mencionados pouco mudaram ao longo dos anos. A massa trabalhadora da laranja viu erguer e expandir uma instituição escolar subsidiada pela verba pública, e em princípio, dificilmente seria utilizada por seus filhos.

Governante municipal escolhido para a cidade do Iguassú em dezembro de 1929, o Coronel Alberto de Mello, que já conhecia Leopoldo quando ele foi professor de seus filhos na capital, publica decreto 330 em diário oficial local:

O povo do Município de Iguassú, Estado do Rio de Janeiro, por seus representantes, em sessão extraordinária, realizada em 28 de janeiro de 1930, resolveu:

Art. 1º - Fica o sr. Prefeito autorizado a subvencionar o Gymnázio Leopoldo, nesta cidade, com a importância de quinhentos mil réis (500\$000), mensaes, logo que o mesmo entre em pleno funcionamento, isentando-o também de quaesquer impostos municipaes.

Art. 2º - Ficam abertos os necessários créditos

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Nova Iguassú, 30 de janeiro de 1930

A mesa: (a.a.) Peregrino Esteves de Azevedo
Gaspar José Soares. (ACERVO PAULINHO LEOPOLDO, 1930, *online*)

Como foi apresentado anteriormente, as propagandas sobre o Gymnazio já se espalhavam. A publicação em Diário Oficial pode ser entendida como uma formalização de algo já decidido. Em Nova Iguaçu, Leopoldo encontra local de trabalho, espaço, financiamento e isenção de impostos. A aproximação com a esfera pública explícita desde o início do projeto se intensifica e estende por décadas.

O prédio escolhido estava localizado junto ao centro comercial, na rua Marechal Floriano, em frente à linha do trem.

Imagem 32 – Lateral da fachada do Gymnasio Leopoldo



Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

O que se observa é que sua arquitetura não sugere ser um espaço domiciliar, assim como também sua localização pois a rua era destinada a edificações comerciais. O espaço tinha dois andares, no térreo ficavam o refeitório, o espaço para o administrativo, uma área livre para educação física e dormitórios para o internato. Com muro baixo e de alvenaria na frente, o Gynázio tem seu limite com o vizinho determinado por cerca de madeira. Mesmo sendo um prédio central, ainda encontramos indícios de estrutura rural.

No que tange essa questão, a educação no Distrito Federal estava em um momento especial. O uso de uma edificação mais próxima a um prédio, do que a uma casa, sugere que tanto o poder público, quanto Leopoldo estão cientes das políticas públicas de educação sobre os prédios escolares no período. Fernando de Azevedo, em seu mandato como Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, desde sua posse em 1927, já levanta a bandeira dos prédios escolares, entendendo esses espaços como de proteção higiênica para melhor formação da população escolar. As adaptações em casas alugadas, gradativamente cederam espaço aos prédios com objetivos de atendimento educacional.

O edifício escolar torna-se portador de uma identificação arquitetônica que o diferenciava dos demais edifícios públicos e civis ao mesmo tempo em que o identificava como um espaço próprio – lugar específico para as atividades de ensino e do trabalho docente.

(SOUZA, 1998 apud SOUZA, 1992)

A sede foi provisória, sendo utilizada por cinco anos. Nela ainda encontram-se traços de adaptações, mas, nesse sentido, é possível perceber progresso e conectividade das ações no município do Iguassú com as ações do Distrito Federal.

Por outro lado, lançando mão da Imprensa, Leopoldo faz propagandas de sua nova instituição. Nesse material, seu Ginásio é apresentado à comunidade. A imprensa aqui aparece como aliada do educador, que publicava em jornais de toda a Baixada, como o “Nilópolis Jornal”, “Correio da Noite” e também da capital, como o jornal “O Globo”.

Imagem 33 – Propagandas de Leopoldo Machado de sua nova instituição

Acervo Paulinho Leopoldo

Gymnasio Leopoldo

Estabelecimento de educação e ensino sub-
vencionado pela Municipalidade.

Director — Prof. Leopoldo Machado Barbosa

Cursos: Secundario, com bancas de exames officia-
es; ensino livre de *Commercio*;
Admissão ao Collegio Pedro II,
aos collegio equiparados ou de exames officializados (este inclu-
sive) ás Escolas Normaes de Niteroy e da Capital Federal, ao
Collegio Militar, a concursos, etc.; *Primario*; *Musica* (theoria,
solfejo e piano); *Prendas Femininas*; *Trabalhos Domesticos*;
Dactylographia etc., etc.

Internato para meninos, reduzido, tratamento em familia;
Semi-Internato e *Externato* para os dois sexos.

Instrução Militar que permitta os alumnos, na idade
propria, conseguirem caderneta de
reservista.

Educação Physica por meio de gymnastica educativa,
respiratoria, exercicios de resisten-
cia. O *Foot-Ball* é della excluido,
sem meios violentos, tampouco de-
primentes do caracter dos educandos,
baseada nos mais convincentes prin-
cipios de justiça.

CONTRIBUIÇÕES MODICAS

Qualquer outra informação, prospecto, na secretaria do Gym-
nasio, á rua Marechal Floriano, 260—Nova Iguassú.

Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

A propaganda apresenta elementos interessantes, pois esclarece como a instituição foi organizada. Primeiramente, destaca-se a sua posição. A propaganda ocupa um quarto de página do jornal *Correio da Lavoura* do dia 02/02/1930, na folha 7. O tamanho da publicação pode indicar o tamanho do projeto e do investimento feito nele, a data, no início do período escolar, torna-o uma chamada aos responsáveis que nesse momento precisam escolher uma instituição para matricular seus filhos.

O impresso também é fonte, no que diz respeito aos estudos sobre a cultura material escolar, pois conhecendo o que era oferecido pela instituição, podemos conhecer também os materiais que possibilitavam a realização das atividades.

O início da propaganda apresenta a direta ligação entre o público e o privado, pois já afirma que se trata de uma instituição subvencionada pela municipalidade. O poder

público não apenas autoriza seu funcionamento, mas também o financia. A aliança de Leopoldo com os políticos locais pode ser considerada também nesse impresso.

Quando chegamos à seção dos cursos, ele indica o “carro chefe” do seu trabalho, pois apresenta como primeiro item o Curso Secundário. Leopoldo em seu ginásio fica autorizado a realizar bancas de admissão ao Colégio Pedro II ou equiparados, às Escolas Normais de Niterói e do Distrito Federal, ao Colégio Militar e demais concursos. Para tal, entende-se que o ginásio precise ter corpo docente qualificado para atender a proposta, sendo ele, instituição reconhecida pelos principais colégios do Distrito Federal não apenas como oficial, mas também como capaz de apresentar alunos às melhores instituições de ensino do Brasil.

Logo em seguida, chama-se atenção aos outros cursos associados a seção. Ele ministra o ensino livre do “Commercio”, o que se torna muito conveniente e promissor em uma cidade que cresce rapidamente justamente por meio da comercialização agrícola. O mesmo podemos concluir da “Dactylographia”, que aparece junto aos cursos de “Prendas Femininas” e “Trabalhos Domésticos”. Mesmo sendo indicado como de natureza feminina, é uma alternativa a jovens para sua entrada no mercado de trabalho. Em uma cidade como Nova Iguaçu, naquele momento, não seria difícil uma jovem devidamente qualificada se posicionar em uma vaga de trabalho. Sem se afastar de casa, e sem a necessidade de deslocamento à capital, as jovens poderiam ter formação profissional. No Ensino Primário, ele destaca o ensino de Música, com “Theoria, Solfejo e Piano”. Para tanto, seu prédio escolar precisaria de espaço adequado à prática musical, com instrumentos e docentes.

No internato, o aluno tem a problemática de deslocamento diário resolvida. De acordo com os livros de matrículas arquivados no Colégio Leopoldo, para os alunos de outros distritos⁵ que estudavam ali, uma solução encontrada foi a sua permanência na escola, estando com seu bem estar garantido pela direção em um “Tratamento Familiar”.

Para a Educação Física ele propõe uma ginástica educativa, de base sueca, mas ainda sem a prática do futebol. Mesmo estando em um prédio escolar aparentemente

⁵ Esses distritos hoje podem ser considerados os municípios de Belford Roxo e Duque de Caxias. Foram analisadas 21 pastas de alunos desse período, devido às limitações dos arquivos, como localização do material e seus estados de conservação.

adaptado, a falta de um espaço adequado para o desenvolvimento de esporte, limitava sua oferta. As atividades aconteciam na lateral do prédio, em local improvisado, como pode indicar a imagem abaixo:

Imagem 34– Aula de educação física no Gymnasio Leopoldo



Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

Nesta foto, muito pode ser entendido sobre o projeto de Leopoldo, datada de 1932. Mesmo sendo uma foto do cotidiano, a disposição dos alunos e a quantidade de pessoas na imagem a indicam como não espontânea. Não é possível precisar quantas crianças temos na imagem, mas possivelmente essa foto foi tirada com todos os matriculados. A pose dos meninos, onde demonstram sua posição no exercício físico, a posição rígida das meninas, ambos os gêneros em uma aula mista, porém devidamente separados, com vestimenta própria para a prática da

aula, roupas mais leves, com corte específico e de tecidos que facilitavam os movimentos. A imagem do diretor à direita, de terno e gravata, devido à sua posição destaca-se dos demais adultos. Ele se posiciona à frente, junto à primeira fileira de alunos, em pose de perfil. Os adultos ao fundo aparentam ser os educadores que ministram a atividade no momento.

Adultos e crianças que não aparentam estar na prática da atividade também são encontrados à esquerda da foto, ou por terem sido chamados a participar, ou quem sabe

pela curiosidade de presenciar o evento da fotografia. Sobre esses possíveis “figurantes” da foto, chama-se atenção ao item Instrução Militar na propaganda de Leopoldo, onde afirma-se que jovens em idade de alistamento podem se dirigir à instituição para adquirir sua carteira de reservista. Embora não fosse mencionada em sua autorização de funcionamento, Leopoldo recebeu o poder público militar, ou seja, o direito de emitir documentação militar, mesmo não sendo uma escola do segmento. Podemos suspeitar que, a estrutura pública não comportava tal atribuição. No entanto, sendo o prefeito da cidade um militar reformado, concedeu direitos militares a uma unidade escolar civil. Em um exercício de imaginação, podemos suspeitar que, o rapaz de uniforme que se encontra na foto, indica também que não apenas alunos circulavam no estabelecimento, mas também jovens em idade militar. Leopoldo Machado inicia em 1930 com 64 alunos, e, ano a ano, a quantidade de matrículas aumenta, seu trabalho abrange o âmbito educacional e cultural no município.

Imagem 35 – Propaganda de Festividades de 7 de setembro de 1930 do Gymnasio Leopoldo

Acervo Paulinho Leopoldo

Gymnasio Leopoldo

NOVA IGUASSU' - E. DO RIO

PESTIVIDADES DE 7 DE SETEMBRO DE 1930

A's 13 horas - Parte Civica

Sessão solenne da LIGA PRÓ-EDUCAÇÃO E BONDADÉ dos alumnos do Gymnasio.

DISCURSOS DOS ALUMNOS MARGARIDA PAQUELET, ISMAEL PIMENTA DE MORAES, MARIA PARIZ DE CASTRO E AZIZ RACHID.—DECLAMAÇÃO PELAS ALUMNAS LOURDES FERAZ DE ALMEIDA E ALBA PIMENTA DE MORAES.

A's 15 horas - Parte Esportiva

Consagração da victoria á bandeira vencedora no ultimo campeonato -- a BANDEIRA BRANCA.

Jogos Esportivos e Recreativos

A's 19 horas - Parte Theatral

Palavras de Abertura: Allocução por Ilka Pimenta de Moraes

Educar... Instruir... Versos declamados por Alba Pimenta de Moraes

Vale a pena viver... (canto e dança) — Althayr Pimenta e Lourdes Almeida

Quem Tem Razão (Um acto comico de Lima de Madureira) — José Ryan, Althayr Pimenta, Ilka Pimenta, Lourdes Almeida, Alba Pimenta e Maria Arlette Rachid.

O Passaro Captivo (Adaptação dos versos de Olavo Bilac) — Lourdes Almeida e Alba Pimenta.

MISS BRASIL (versos caipiras de M. Mata)—Ilka Pimenta.

TA'HI (Música de Joubert da Carvalho) — Lourdes Almeida e Althayr Pimenta.

O Nosso Tempo... (Sainete de E. Wanderley) — Margarida Paquetet, José Rosas e meninas.

TRIALOGO... (Versos de Pio d'Alencar)—Lourdes Almeida, José Rosas e Althayr Pimenta.

Supremo Sacrificio (1 acto dramatico de Leopoldo Machado)—Professores Heuedina de Escrivá Chubbino, Maria de Almeida Barbosa e Leopoldum Machado Barbosa.

Quem casa quê casa (E. Wanderley)— dialogo, canto e drama—Lourdes Almeida e Althayr Pimenta.

NORTE E SUL (Dialogo regional de E. Wanderley) — Althayr Pimenta e José Rosas.

A Visita (Sainete comico de E. Wanderley) José Rosas, Maria Arlette Rachid, Auribna Pimenta, Alba Pimenta e Lourdes Almeida.

CHUÁ-CHUÁ (Música e canto) — Althayr Pimenta e côro.

APOTHEOSE (A Escola—Alba Pimenta
Sacrifício á Patria—Lourdes Almeida
Patria—Nahyda Costa

VERSOS DE LEOPOLDO MACHADO

TYP. DO "COMERCIO DA LAVOUEIRA" N. IGUASSU'

Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

Na imagem, vemos um panfleto, impresso pela tipografia do Jornal Correio da Lavoura, onde o Gymnasio apresenta à comunidade sua programação cultural, nas festividades de comemoração da Independência da pátria. Assim, dividida em três momentos, as festividades convidam à comunidade a assistir os alunos em atividades de canto, teatro e esportivas. Nesse momento, podemos encontrar a oportunidade de ação prática do que é lecionado.

Sobre os alunos, a pesquisa assinala fatos interessantes. Anteriormente já foi anunciado que a abertura do Gymnasio Leopoldo seria uma alternativa aos filhos da elite local para a escolarização de seus filhos. Uma forma de saber se tal fato procede, seria investigar a ascendência de alunos que constam listados na propaganda acima.

Ao analisar atentamente o impresso, vemos alguns sobrenomes se repetirem. Um exemplo é o sobrenome Pimenta de Moraes, se repete na listagem dos alunos Alba, Aurinha e Ismael, filhos do então vereador Althair Pimenta de Moraes, que posteriormente é designado juiz da comarca de Nova Iguaçu. Ele participa do projeto de criação da Arcádia Iguaçuana de Letras, em 1956, ocupando cadeira ao lado de Leopoldo Machado, cujo trabalho cumpre, assim, sua finalidade de atender à elite iguaçuana.

1.2.2 DIVERGÊNCIAS NA ATUAÇÃO: ENCONTRO COM JOÃO MUSH

Desde o início, o trabalho do educador vem sendo acompanhado pela Igreja. Em 1929, chega ao então distrito, para assumir a paróquia do Iguassú, o padre holandês João Mush, que, embora com sotaque forte, tinha boa pronúncia do português.

A preocupação do pároco dividia-se entre reerguer os templos e inibir outras religiões de se manifestassem. João Mush teve desentendimentos não apenas com os espíritas, mas com outras vertentes religiosas da região.⁶

As desavenças com a comunidade espírita se intensificaram, gerando até um debate, que foi registrado pelo jornal Correio da Lavoura, na Associação Atlética

⁶ Paulinho Leopoldo, em seu livro “Construindo o conhecimento”, menciona a partir de reunião de relatos, a existência de umbandistas e candomblecistas com terreiros em funcionamento onde hoje encontram-se os bairros de Cabuque e Tinguá, que são antigos quilombos e hoje são sítios arqueológicos municipais.

Filhos de Iguassú, onde se observa a plateia de seguidores de ambas as partes, estava com seus nervos exaltados:

–Meu caro professor, nós os católicos nos converteremos à sua dita verdade se o senhor fizer se materializar, aqui, agora, um espírito.

De imediato, Leopoldo se levantou e a tréplica foi lançada:

–Senhor padre, primeiro o senhor, nós os espíritas é que nos converteremos, se vossa reverência fizer, aqui, agora, um milagre.

A assistência, sob calor e tensão emocional pareceu explodir, tumultos começaram, quando o presidente, hábil e ligeiro deu a reunião por encerrada e algum diretor do clube mais interessado na integridade das cadeiras desligou o relógio da luz. (ACERVO

PAULINHO LEOPOLDO, 1934, *on-line*)

As rixas após o debate se intensificam. João Mush se reúne com a comunidade católica iguaçuana e toma a decisão de iniciar também uma escola. Tal fato, ele comunica aos seus superiores da Arquidiocese da Capital por carta:

O Espiritismo progride em N.

Ao designar eu a N. Iguassú, 27 de dezembro de 1929, cujo estou encontrei a parochia muito inclinada para o espiritismo. A cabeça desta seita permiciosa ora o Sr. Leopoldo Machado, director de um gymnásio com uma matrícula de uns 200 alunos, vindo de Minas, havia 3 anos. Aproveita a completa ignorância religiosa do povo de Iguassu e a dos Cafullas. Fazia propaganda na Baixada toda por meio de boletins e discursos. O numero de alunos ia vizivelmente aumentando.

(....)

Ao prevenir o tal perigo, resolvi preparar uma escola. Mande preparar um grande espaço debaixo da Matriz ainda em bruto para servir de aulas. Só 1º de fevereiro iniciou a aula com 85 crianças.

(....)

Como o número de alunos crescia de dia em dia, resolvi construir um grande collégio para que as irmãs de caridade tomassem conta das aulas. O reverendo Bispo Guilherme Hüller concordou. A matrícula de hoje conta 158 crianças. O Sr Leopoldo Machado me mostra cara feia.

N. Ig. 1-4-1935

P. João Mush (ACERVO PAULINHO LEOPOLDO, 1935, *on-line*)

Assim, inicia-se o IESA – Instituto de Educação Santo Antônio, que permanece em funcionamento até os dias atuais.

2 “MENOS CENTROS E MAIS ESCOLAS”: O PROJETO DOS CONFRADES

Nessa seção será analisada a viagem realizada por Leopoldo Machado e um grupo de figuras de considerável importância para a comunidade espírita brasileira. Cada um, com habilidades específicas, partiram sob a liderança de Leopoldo Machado no projeto Caravana da Fraternidade. A expedição longa e cansativa percorreu várias cidades da região norte e nordeste do Brasil com finalidade de difusão do Pacto Áureo, documento redigido um ano antes, na sede da Federação Espírita Brasileira, no centro do Rio de Janeiro, com artigos norteando as ações da comunidade espírita brasileira.

Para tal, investigamos o diário de viagem de Leopoldo Machado, transformado em livro em 1954, *O Caravana da Fraternidade*, apresenta elementos que, somados a estudos e publicações acerca da temática, ajudam a entender as motivações da viagem, quem são os membros da expedição, os locais visitados, assim como as impressões gravadas em Leopoldo Machado e seus companheiros de viagem, como as deixadas por eles nos locais em que passaram.

Para o projeto Caravana da Fraternidade ser melhor compreendido, precisamos conhecer o seu documento gerador, o Pacto Áureo. Como foi escrito, seus idealizadores e qual a importância de tal documento, para gerar a necessidade de uma expedição para sua disseminação no país.

2.1 A viagem e seus objetivos

Na primeira reunião, reuniram-se religiosos de todos os credos, falando, então, um católico livre, um pastor protestante, um judeu rabino, um rosacrucianista, um positivista e um espírita, que fomos nós. Resultado surpreendente e uma perfeita harmonia das religiões representadas. Entretanto, nós ali estávamos a serviço do Espiritismo, a pregar Espiritismo.

Leopoldo Machado

Em 1950, Leopoldo Machado, aliado a figuras de destaque no cenário espírita nacional, parte em caravana do Rio de Janeiro, para uma viagem de 40 dias, cuja principal motivação era unificar os estados do Norte e Nordeste a partir do que determinou o Pacto Áureo, (documento redigido na sede da FEB em 1949), determinando diretrizes e uma nova estruturação para a ação espírita no Brasil.

Logo, viajar nesse contexto trazia a responsabilidade de transmitir e produzir conhecimento sobre algo novo na comunidade espírita. As experiências que envolveram os confrades e seus pares nesse processo se tornaram tão significativas que marcaram a memória dos que as vivenciaram, a tal ponto de serem transmitidas pelas gerações que se seguiram. Distâncias foram rompidas, possíveis barreiras, ultrapassadas, e um modelo de viagem foi organizado, com metodologia específica.

MACHADO (2010) afirma:

A Caravana da Fraternidade não foi brincadeira de desocupados. Tampouco um passeio de turismo em época imprópria, para conhecimento de terras e de gentes. Foi, antes, uma tarefa bem mais séria do que se pode imaginar. Do que talvez não tivessem imaginado muitos que lá não foram... (p.189)
Trata-se do mais sério e promissor movimento no gênero, até então realizado no Brasil e no mundo. (p.27)

O período da viagem assim como sua rota, somam elementos para a compreensão da importância das motivações para a realização da Caravana. Cada membro da expedição precisou se afastar de seus afazeres para total dedicação ao empreendimento. Leopoldo Machado abandona seu ginásio no momento do encerramento de ano letivo, “período mais afanoso da vida escolar” (MACHADO, 2010, p. 188), Lins de Vasconcellos deixa a esposa com problemas de saúde, Carlos Jordão abandona seus negócios, para se aventurarem em excursão no período de início de altas temperaturas, nos estados mais quentes do nosso país.

A escolha do período não acontece ao acaso. Em seu diário de viagem, Leopoldo afirma que o presidente da FEB na época, Antônio Wantuil de Freitas, em contato telefônico, o convida para a excursão ao Norte já no fim do ano de 1949. Leopoldo passava por um difícil momento, pois acabara de se tornar viúvo, e tinha os afazeres do Lar de Jesus, instituição beneficente que sua esposa dirigia, para executar.

Porém, se acontecesse naquele momento, a Caravana, para Leopoldo, poderia apresentar também a motivação para esquecer, diminuir a saudade de sua esposa, já

que se distanciaria de tudo que trouxesse à tona lembranças dela: “[...]se a viagem podia até, atenuar nossa saudade, nossa falta dela no Lar de Jesus e na direção do ginásio....” (MACHADO, 2010, p. 189)

2.1.1 OS ESCOLHIDOS PARA VIAGEM

A viagem de Leopoldo Machado não se deu de forma isolada. Com ele partiram mais cinco companheiros, do Rio de Janeiro, de avião, rumo ao norte e nordeste do País, no final de 1950.

Às quatro horas, os cinco caravaneiros – Lins de Vasconcellos, Carlos Jordão da Silva, Ary Casadio, Francisco Spinelli e nós – no aeroporto, a postos para o primeiro voo.

A.V.W., das aerovias, decolou as, 4h35, dentro de espessa neblina, tempo meio chuvoso. Antes das dez, com ligeira aterrissagem em Vitória, chegávamos a Salvador. (p. 29)

Quadro 4 – Membros da Caravana da Fraternidade

NOME	NASCIMENTO	ATIVIDADE
Leopoldo Machado	Jandaira – BA	Direção escolar
Carlos Jordão da Silva	São Paulo – SP	Farmacêutico - comércio
Ary Casadio	Osasco – SP	Funcionário TJ-SP e advogado
Francisco Spinelli	Italiano, muda-se para Vacaria – RS	Advogado e funcionário público municipal
Lins de Vasconcelos	Serra do Teixeira – Paraíba do Norte. – PA	Presidente da “Cia. Pinheiro Indústria e Comércio S/A”. Ramo industrial e construção.
Luiz Burgos Filho	Pernambuco – PE	Comerciante

Fonte: Quadro criado a partir de Machado (2010)

Mais tarde, a esse grupo original iria se integrar Luis Burgos Filho, em Recife, substituindo Lins de Vasconcellos. Ary Casadio voltou de Fortaleza. Deste modo, “só Leopoldo Machado e Luiz Burgos Filho foram a Manaus, de onde voltaram, encantados com o ambiente espírita da terra” (MACHADO, 2010, p. 22)

Assim, nascidos em cidades distintas e com atividades profissionais diferentes, os caravaneiros se despediram em 13 de dezembro de 1950, em Belo Horizonte,

[...] depois de receber na véspera em Pedro Leopoldo, pelo médium Francisco Candido Xavier, mensagens de Emmanuel e Amarall Ornellas, e depois de um belo e grande programa lítero doutrinário, em que os caravaneiros, fizeram o primeiro relato, de suas impressões, na sede da União Espírita Mineira [...]" (MACHADO, 2010, p. 23)

Na página da Federação Espírita Brasileira ainda é possível encontrar dados biográficos dos caravaneiros, o que indica a importância da mesma para a comunidade espírita brasileira. Dentre os participantes de São Paulo, ali se destaca que Carlos Jordão da Silva nasceu em 26 de agosto de 1903 e faleceu em 7 de dezembro de 1985, cuja sua participação se deu fundamentalmente em algumas atividades:

1º Congresso Espírita do Estado de São Paulo –1947
 Representação: Liga Espírita do Estado de São Paulo (1946)
 Fundação da USE-União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (1947)
 Pacto Áureo – 1949 – CFN – 1950
 31/10 à 30/12/1950 – Caravana da Fraternidade Ingresso na FEESP e participação na sua diretoria. (FEB, 2015, *on-line*)

Farmacêutico, vivia vida simples em sua cidade, mas atuava em posição de destaque como Secretário – Geral da União Social Espírita em São Paulo.

Classificado por seu confrade Leopoldo Machado como “o diplomata da caravana”, (MACHADO, 2010, p. 319) Carlos Jordão sempre palestrava sobre a estruturação das organizações espíritas. Sua participação em evento promovido pela Federação Espírita de São Paulo foi registrada na imagem 36:

Imagem 36 – Caravaneiros em reunião



Fonte: FEB (2015)

Quanto a Ary Casadio, o mesmo *site* informa que nasceu em Assis, interior de São Paulo, em 1936,

Amparado e alojado por Edgard Armond e pela FEESP, trouxe esposa e filhos pequenos, dedicando-se inteiramente aos trabalhos da casa, prestando durante longo tempo ótimos serviços, tanto internos como externos, em ocasiões solenes e em trabalhos práticos, inclusive depois dos congressos de unificação realizados a partir de 1947.

No mês de setembro de 1949 a FEP recepciona em reunião extraordinária do Conselho, Luiza Peçanha de Camargo Branco, Carlos Jordão da Silva e Ary Casadio que apresentam o relato sucinto de como correm os trabalhos em prol da unificação da família espírita brasileira, tendo em vista o Congresso Panamericano, que se realizaria no Rio de Janeiro a 3 de outubro. • Permaneceu na Caravana da Fraternidade até Fortaleza de onde retornou.

Foi escrevente no Tribunal de Justiça, mais tarde formando-se advogado e para melhor amparar sua família mudou-se para Osasco, tendo a partir de então paradeiro desconhecido. (FEB, 2015, *on-line*)

Embora sua formação religiosa, como Espírita, tenha iniciado na juventude, seus estudos sobre a temática somente se aprofundaram após seus 40 anos de idade, a partir daí, começou a ocupar diversos cargos na organização espírita paulista, chegando ao cargo de Delegado do Conselho Federativo Nacional, permanecendo nele quase um

quarto de século. O que se observa na sua filosofia de trabalho é a presença do conceito de tríplice aliança entre Ciência, Filosofia e Religião.

Os Membros Lins de Vasconcelos e Francisco Spinelli, têm suas biografias em destaque na publicação de Zêus Wantuil, filho do presidente da FEB no período da Caravana, Antonio Wantuil de Freitas, intitulada “Os Grandes Espíritas do Brasil”. O impresso reúne biografias de 51 espíritas atuantes no Brasil em diversas épocas e de Allan Kardec e sua esposa. Wantuil apresenta indícios para conhecermos a história de vidas desses distintos confrades.

Francisco Spinelli nasceu na Itália em 1893, mas mudou-se para o Brasil em 1911, e escolheu para residir a cidade de Vacaria, transferindo-se para Porto Alegre após seu casamento. Por outro lado, sua dedicação ao Espiritismo torna-se visível em 1948, quando foi um dos responsáveis do 1º Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, fazendo a ponte entre o Rio Grande do Sul e São Paulo. Segundo suas palavras sobre Spinelli:

A afabilidade e a doçura norteavam-lhe os passos, quer nas missões, quer nas pregações. Sincera e devotadamente pregava o Espiritismo e muito lhe ficaram a dever a tranqüilidade e a reforma de costumes que desfrutam. Com as virtudes que o revestiam nunca pensou em esmorecer nem mesmo ante os sofrimentos próprios. Foi da falange dos que preconizam que o Espiritismo, sendo filosofia, ciência e religião, é obra de estudos e de observação. (p.335)

Sobre Lins de Vasconcelos, Wantuil dedica mais de vinte páginas, acredita-se por se tratar de um dos ex-presidentes da FEB. Ele detalha sua vida, desde seu nascimento, citando até partes de seu testamento, onde o confrade destina parte de seus bens para as obras de caridade.

Nascido no sertão da Paraíba no mesmo ano que Leopoldo Machado, em 1891, Lins de Vasconcelos chegou a trabalhar na lavoura e como caixeiro viajante para uma casa comercial em Pernambuco. Sua saída do nordeste se deu pelo Exército, seguindo rumo ao Rio de Janeiro. Já como sargento, chega a Florianópolis e conhece a prática espírita. Na Federação Espírita do Paraná é apresentado “[...] pelas mãos carinhosas de Antônio Duarte Veloso, dedicado servidor da Doutrina Espírita.” (WANTUIL, 2002 p. 381) Na ação espírita, seu capital já adquirido como industrial da construção civil financia sua viagem à Alemanha, para o Congresso Alemão de Médiuns, onde em 1916, já traz a ideia de unificação dos espíritas.

Em sua ação cria escolas, cria abrigos de cuidados à infância e à terceira idade, funda o jornal “O Mundo Espírita” no Rio de Janeiro. Junto aos seus pares, Lins de Vasconcelos tenta intervir na legislação criminal, para a retirada da prática do espiritismo da categoria de crime. No entanto é preso, mas rapidamente liberado, sendo conhecido nacionalmente ao ter sua prisão noticiada em jornais espíritas e na imprensa não espírita. Enquanto vice-presidente da Federação Espírita Brasileira, ele se articula e consegue a aprovação do Pacto Áureo. (A NOITE, 1925 apud WANTUIL, 2002 p. 387)

Na Caravana, Lins de Vasconcelos destaca-se como entusiasta e financiador da campanha, uma vez que paga as passagens aéreas de todos os caravaneiros do seu próprio bolso, desde os estados do Rio Grande do Norte até Manaus, mesmo não podendo prosseguir viagem por motivo de “força maior”. (WANTUIL, 2002 p.

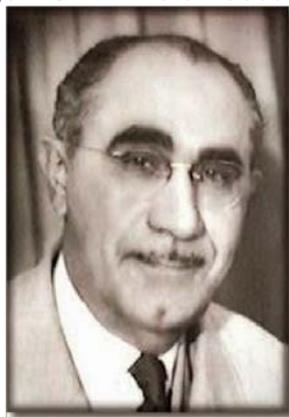
394) Mas engana-se quem pensa que essa seria sua última viagem.

Em 1952, já com a saúde debilitada, ainda percorre, a convite da Federação Espírita de Santa Catarina, várias cidades do Paraná⁷.

Logo depois da viagem, Lins de Vasconcelos falece em São Paulo, na casa de parentes, de crise de angina. O sepultamento acontece em Curitiba, com cerimonial póstumo celebrado na Federação Espírita do Paraná, onde ergueu-se um busto de bronze em sua homenagem.

⁷ As cidades mencionadas são Florianópolis, Itajaí, São Francisco do Sul, Joinville, Canavieiras e Curitiba. Expedição que começa 13 /02 e vai até 11/03 de 1952.

Imagem 37 – Lins e Vasconcelos



Fonte: Dalva Amaral – BlogSpot (2015)

Para completar, vamos citar Luiz Burgos Filho, que ingressa na Caravana já no seu desenrolar, substituindo Lins de Vasconcelos em Olinda. A respeito, Leopoldo não considera uma substituição, e sim uma soma, agregando mais um membro, ele é sucinto em seu comentário: “Passamos por Olinda, para apanhar Luiz Burgos Filho [...]” (MACHADO, 2010, p. 81)

O jornal transformado em *site*, *O Observador Espírita* em reportagem publicada em 08/01/2011, redigida por Dalmo Duque dos Santos, apresenta uma pequena biografia de Luiz Burgos, a partir de trecho selecionado da biografia de Edgar Armond:

Naqueles primeiros dias, predominavam por toda parte os efeitos físicos e era marcante a falta de médiuns de confiança para o intercâmbio com o Plano Espiritual Superior; atendendo a um pedido, o Espírito Bezerra de Menezes prometeu sanar a lacuna; passados poucos meses, apareceu na Casa um rapaz moreno escuro, que se dizia graxeiro da Sorocabana, em Assis, e médium de incorporação. Submetido a uma prova, satisfez plenamente. Chamava-se Ary Casadio e ficou combinada sua mudança para a capital, sob a proteção da Casa, onde ficou alojado. Mais tarde, trouxe esposa e filhos pequenos e se dedicou inteiramente aos trabalhos da Casa, prestando durante longo tempo ótimos serviços, tanto internos como externos, em ocasiões solenes e em trabalhos práticos, inclusive depois dos congressos de unificação realizados a partir de 1947, acompanhando, inclusive, como médium, a Caravana da Fraternidade, que viajou por vários estados do País, na propaganda da unificação doutrinária. Para melhorar as condições da família, arranjou-se-lhe um emprego no Tribunal de Justiça, como escrevente; bem mais tarde formou-se em Direito e abandonou o serviço por conveniência familiar, mudando-se para Osasco. (SANTOS, 2011, *on-line*)

O membro mais velho da Caravana nasce em Recife em 1881, sua ação no espiritismo começa para ajudar uma de suas filhas, vítima de obsessões. Em sua cidade funda a Casa dos Espíritos Guillon Ribeiro.

Em São Paulo atua como médium na Federação Espírita do Estado de São Paulo – FEESP, sobretudo na formação do conselho diretor daquela entidade.

Imagem 38 – Luiz Burgo Filho



Fonte: Autores Espíritas Clássicos (2015)

O que justifica a apresentação dessas pequenas biografias assinala o porquê da escolha desses membros para a Caravana.

Nas palavras de Leopoldo Machado, os caravaneiros escolhidos para essa missão reuniam características importantes para o objetivo maior da expedição.

Carlos Jordão é apresentado pela “sisudez conservadora do soldado, pronto para conservar posições conquistadas” (MACHADO, 2010, p. 239), Luiz Burgos no conceito de Leopoldo é entendido como “fiel amigo, companheiro até o final e grande mediador da ação da caravana em Recife.” (MACHADO, 2010, p. 240)

A Lins de Vasconcelos, cabe o título de “maior obreiro da unificação espírita do Brasil” (MACHADO, 2010, p. 364), e, a Ary Casadio a fala de “excepcional médium paulista, que nos agraciou com o privilégio de recebermos Bezerra de Menezes em nossas seções.” (MACHADO, 2010, p. 70) O grupo assim formado segue seu trabalho pela obra espírita.

Aqui também cabe ressaltar como os caravaneiros caracterizavam Leopoldo Machado, Lins de Vasconcelos, declara que “maior entusiasta à causa espírita não haverá jamais”, (MACHADO, 2010, p. 364) acredita-se que em resposta à fala de

Leopoldo sobre ele citada anteriormente. Luiz Burgos e Carlos Jordão, respondem que “melhor liderança para tal empreitada não se conhece” (MACHADO, 2010, p. 240) ao serem perguntados sobre Leopoldo em Recife. Ary Casadio é discreto, porém não deixa de elogiar o confrade, que por ele é considerado “o mais dinâmico de todos” (MACHADO, 2010, p. 89) quando perguntado em João Pessoa.

Torna-se evidente que, elogios mútuos não faltaram, mas também não faltaram competências e qualificações para a escolha dos membros da Caravana.

2.1.2 Motivações da expedição

Como já mencionado anteriormente, Leopoldo acreditava na Caravana e a percorreu como uma séria empreitada pela unificação espírita. A escolha dos locais visitados, assim como o roteiro das ações realizadas não foram escolhidos pelo mero acaso.

Sobre os estados do Norte e Nordeste, Leopoldo nutriu uma certeza, a de que ou hostilizavam abertamente o Pacto Áureo, ou não o conheciam, visto que

[...] durante um ano inteiro, nenhuma filiação veio do Norte. E os núcleos filiados ao Conselho, nenhum perfeitamente integrado...”

(MACHADO, 2010, p. 189)

Essa parte do Brasil precisava ser unificada, ou quem sabe, convencida da importância da unificação da ação espírita. Para isso, algumas medidas foram tomadas a fim de potencializar o sucesso do trabalho.

Primeiramente, os membros da Caravana, com exceção das cidades de Fortaleza, Parnaíba, Teresina e Manaus, se preocuparam em ter sua hospedagem nas casas das lideranças espíritas locais. Para organizar essa situação, Lins de Vasconcelos, quando escreve o texto “Ação Unificadora” publicado como um dos anexos do livro Caravana da Fraternidade, afirma que:

Precedendo a ida da Caravana, houve trocas de cartas: Leopoldo entendeu-se com os estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão e Pará e eu me comprometi com Pernambuco, Paraíba e Piauí para acertamos questões de estadia. (MACHADO, 2010, p. 19-20)

Com a hospedagem no seio familiar, os confrades estreitavam os laços com seus pares, amizades se iniciaram, outras se solidificaram. As famílias recebiam de braços abertos os confrades, com almoços e jantares, que reuniam para conversar sobre as ações do dia:

O almoço, com Veriano Raul Pedrão.
Cozinha à baiana, legítima, a que se atiraram, com apetite os irmãos sulinos. Principalmente ao vatapá. Comemoram-no, dando a impressão que “só de pão vive o homem.” (MACHADO, 2010, p. 31)⁸

Quando hospedados em lares espíritas, a relação ficava mais estreitada, por mais que houvesse divergências de opiniões acerca das palestras realizadas, serem anfitriões trazia a responsabilidade de bem receber, de tratar da melhor forma possível o grupo recepcionado. Também, era a oportunidade de se falar sobre a ação unificadora em todos os momentos possíveis, o que ajudava muito. Uma vez que a Caravana permanecia pouco tempo nas cidades, sua ação era rápida, com média de três dias de hospedagem, e o tempo precisava ser aproveitado da melhor maneira possível.

No entanto, imprevistos acontecem, e não poderia ser diferente com os viajantes. Na cidade de Parnaíba, com quem já haviam se comunicado para fins de hospedagem, os caravaneiros acabaram por se instalar no Hotel Parnaíba, o que causou descontentamento:

Fomos para o Parnaíba Hotel, que já foi grande e bem aparelhado. Hoje, parece ruinaria. Mas boa comida. Mais uma vez, fora de nosso plano de viagem [...] (MACHADO, 2010, p. 115)

Mais uma vez, voltando a mencionar o tempo, um grande dificultador da causa, é possível perceber que ele precisava ser otimizado. Uma organização das atividades precisou ser feita previamente para agilizar o trabalho realizado.

No texto “Síntese da Excursão”, escrito e publicado por Leopoldo no livro A Caravana da Fraternidade, ele explicita os procedimentos adotados pelo grupo.

Em todas as cidades a Caravana procedeu da maneira seguinte: (I) Conferências culturais para ao grande público, que atraíram verdadeiras multidões a elas, tarefa essa quase que da responsabilidade do prof. Leopoldo Machado; (II) Reuniões de mesaredonda para ajustamento de pontos de vista em choque, das quais o ideal da unificação sempre saiu vitorioso, por isso que

⁸ Almoço na casa do Sr. Veriano Raul Pedrão, em Salvador.

de todas elas foram lavradas as respectivas atas; (III) Visitas de estímulo às instituições espíritas de assistência social; (IV) programas sociais, organizados pelos irmãos visitados.

A Caravana procurou, assim culminar vários objetivos, como sejam:
 a) Maior aproximação dos espíritas, visionando o ideal de unificação social da Doutrina; b) Propaganda cultural do Espiritismo, no mundo profano; c) Maior estímulo às obras de assistência social inspiradas pela Doutrina; d) Levar ambientação doutrinária aos lares, de vez que os caravaneiros sempre preferiram hospedagem nos lares de irmão. O natural conhecimento do Brasil e o espairecimento decorrente daí são conseqüências lógicas de que, entretanto, não se trata aqui. (MACHADO, 2010, p. 23)

De cada cidade, eles saíram com a certeza de terem ou não alcançado os objetivos, até porque não somente por suas vitórias a Caravana pode ser conhecida.

O Meio espírita de Maceió, mesmo de estado, apresenta-nos possíveis de solução, que precisam ser desatados. Assim, sob o ponto de vista da unificação, a Caravana teve ali muito pouco o que fazer, infelizmente. (MACHADO, 2010, p. 62)

O que falar sobre as cidades visitadas? Muito sob o ponto de vista dos caravaneiros. Mesmo permanecendo pouco tempo nelas, eles conseguiram descrevê-las e até indagar considerações sobre suas estruturas físicas e organização econômica conforme quadro abaixo:

Quadro 5 – As cidades mais visitadas pela Caravana da Fraternidade

CIDADE	DATA
Salvador – 5 dias	31/10 ATÉ 5/11
Aracaju – 5 dias	5/11 ATÉ 11/11
Maceió – 2 dias	11/11 ATÉ 12/11
Recife – 3 dias	12/11 ATÉ 15/11
João Pessoa - 2 dias	16/11 ATÉ 17/11
Natal – 4 dias	18/11 ATÉ 21/11
Fortaleza – 2 dias	22/11 ATÉ 23/11

Parnaíba – 2 dias	24/11 ATÉ 25/11
Teresina – 3 dias	25/11 ATÉ 28/11
São Luís – 2 dias	28/11 ATÉ 30/11
Pará e Belém – 5 dias	1/12 ATÉ 5/12
Manaus – 3 dias	06/12 ATÉ 8/12

Fonte: Quadro criado a partir de Machado (2010)

Ao seguir a ordem da viagem, podemos começar falando de Salvador. A visita à cidade pode ter sido encarada por Leopoldo como um retorno, visto que, baiano de nascença, residiu naquela cidade até a juventude, quando foi apresentado ao espiritismo.

A visita carrega lembranças de uma vida simples, onde Leopoldo trabalhava para prover o sustento de sua mãe e irmã, Leopoldina, que acabou sendo criada por ele como filha. Aqui, o exercício de lembrar fica evidente e carregado de sentimentos. Nesse momento sai de cena o ilustre espírita e surge o rapaz nostálgico, ao visitar suas memórias de distante época.

Rodamos, depois, para Itapagipe, de passagem por Monte Serrat, ao aeroporto dos Hidroaviões – uma obra admirável – no Porto dos Tainheiros. Diante, plataforma, a terra em que vivêramos, como operário modestíssimo, cujo salário maior, semanal, foi Cr\$ 6,80, a trabalhar de sol a sol, na fábrica de calçados e tecidos!

– Vamos a plataforma, que lhes quero mostrar a casinha em que passei os dias mais torturados e mais felizes de minha vida? – Convidamos os companheiros.
[...]

Em plataforma, à rua dos Artistas, 77, batemos chapa fotográfica. Exatamente à porta da casinha, pequenina e pobre, em que moramos tantos anos, até a juventude. (MACHADO, 2010, p. 34)

No entanto, mencionar a Bahia, ou Salvador, sem abordar a questão espírita seria imprudente, conhecida como terra de todos os santos, a cidade já fervilhava com a ação espírita desde muito antes da visita dos Caravaneiros. E quando se menciona ação espírita, podemos entendê-la como uma ação do conhecido espiritismo de Kardec e das religiões afrodescendentes. Del Priore (2014, p. 74), em seus estudos sobre o início do espiritismo no Brasil afirma que “A marcha ascendente do espírito humano iniciou em suas terras.”

O jornal *Eco do Além-Túmulo* esgotava rapidamente assim que chegava à cidade baiana, sendo lido pela nata da sociedade local, favorecendo as discussões acerca da obra de Kardec, e assim, atraindo mais adeptos. Teles de Menezes foi perseguido pela Igreja Católica, muito fervorosa e influente na cidade. Mas não adiantou, pois a base do poder na Bahia era composta também por católicos praticantes, porém simpática ao espiritismo, e ele o praticava sem culpas.

Tal como na França de Kardec, faziam parte do Grupo baiano aristocratas da estatura de Francisco da Rocha Pita e Argolo, visconde de Passé, e também o barão de Sauípe. Também médicos como o dr. Joaquim Carnerio de Campos, filho do Marquês de Caravelas, e o dr. Guilherme Pereira Rebelo, e até o delegado de polícia José Álvares do Amaral e o comendador da Ordem da Rosa Álvaro Tibério de Moncorvo, ex-presidente da província, entre outros. (DEL PRIORE, 2014, p. 76)

Ao escrever e publicar suas considerações sobre a cidade é possível conhecer como Salvador se organizava geograficamente, como era disposto o seu espaço urbano. De acordo com Del Priore (2014, p. 35) Leopoldo considerava Salvador como a “terra mais tradicional do Brasil” mas não ignorava seus problemas.

Ainda sob o juízo de governos coronelistas, a cidade contrastava entre reformas urbanas e a permanência de locais onde não se percebia o passar do tempo. As novas construções do governo, como o Fórum Rui Barbosa, eram percebidas por Leopoldo Machado (2010), que as descreve em seu diário de viagem como “suntuosa obra, superior aos recursos do Estado” (p. 31) contrastando com o deficiente asfaltamento, que causava “as buraqueiras da cidade” (p. 34). Concluindo, “Salvador apresenta, atualmente, aspectos de duas cidades: uma moderna, viva e bela, que surge e renasce. E outra, que ficou estacionada [...]” (p. 35)

Na ação espírita na cidade foi possível encontrar registro fotográfico da Caravana na página da FEB, que nos indica as lideranças locais e traz embasamento aos escritos de Leopoldo que afirma ter estado em contato com esse grupo. Na imagem temos todos os membros da expedição que embarcaram para Salvador, porém somente os nomes de Leopoldo Machado e de Lins de Vasconcelos aparecem em destaque na legenda. Cabe então indagar: será que havia predileção por eles em relação aos outros membros? Infelizmente não aparecem indícios que elucidem tal questão, cabendo assim possíveis interpretações. Abaixo, foto da ocasião:

Imagem 39 – 1ª Concentração Espírita da Bahia



FEB – Caravana da Fraternidade (2015)

Fonte:

Assim, seguindo o roteiro determinado, chegamos à cidade de Aracaju, onde a Caravana permaneceu por cinco dias. Uma prática que seguiria até o seu retorno ao Rio de Janeiro começou ali. Lins de Vasconcelos, seguiria sempre à frente da Caravana para as cidades de destino, preparando a chegada, ou usando as palavras de Leopoldo, para agir “Caso houvesse caminhos ásperos a aplainar.” (MACHADO, 2010, p. 36).

Leopoldo se preocupa com a causa espírita, sendo determinado em sua ação, mas isso não o impede de, em seus escritos sobre a viagem, apresentar curiosidades e impressões sobre as cidades visitadas. A regionalidade da língua logo chama sua atenção, quando percebe por exemplo que ônibus é conhecido como “sopa”. Ele ainda consegue tempo para se ocupar de buscar explicações para o fato: “Talvez em consequência da presteza e custo desse alimento. O que é muito barato e rápido na região é sopa. Comparado com o custo do trem e dos automóveis, ônibus é sopa.” (MACHADO, 2010, p. 36)

Outro aspecto mencionado, anteriormente, sobre a organização da hospedagem dos confrades, que acreditavam que, hospedados nos lares de seus pares, o estreitamento dos laços facilitaria o objetivo final. Em Aracaju, a partir da escrita de Leopoldo, perceber como isso aconteceu. O Elson mencionado abaixo, é o Sr. Elson Fontes, próspero comerciante da cidade que possuía patrimônio considerável de imóveis e era diretor da União Espírita Sergipana. A família tinha influência política na cidade, pois Elson e Deusdedit Fontes eram irmãos do chefe de gabinete da Presidência da República.

Permanecemos cinco dias em Aracaju, aumentando os trabalhos e as despesas do Elson e da exma. Esposa.

Nas horas de calor intenso, rede no pátio, ao ar livre, a contar histórias, que improvisávamos, às duas filhinhas do casal.

[...]

De volta, uma visita e ceia com o velho Deusdedit Fontes, irmão do atual chefe de gabinete do Presidente da República. Ele, um dos pioneiros do Espiritismo em Aracaju, e sua exma. esposa prendem e cativam a gente de gentilezas. (MACHADO, 2010, p. 38)

Nessas circunstâncias, eles conseguem visitar o projeto da Companhia Hidroelétrica do S. Francisco, acessam plantas e planos de ação. Dificilmente pessoas comuns teriam tal acesso. Em Natal e Recife, Leopoldo não escreve suas impressões sobre as cidades, mas sobre a Caravana. Já em Maceió, mesmo podendo permanecer apenas dois dias, Leopoldo pode perceber a precariedade dos serviços públicos da cidade. As palestras, por exemplo, são obrigadas a acontecer todas na Federação Espírita Alagoana, por ser este um local não afetado pela falta de luz que acomete a cidade. Aqui, como em outras cidades, ele também menciona as políticas públicas: “Maceió, à noite, às escuras, pior que Aracaju. Como, de resto, as capitais, quase todas, do Norte, por culpa de maus governos.” (MACHADO, 2010, p. 61).

Quanto mais chegava onde conhecemos hoje como região norte do país, mais Leopoldo fazia questão de escrever sobre os problemas encontrados. Também mencionava nessas ocasiões a má administração pública como responsável pela situação.

Sobre São Luís, ele escreve:

São Luiz é muito semelhante a cidade de Salvador. Só lhe notamos uma grande diferença: Salvador se moderniza, nos principais bairros. S. Luiz é ladeirosa, suas ruas antigas, calçadas e pedras lavradas, importadas de Lisboa, nos tempos coloniais, ou de pedras de rua, deslavradas. As casas, puro estilo colonial, barroco. Portas e janelas protegidas, por fora, a gradil. Nas janelas, rótulas. Algumas janelas baixas, quase no nível da rua. Dentro, longos corredores, cômodos espaçosos. Ruas tortuosas, dando a impressão de que, nos velhos e bons tempos em que foi construída, cada um edificava sua casa no lugar em que bem quisesse, sem dar confiança às leis da prefeitura. (MACHADO, 2010, p. 135)

Sobre as cidades de Pará, Belém do Pará e Manaus, escreve respectivamente:

Faltam em Belém: luz e água. Luz, que se observa quase faltando em todas as capitais do Norte, remanescente do Estado Novo e da Segunda República[...]Bondes não há também. Só ônibus. Mas um serviço de ônibus compensador, pronto e eficaz. (MACHADO, 2010, p. 146)

À tarde, antes de sair, ao banho. Mas água? O caudaloso rio Negro banha a cidade. Entretanto, encanamentos velhos, enferrujados, estendidos para vinte mil pessoas, não podem abastecer oitenta mil, claro!!! (MACHADO, 2010, p. 159)

Júlio Cezar Lázaro da Silva (2015), em seus estudos sobre a história econômica das regiões norte e nordeste aponta que após o término do ciclo da cana-de-açúcar, o Nordeste acabou perdendo o posto de região onde concentravam-se poder e riquezas. Os engenhos de cana enraizaram um legado de práticas políticas que ainda resistem atualmente, com a imposição de interesses de famílias específicas e grupos ligados à agropecuária, sendo eles novamente, detentores da concentração de terras e de riquezas.

Apesar de a seca ter causas naturais, seus efeitos são potencializados pela “indústria da seca”, que atende aos interesses das oligarquias locais, aumentando a concentração de renda e perpetuando práticas como o coronelismo.

Quanto ao norte do país, destaca-se o ciclo da borracha ocorrido na Amazônia, ao final do século XIX. A região nordeste começou a conhecer uma das suas características mais marcantes: uma área de repulsão populacional. Centenas de milhares de nordestinos, em sua maioria fugindo do flagelo da seca, dirigiram-se para as zonas de extração do látex, em especial nos estados do Pará e Amazonas.

Por outro lado, somando elementos a essa questão, anexo ao livro *A Caravana da Fraternidade*, encontra-se publicado o diário de viagem do caravaneiro Francisco Spinelli. Em 09/12/1950, ele descreve a cidade de Belém, tomado pelo mesmo descontentamento que Leopoldo:

Belém é uma cidade antiga, em condições de ser transformada em moderníssima. Plana. A população contribui para o embelezamento com edificações lindas, inclusive com arranha-céus os mais finos de estilo, os mais modernos. O poder público é que se incube estragar a cidade. O serviço de transporte é feito por ônibus, pois não há bondes, apesar de existirem trilhos e linhas. É que há falta de força, de energia. A maioria da cidade vive às escuras, usando lampião a querosene, candeeiros, ou luz elétrica própria, quando o proprietário pode. (SPINELLI, 1950 apud MACHADO, 2010, p. 164-165)

Tais situações justificam as impressões de Leopoldo que encontram cidades com má distribuição populacional, onde os serviços básicos não são suficientes para atendimento da demanda. A cidade de Manaus, de acordo com o Censo realizado em

1940, tinha 106.354⁹ habitantes, número próximo ao apresentado por Leopoldo, que apresentava elementos para a compreensão de como eram difíceis as condições dos caravaneiros que estiveram nessas cidades.

Sobre a cidade de Fortaleza encontramos relatos diversos, positivos e negativos:

Fortaleza é chamada de Princesa do Nordeste Brasileiro – Mas segundo Cap. Antonio Leite de Araujo Filho, tudo retiraram à bela princesa: Sua graça colonial, seus jardins públicos, os bondes, quase toda luz elétrica. Só a viração constante, que sopra do mar, a velhíssima Igreja do Rosário, que obstrui a fachada do velho, feio e acachapado Palácio do Governo, e o amor do cearense à terra é que não tiram. (SPINELLI, 1950 apud MACHADO, 2010, p. 109)

no mercado de Fortaleza, abastecemos-nos de prendas, novidades, lembranças, lindas rendas e cortes de vestidos do Norte. Aliás, o mercado mais bem aparelhado que vimos [...] (MACHADO, 2010, p. 109)

Quando se refere a Fortaleza como Princesa do Nordeste, de acordo com os estudos de Filho (2014), se está de fato referindo à cidade de Sobral, vizinha a Fortaleza, que mantinha porto e ferrovia próprios para escoamento da produção e circulação de pessoas direto pelo Oceano Atlântico.

A movimentação de capital e o comércio se concentravam em Sobral porém chegava a Fortaleza, fazendo de seu mercado, por exemplo, área de intensas vendas. O mercado foi visitado por Leopoldo, que se encantou com o que viu, conforme citação acima. Mas, em seus relatos, Leopoldo também indica pontos positivos de algumas cidades visitadas. Aqui nos dirigimos a Recife, João Pessoa e Natal. Na ocasião de sua visita, para o autor do diário de viagem valeu a pena destacar boas impressões da recepção recebida, das palestras e da cidade. Sobre Recife, ele menciona “Dias cheíssimos e vibrantes”. (MACHADO, 2010, p. 79)

Quando escreve sobre João pessoa, afirma que “é cidade que agrada e impressiona bem. Grande, alegre, graciosa. Tem ainda bonde [...]” (MACHADO, 2010, p. 83). E para finalizar, sobre Natal: “Pela cidade, nas principais ruas, faixas enormes saudando os Caravaneiros da Fraternidade com expressões e frases emotivas e vibráteis...” (MACHADO, 2010, p. 89)

⁹ Informação retirada da “Tabela 5 - População presente, por sexo, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação dos municípios mais populosos – 1940”, do Censo Demográfico do IBGE de 1940.

Na imagem abaixo, encontra-se registro da passagem da Caravana na cidade de Natal. Esta foto - posteriormente publicada pela revista “Reformador” e também no *site* da Federação Espírita Brasileira para livre pesquisa, teve grande significado, uma vez que, foi escolhida para estampar a página do livro *A Caravana da Fraternidade*, edição de 2010, que norteia a pesquisa desta dissertação.

Imagem 40 –A Caravana da Fraternidade em Recife



Fonte: FEB (2015)

Pela ordem da esquerda para a direita:

1. Leopoldo Machado - RJ
2. Luiz Burgos Filho (sem paletó) – PE
3. Abdias Antônio de Oliveira – vice-presidente da FERN.
4. Francisco Spinelli – RS
5. Major Felipe Soares (atrás, aparece só a cabeça) – presidente do Centro Espírita Victor Hugo – RN
6. Carlos Jordão da Silva (segurando chapéu) – SP
7. Severino Rodrigues Viana – RN
8. Sebastião Félix de Araujo, ex-presidente da FERN, pioneiro da Unificação no Estado.
9. Ary Casadio (com bigode) – SP
10. Major Alfredo Lemos da Silva – RN
11. Sebastião Avelino de Macedo – RN
12. Hilpert Viana, Centro Espírita Victor Hugo – RN (FEB, 2015, *on-line*)

(Legenda publicada na revista *Reformador*, em 19 de agosto de 1997)

2.1.2.1 Empreitada pela unificação: O Pacto Áureo

Para alcançarmos o projeto desenvolvido pela Caravana, vale a pena conceituar sua principal motivação, o Pacto Áureo. Não poderíamos falar do Pacto sem mencionar a entidade que o criou, a Federação Espírita Brasileira.

O ano é 1949; o local, o centro da cidade do Rio de Janeiro, então capital da República, à Avenida Passos nº 30. Ali, naquele ano, no dia 5 de outubro, assina-se o documento que, segundo Isaías e Amorim (2014, p. 153), mesmo não estando sob o acordo de todos, os espíritas são unânimes em “declarar a sua importância para a compreensão dos rumos tomados pelo movimento espírita no Brasil.”

Mas as ações que culminaram nesse documento começam pelo menos trinta anos antes. Um significativo idealizador do documento foi Lins de Vasconcelos, que posteriormente torna-se vice-presidente da Federação, cargo que já ocupava na ocasião em que assinou o documento.

A Federação Espírita Paranaense, em 1914, sendo representada por seu secretário geral, o Sr. Lins de Vasconcelos, atende ao pedido do “Congresso Alemão de Médiuns”, em Manhein, Alemanha, para orientá-los sobre o exercício da mediunidade. Junto com Nascimento Júnior, apresenta plano para organização da “Conferência Espírita do Brasil” e convida a Imprensa espírita e demais federações e entidades para se manifestarem sobre a ideia. A temática era a unificação espírita.

Amorim (2011) em seus estudos sobre a caracterização do espiritismo na década de 1940 aponta a influência no cenário espírita dos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e São Paulo. Posteriormente passados alguns anos, novamente a temática volta a ser a unificação, sendo organizados congressos e encontros.

Sobre essa questão, Leopoldo Machado dedica a última parte de seu livro, com a publicação de cinco textos¹⁰. Neles, ele explica as razões que o levam a creditar a aceitar e divulgar o documento e relata como a Imprensa espírita lidou com o assunto.

Em seus relatos, ele descreve minuciosamente o acontecido, para ele, um acontecimento divino, onde o encontro ocasional resulta em documento de tamanha importância no meio espírita.

Naquela quarta – feira de 5 de outubro, depois do almoço, veio-nos uma vontade súbita de ir ao Rio.
 Vontade aliás, de última hora.
 Fazer o quê? Nem nós sabíamos.
 Iríamos, sim. Nesse caso, iríamos pagar uma conta à rua da Misericórdia, e dar dois dedos de boa conversa com ilustre confrade, na gerência de um jornal da avenida.
 Perdemos o primeiro trem.
 Se fôssemos nele, chegaríamos cedo demais para a reunião do Pacto Áureo.
 Na Central, pusemo-nos à espera do primeiro bonde que nos levasse às barcas ou ao Largo de S. Francisco.
 Veio o segundo Bonde.
 Ao Passar pela livraria da FEB, que vontade louca de saltar para apanhar o último livro do Chico Xavier!
 Saltamos, o bonde ia já andando. (MACHADO, 2010, p. 354)

¹⁰ Os textos de Machado (2010) são: “...E acreditamos, ainda no Pacto Áureo?” p. 352 ;” Acreditamos no Pacto Áureo, sim!”p.353; “Nós e O Poder”p.35 ; “A O Poder e.... A quem mais interessar...” p.26 ; “ O Pacto Áureo em xeque” p.366.

O relato seguinte apresenta características interessantes. É uma narrativa suave, onde os fatos culminam na assinatura do pacto que “surge” quase ao acaso na pauta da reunião da Federação. Os homens que lá estavam, são levados pelos espíritos ao local. Não existem embates ou discordâncias todos aceitam integralmente o documento. Porém, à frente, veremos que os fatos não aconteceram assim.

O texto a seguir, escrito por Leopoldo, foi publicado em forma de crônica no jornal “O Mundo Espírita”, de 22 de outubro de 1949, suas habilidades como escritor permitiram-lhe embelezar os acontecimentos e apresentar à comunidade espírita uma versão muito positiva dos fatos.

Um só era o desejo de todos: unidade de ação para maior expansão e esplendor da Doutrina que a todos nós irmana!
 Os mais afoitos e entusiastas – e nós, a despeito de tudo, entre eles – queriam a realização imediata do grande sonho.
 [...]

 E a terra boa e fértil dos corações generosos, sacudidos pelo grande anseio, se propiciou às primeiras sementes.
 [...]

 Diz-se que não existe o acaso.
 Se existisse, teria sido por acaso que nos encontramos na memorável assembleia.
 Foi assim:
 Entramos, acidentalmente, na Livraria da Federação. Demos aí com o Antônio Negreiros, de S. Lourenço, concertando com ele nossa ida a sua cidade aquática, a seu hotel.
 Chegam, primeiro, Dr. Sílvio Soares e Carlos Jordão da Silva, de S. Paulo.
 A conversa anima-se a propósito do caráter religioso do Espiritismo que, em geral, os irmãos americanos da língua espanhola e inglesa não aceitam, ainda.
 [...]

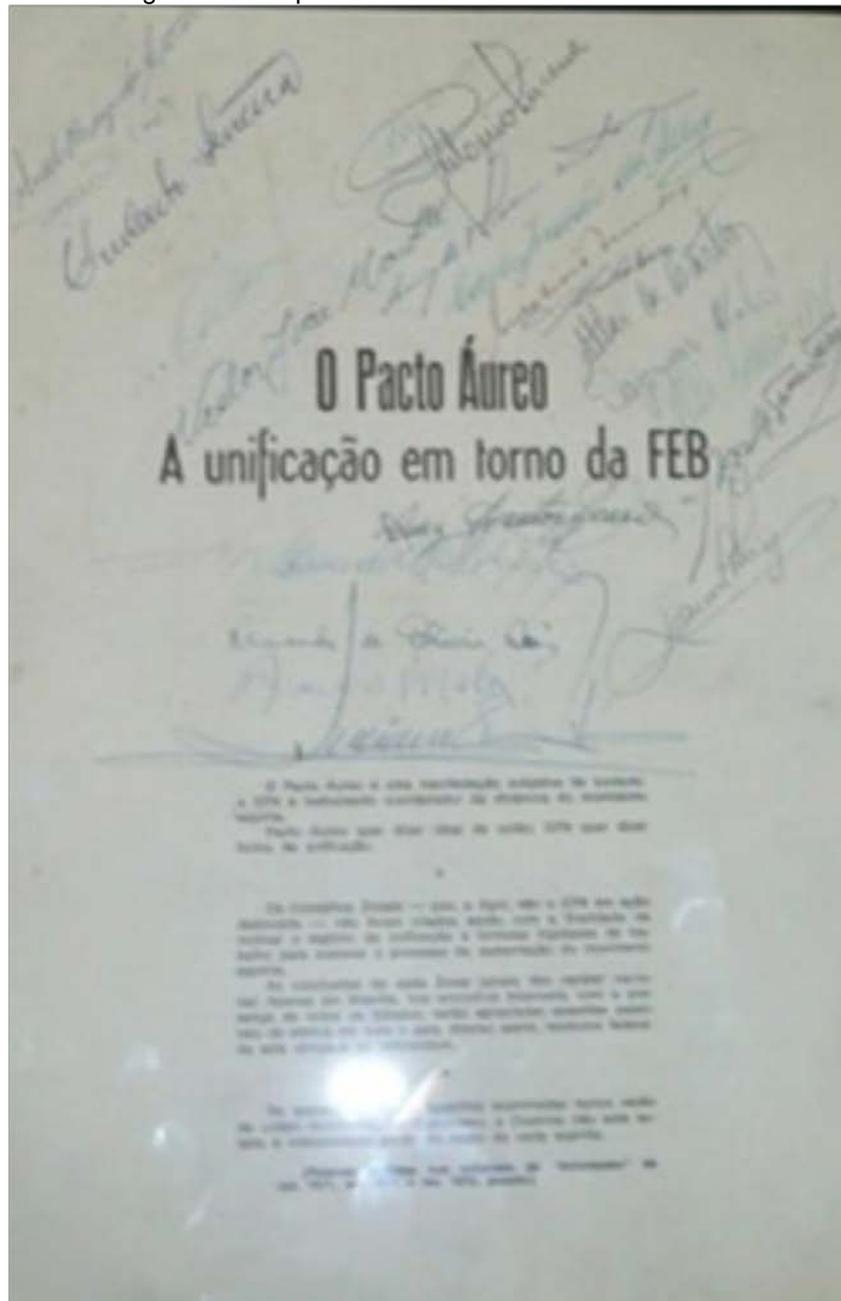
 E vão chegando congressistas dos estados. Em pouco, as delegações do Rio Grande do Sul e Paraná, de São Paulo e Santa Catarina, o Lins de Vasconcelos e outros confrades, inclusive toda a diretoria da FEB.
 Que vem a ser isto? – perguntamos.
 –Não sabe? Vamos assistir ao acordo da unificação. E você, que não sabia de nada, se veio parar entre nós.
 [...]

 Fomos, assim, convidados dos Espíritos para a reunião do Pacto Áureo. Convite que os homens, aliás, endossam, arrastando-nos à mesa, cercado-nos de considerações, alegrando-se com a nossa presença.
 Você, que tem se batido tanto pela causa...
 –E sempre tão mal compreendido...
 ... é que não poderia ficar, de maneira nenhuma, de fora.
 –Por isso é que os Espíritos me trouxeram até aqui – respondemos. (MACHADO, 2010, p. 355-356)

Ao final, Leopoldo determina como proceder em relação ao acordo, que inicialmente teria o nome de “Acordo de Ouro” por sugestão de Lins de Vasconcelos, mas, ao final, se transformou em Pacto Áureo, por sugestão de Leopoldo Machado (HESSEN, 2014, p. 18). Assim, em forma de ata, com 18 itens escritos, o Pacto traz uma nova organização para os membros da comunidade espírita. Quem assina sua redação é o secretário da entidade, Oswaldo Mello, o seu presidente, Antonio Wantuil, além de diversos membros filiados presentes.

Abaixo, cópia do documento:

Imagem 41 – Cópia de “O Pacto Áureo” assinada



Fonte: Unificação Espírita – BlogSpot (2015)

Imagem 42 – Fac-símile da Ata do Pacto Áureo



Fonte: Unificação Espírita – BlogSpot (2015)

Após sua publicação no impresso O Reformador a repercussão foi rápida. Nesse momento já é possível perceber disputas internas acontecendo nos núcleos, que podem ser entendidas sob o ponto de vista doutrinário e o ponto de vista político.

2.1.2.2 Divergências doutrinárias e políticas

No que tange ao aspecto doutrinário, os adeptos dos vários modelos de espiritismo que entraram no Brasil no final do século XIX já não se entendiam. As correntes adotavam pontos de vistas diferenciados por meio das publicações Kardecistas que escolhiam.

Amorim (2011) esclarece que os kardecistas científicos, orientam seus estudos pelo *O Livro dos Espíritos* e o *Livro dos Médiuns*. Os kardecistas místicos, por sua vez, também utilizam em seus estudos esse material, porém a ênfase maior é no livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Científicos e místicos até conseguiam conciliar seus estudos, uma vez que a base seria a mesma, ou seja, as publicações de Kardec. Contudo, a situação é diferente quando comparamos Kardecistas e Roustainguistas. Esse é o ponto a ser trabalhado nesse momento: as diferenças entre Kardecistas e Rounstainguistas.

Kardec ao longo de seu trabalho espiritual publica diversos livros onde são abordadas as questões evolutivas do espírito humano. O que se observa é que seu trabalho teve grande aceitação no Brasil, sendo comercializado inicialmente em francês aparecendo no início do século XX as primeiras traduções¹¹. Tal material fundamenta o espiritismo como conhecemos até hoje no Brasil.

Jean-Baptiste Roustaing, francês, contemporâneo de Kardec, tem sua teoria estudada no Brasil no mesmo momento que o Kardecismo. A revista eletrônica *Dossiê Espírita* em sua publicação de 17 de novembro de 2013, traz a matéria com o título “Jean-Baptiste Roustaing, o homem que deturpou o espiritismo” (DOSSIÊ ESPÍRITA, 2013 apud AMORIM, 2011), onde são apresentados vários fatos de diferenciação doutrinária.

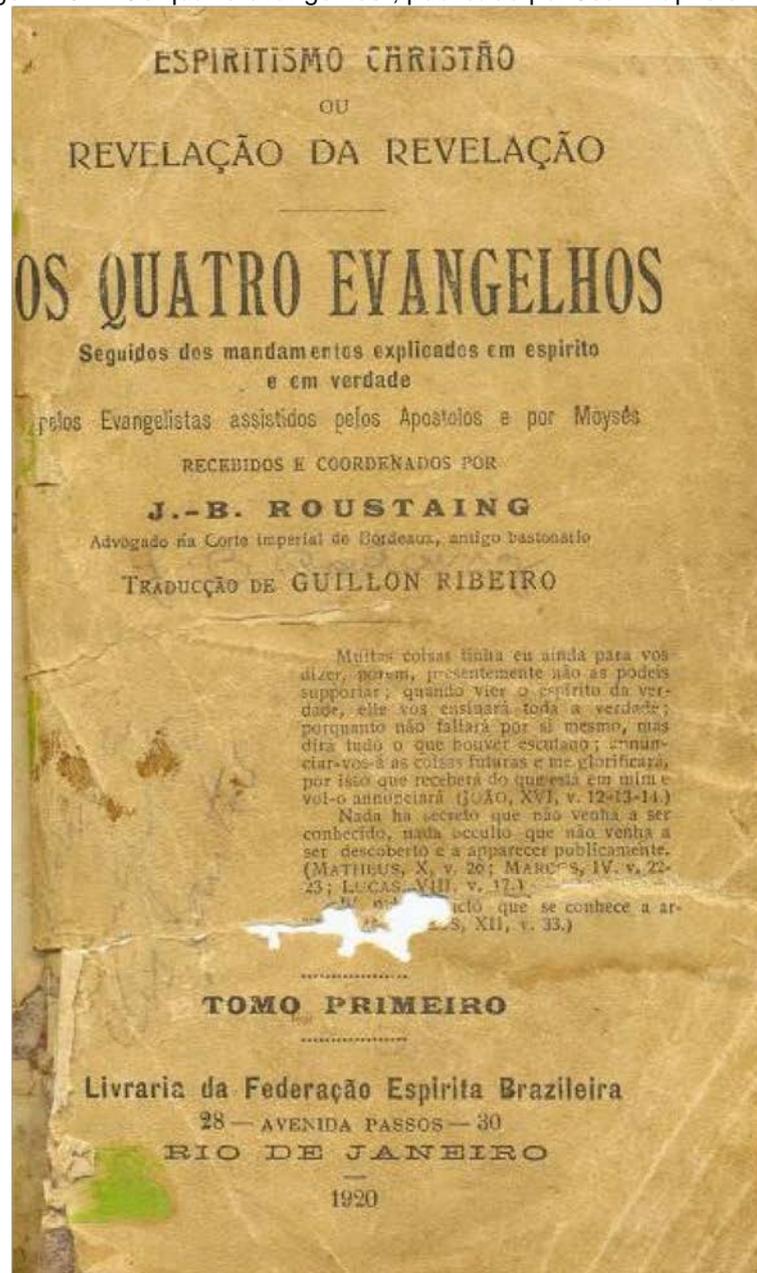
Segundo o autor, Kardec segue uma essência científica em seus estudos e publicações, baseando-se, por exemplo, no ceticismo de Descartes, recomendando a consulta a vários espíritas para certificação da veracidade das mensagens enviadas. Roustaing no entanto, age de maneira diferente. Para a publicação de seu livro *Os Quatro Evangelhos*, onde alega-se reunir mensagens dos evangelistas do Novo Testamento, João, Lucas, Mateus e Marcos, ele utiliza apenas a médium Emilie Callignon como canalizadora das mensagens.

¹¹ Para mais informações, consultar Del Priore (2014). Ela traz estudo aprofundado da circulação dos impressos de Kardec no Brasil dos séculos XIX e XX.

Outra contradição com o kardecismo acontece na teoria evolutiva. Nela, o espírito evolui continuamente, mas graduando-se. Um ser humano reencarna novamente como ser humano. Para Roustaing, o ser humano pode reencarnar como animais, vegetais ou qualquer outro tipo de vida terrestre, regredindo à sua antiga forma física.

Abaixo publicação de Roustaing:

Imagem 43 – “Os quatro evangelhos”, publicado por Jean-Baptiste Roustaing



Fonte: Dossiê Espírita (2015)

O último ponto de discordância aparece nas concepções da figura de Jesus Cristo. Para Kardec, ele foi um homem que passou por grande provação física e espiritual para o bem e a salvação da humanidade. Roustaing, no entanto entendia Jesus como um ser sobrenatural, sem corpo, que não sofreu o flagelo da carne.

Neste momento vale questionar, porque essa discussão aparece neste ponto desta dissertação? Por que a teoria de Roustaing aparece relacionada ao Pacto Áureo?

A Federação Espírita Brasileira, Fundada em 1884, teve como seu vice presidente em 1890 um grande adepto da teoria Roustaingistas, o Sr. Bezerra de Menezes. Ele introduz o impresso nas discussões teóricas da FEB, elegendo-o como livro base para a doutrina, junto com as publicações de Kardec. Essa linha doutrinária permaneceu na entidade até o período da assinatura do Pacto Áureo em 1949. Nele é possível perceber como a questão Roustaingistas permanece na FEB, pois em seu primeiro artigo ele diz:

1) Cabe aos Espíritos do Brasil porem em prática a exposição contida no livro “Brasil, Coração no Mundo, Pátria do Evangelho” de maneira a acelerar a marcha evolutiva do Espiritismo. (PACTO ÁUREO, 1949, apud FEB, 2015, *online*)

Ao determinar que a comunidade espírita pratique os escritos do livro de Humberto de Campos, psicografado por Chico Xavier, no entendimento de parte significativa dos confrades, os dirigentes da Federação Espírita Brasileira eles elegem a prática sobrepondo-a sobre o Kardecismo.

O médium responsável pela psicografia, Chico Xavier preferiu afastar-se da questão. Segundo Hessen (2014), ele não mantinha o costume de participar das reuniões da FEB, estando sempre absorvido pelo trabalho em seu Centro. Ele não participou da assinatura do Pacto, e quando questionado sobre o documento, coloca-se apenas como membro, a quem não cabe questionar, mas sim aceitar o que era designado. (HESSEN, 2014)

Amorim (2011) em seus estudos traz uma publicação de Erasto de Carvalho Prestes, ex-primeiro secretário da Associação de Divulgadores do Espiritismo do Rio de Janeiro, em seu *site* “O Franco Paladino”, onde combate, ferrenhamente, o que denomina de “Roustaingismo da Federação Espírita Brasileira”. Gélio Lacerda da Silva, presidente da Federação capixaba nos anos 80, em conversa com o vice presidente da

FEB, Juvanir Borges de Souza, já em 1980, também publica críticas à escolha do material:

Houve um “acordo de cavalheiros” entre a FEB e os poucos representantes estaduais, protagonistas do documento assinado em 05.10.49, segundo o qual não se cogitaria de Roustaing no CFN, o que equivale dizer: naquele Conselho só se falaria do Espiritismo autêntico, kardecista.

Mas a FEB, com a astúcia que lhe deu Roustaing, rompeu o “acordo de cavalheiros” já no item 1º do primitivo Regulamento do então criado Conselho Federativo Nacional, assim redigido:

“Cabe aos espíritas do Brasil porem em prática a exposição contida no livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, de maneira a acelerar a marcha evolutiva do espiritismo.”

E o livro norteador do movimento espírita brasileiro, nada mais nada menos, enaltece o sistema federativo unilateral da FEB, seu programa doutrinário (roustanguista!), apresenta o “Anjo” Ismael, guia da FEB, como preposto de Jesus, com quem Ismael conversa com intimidade e de quem recebe a missão de implantar o pseudoespiritismo roustanguista no Brasil e, para completar o seu florilégio para a FEB, Humberto de Campos diz que Roustaing “organizaria o trabalho da fé” (SILVA, 1995 apud AMORIM, 2011, p. 7, grifo nosso)

Leopoldo, em sua ação de unificação pelo Norte e Nordeste, também encontrou quem se posicionava contra as determinações doutrinárias do Pacto. Como na conferência realizada em Recife, no seu segundo dia, em que o Dr. Pinheiro Ramos, advogado influente da cidade, não abre mão de seu ponto de vista, “[...] não aceita, por isso, o Pacto Áureo, que julga obra exclusiva da Federação

Espírita, associando-o à célebre questão roustanguista.” (SILVA, 1995 apud AMORIM, 2011, p. 13)

Em seu segundo dia na cidade de Belém, logo após a conferência Materialismo versus Espiritualismo, Leopoldo e Carlos Jordão fizeram reunião fechada na secretaria da União Espírita Paraense, justamente para tratar do tema Pacto Áureo. Sobre esse encontro ele escreve:

Pontos controvertidos, idéias preconcebidas e propósitos recalçados prejudicaram, grandemente, a reunião. O Carlos Jordão da Silva esfalfou-se na explicação das finalidades do Pacto ...

O Pacto Áureo não contrariou, por si mesmo, a ninguém, pois a unificação é uma necessidade premente. (SILVA, 1995 apud AMORIM, 2011, p. 154)

Os questionamentos seguiram até os dias atuais. Quando entrevistado por Hessen em 2014 sobre o assunto, o presidente atual da FEB, César Perri, afirmou que muitas indisposições e momentos controversos se sucederam após a divulgação do

Pacto por conta da questão doutrinária, e percebendo a questão, o presidente Thiesen¹², decide em conjunto com o Conselho Federativo, que a base

dos trabalhos federativos é a obra de Kardec, com isso encerrando o assunto (MACHADO, 2010, p. 19)¹³.

Ao decidir criar o documento, a Federação Espírita Brasileira e seus dirigentes criam e estruturam também o CFN – Conselho Federativo Nacional, que seria presidido também pelo presidente da Federação Espírita Brasileira. Ele cria novas funções, insere novos membros, e designa que pelo menos um membro ou uma tríplice de membros fosse indicado ao Conselho. Os artigos nº 2 ao nº 5 explicam o procedimento:

2) A FE.B. criará um Conselho Federativo Nacional, permanente, com a finalidade de executar, desenvolver e ampliar os planos da sua atual Organização Federativa. – 3) Cada sociedade de âmbito estadual indicara um membro de sua diretoria para fazer parte desse Conselho - 4) Se isso não for possível, a Sociedade enviara ao presidente do Conselho uma lista tríplice de nomes para membro do Conselho - 5) O Conselho será presidido pelo presidente da Federação Espírita Brasileira o qual nomeará três secretários, tirados do próprio Conselho que auxiliarão e substituirão em seus impedimentos. (PACTO ÁUREO, 1949 apud MACHADO, 2010, p.

1)

Os que se posicionam contra, afirmam que acontece uma institucionalização da entidade, onde uma hierarquia é definida não para nortear e sim para fiscalizar as ações dos núcleos ou sociedades. Nesse momento acontecia uma luta de representações, onde segundo Chartier (1998), os espíritas entraram em disputa por suas representações e apropriações na qual cada segmento quis se impor. Anos depois, espíritas em jornais e livros, expressam suas opiniões sobre a criação do Conselho. Temos um trecho de carta de Deolindo Amorim, fundador do ICEB – Instituto de Cultura Espírita do Brasil –, escrito já em 1983 e enviado a Mauro Quintella, onde reafirma sua posição, sendo possível perceber seu descontentamento.

Fui contra o acordo de 49, depois chamado de Pacto Áureo, porque não concordei com a forma, **o modo político** pelo qual se realizou o plano,

¹² Refere-se a Francisco Thiensen, presidente da Federação Espírita Brasileira no período entre 1975 e 1990.

¹³ As questões doutrinárias foram e são discutidas até hoje, embora para a FEB a situação já esteja resolvida. O que tange o aspecto político também foi e permanece amplamente discutido até os dias atuais.

trabalhando em segredo. Não houve assembléia antes. Tudo já veio preparado (AMORIM, 2011, p. 36, grifo do autor)

No jornal *Mensagem* Herculano Pires, 25 anos depois do Pacto, também escreve seu posicionamento.

[...]Instalou-se no Rio o Conselho Federativo Nacional (órgão da FEB) e tivemos a primeira eclosão dos instintos vaticânicos. O Conselho começou a baixar bulas papalinas sobre questões doutrinárias, a conceder licenças para a realização de concentrações e congressos, a negar aos jovens o direito de deliberar em seus movimentos, como aconteceu num congresso de jovens realizado em Marília, com a presença de um “fiscal do Templo de Jerusalém”. O Conselho chegou mesmo a baixar uma bula em que declarava que “todo umbandista é espírita, embora nem todo espírita seja umbandista”, uma sutíliza tipicamente jesuítica, do mais forte sabor bizantino.

Desencadeado os instintos vaticânicos do Conselho Federativo Nacional, foi um deus-nos-acuda e ninguém mais conseguiu dete-los. Afastado Wantuil de Freitas da direção da FEB, substituiu-o Armando de Assis, que continuou reinando (PIRES, 1975, apud AMORIM, 2011).

Outras manifestações aparecem nos estudos de Amorim (2011), porém nesse momento cabe à dissertação, aprofundamentos sobre a ação de Arlindo Correia da Silva e as publicações do Jornal *O Poder*.

Leopoldo travou intenso diálogo com o jornalista/fundador do impresso no ano de 1952, sete anos após o pacto e dois anos depois da Caravana. Levantou questionamentos sobre os objetivos dos documentos e as intenções dos seus implementadores. Embora tenha sido fundado em Belo Horizonte em 1947, o jornal *O Poder* tinha circulação nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo podendo ser adquirido em bancas especializadas ou na sede da FEB¹⁴.

Fazendo uma alusão às diversas viagens ao Rio de Janeiro feitas pelos representantes das Federações paulista, paranaense e mineira, Arlindo nomeia o Pacto Áureo como “Pacto Aéreo”. (AMORIM, 2011, p. 359) Leopoldo expõe que o impresso era independente, ou seja, como um “jornal de debates” dos espíritas (MACHADO, 2010, p. 359) local onde ele e seu diretor dialogavam publicando suas considerações.

Em 1950, por conta da expedição Caravana da Fraternidade, Leopoldo publica artigo extenso sobre as razões de aceitarem o Pacto e as razões que os levaram a

¹⁴ Para aprofundamentos da questão, pesquisar Amorim (2011).

percorrer as cidades até Manaus. Explica que o pacto não foi obra dos homens, mas para eles que acreditam, obra dos espíritos. O texto foi publicado na

íntegra, mesmo que o dono do jornal não o aceitasse. Porém, na publicação seguinte, Arlindo já apresenta suas opiniões contrárias.

Elogia, imerecidamente, como espírita e como amigo, o articulista, descobrindo em nós coisas que não possuímos.

E diz – No entanto, não convenceu. Deduzimos que o pacto aéreo, segundo Leopoldo, é obra divina, mas a exemplificação dos principais responsáveis ainda está distante da realidade evangélica. (AMORIM, 2011, p. 360)

Leopoldo em seu texto anexo publicado no livro *A Caravana da Fraternidade* responde à crônica, explicando que não precisa convencer a ninguém, uma vez que, falavam a verdade. Desde o início ele tentava alcançar o “inatingível”, o entendimento entre espíritas (AMORIM, 2011, p. 360).

Uma coisa ambos tinham em comum: o pensamento sobre o papel do homem. As ações do homem são o grande problema do Pacto, para Arlindo, por conta de ter sido escrito e imposto pelo homem; e, para Leopoldo, pelo fato do homem não entender a ação espiritual que elegeu um grupo para transmitir a ideia de unificação espírita. Para fechar suas argumentações sobre a crônica publicada, Leopoldo explica:

Assim não escrevemos para convencer ninguém, mas para dizer nossa convicção, que é coisa diferente. E que em nada se abalou com a observação fraterníssima do Arlindo. (MACHADO, 2010, p. 294)

Após a passagem da Caravana, em 1952, o diálogo entre Arlindo e Leopoldo permanece. Em seu livro, Leopoldo publica ainda duas crônicas, devidamente respondidas. Na primeira publicada pelo *O Poder* de 29/06/1952, Arlindo coloca que o “Nosso querido irmão Leopoldo” (MACHADO, 2010, p. 362) publicou artigo sobre o Pacto Áureo, sendo algumas partes entendidas e outras não, sendo essa a temática da questão. Irônico, ele faz perguntas, na mesma página, como “Quem está dando 10% ao Pacto Áureo?” Leopoldo apresenta uma resposta interessante.

Já se obteve dez por cento, que é alguma coisa para quem só havia conseguido zero.

[...]

A desorganização geral era grande e maior o espírito desunificado que a Caravana da Fraternidade encontrou no Norte. Só muita sugestão pessoal e muita habilidade fraterno-cristã poderia quebrar o ambiente encontrado. E foi, efetivamente, o que sucedeu.

[...]

A Federação promovendo, como promoveu, o Pacto Áureo, e chamando a si a organização do Conselho Federativo, pela escolha, por seu presidente, dos membros componentes do Conselho e dandolhes sede na sua própria sede, claro que não fez pouco. Faz até muito, considerando-se que até ontem, ela sempre fugia, por esse ou por aquele motivo, a tais empreendimentos. (MACHADO, 2010, p. 363364)

Diferente do que vem escrito ao longo de suas memórias, afirma que a aceitação do trabalho da unificação no Norte foi muito difícil. A FEB e o Conselho para ele fizeram muito pela causa, principalmente quando chama para si a responsabilidade da organização da comunidade. Se a aceitação, ou melhor a adesão foi pequena no dia da sua apresentação na FEB, pelo menos era melhor que nada.

A segunda pergunta, “Porque Leopoldo Machado será substituído do Conselho papal?” (MACHADO, 2010, p. 363) Leopoldo responde, desconsiderando a ironia, que sua saúde inspira cuidados e a direção do Lar de Jesus precisa de sua atenção, sendo difícil continuar. Ele já não conseguia comparecer e comunicou ao confrade Carlos Imbassahy que não poderia mais representar a Bahia.

Nesse embate, Arlindo encerra questionando porque Leopoldo não foi homenageado como o “[...] maior trabalhador do Pacto Áureo”? (MACHADO, 2010, p. 364). Leopoldo, mais uma vez, desviando da ironia, lembra de seus confrades, saudando-os e eternizando-os em seu texto, como Lins de Vasconcelos, quando ele responde: “E onde ficaria o Lins de Vasconcelos, incontestavelmente o maior obreiro da unificação espírita no Brasil? Ainda haveremos de fazer-lhe, de nossa parte, a justiça merecida.” (MACHADO, 2010, p. 364)

A seguir, explica que ele e seus confrades não são homens de viver de glórias passadas e confirma que foram escolhidos para a viagem por lutarem pela ideia e não pelos homens, questionando se o amigo está satisfeito com as explicações enviadas.

Novamente em 19/09/1952, Arlindo publica sobre a temática da unificação, atacando o Pacto. Alguns artigos do texto são utilizados para questionamentos sobre a liberdade de ação espírita:

12) As Sociedades componentes do Conselho Federativo Nacional são completamente independentes. A ação do Conselho só se verificara, aliás,

fraternamente, no caso de alguma Sociedade possa a adotar programa que colida com a doutrina exposta nas obras: “O Livros dos Espíritos” e “O Livro dos Médiuns”, e isso por ser ele Conselho, o orientador do Espiritismo no Brasil.

[...]

15) Nenhum membro do Conselho poderá dar publicidade a trabalho seu, individual, subscrevendo-o como membro do Conselho Federativo Nacional, salvo se o trabalho for antecipadamente lido e aprovado pelo Conselho.

[...]

17) Sempre que possível o Conselho designara um dos seus membros para assistir aos trabalhos doutrinários realizados pela Sociedade. 18) Se alguma colidência encontrar, pedirá ela se convoque a diretoria da Sociedade e então confidencialmente, expor a o que deverá ser modificado, de acordo com o plano geral estudado pelo Conselho. (PACTO ÁUREO, 1949 apud FEB, 2015, *on-line*)

O que se observa em sua fala conduz a que não pode haver unificação ou igualdade quando a liberdade está vedada, ou seja, os artigos se contradizem. Como fiscalizar o trabalho doutrinário pode garantir a união, o membro que assim aceitar será inclusive intimado a prestar explicações. Mais uma vez a direção da FEB e do Conselho são atacados.

Leopoldo mais uma vez sai em defesa do projeto, considerando que não deveriam se preocupar com os homens e sim com a doutrina. Assim afirma que todos passariam, mas a instituição permanecerá. Logo, pode se divergir dos dirigentes, mas a ideia da institucionalização da doutrina permanece e vai seguir indefinidamente.

Deste modo o Pacto Áureo cria conflitos e divergências, pois nele é possível perceber uma tentativa da Federação Espírita Brasileira de se posicionar como maior detentora do capital simbólico da comunidade espírita, colocando-se como órgão hegemônico, em que federalizando, ela consegue abraçar os espíritas como um todo. Ela pretende figurar nesse momento como a porta-voz autorizada¹⁵, determinando que, onde acontecesse o espiritismo, a Federação Espírita Brasileira estaria presente.

Ao longo do estudo, assinalamos esta questão, a comunidade concorda com essa atitude? Assim se revela abismo entre confrades, que se dividiram, embora acreditassem e buscassem o mesmo caminho.

2.2 Atividades religiosas e educacionais da caravana

¹⁵ O conceito é trabalhado por Amorim (2011) a partir da teoria de Bourdieu, que define como portavoze autorizado “[...] aquele ao qual cumpre, ou cabe, falar em nome da coletividade.” Para aprofundamentos, consultar Bourdieu (1996 apud AMORIM, 2011, p. 9).

Como já mencionado anteriormente, o trabalho da caravana foi estruturado e as ações religiosas foram organizadas com a finalidade de otimizar o tempo e atingir a meta esperada. Para tal, ao longo dos 43 dias de viagem, a Caravana realizou 28 palestras em 14 cidades¹⁶.

Os confrades falavam onde podiam, considerando ideal atingir a todos, espíritas e não espíritas, pois com a ação de unificação, somava-se a ação de conquista de novos adeptos. Com ajuda do poder local das cidades, se utilizaram de espaços públicos, como teatros, foram às rádios, aos Centros Espíritas e até à loja maçônica. Na escrita de Leopoldo sobre a ação na cidade de Fortaleza, conseguimos entender o procedimento das palestras:

Jantar as pressas, que éramos aguardados na Confraternização E. Cearense. Estava superlotadíssima, a despeito de grande o salão. Mais expansão intensa de regozijo.

O José Borges preside a sessão. A prece é do Teodorico Barosso, ilustre poeta [...].

Francisco Spinelli faz uma síntese do movimento espírita da Caravana. Secunda-o o Carlos Jordão. A conferência, uma síntese da “origem e evolução do Espiritismo no mundo e no Brasil”. Ary Casadio incorpora o grande Espírito Bezerra de Menezes, que dá magnífica mensagem, salientando que o principal papel do Espiritismo no momento não é de combater as outras igrejas, mas o de afirmar, a atos e fatos, a lógica indiscutível do Cristianismo do Cristo. (MACHADO, 2010, p. 99)

Torna-se possível perceber nesse trecho, uma ordem determinada para as ações, onde cada personagem tem seu papel definido. Ao médium do grupo cabe canalizar os espíritos para somar mensagens de afirmação.

Abaixo, temos um quadro que assinala as ações da Caravana:

Quadro 6 – Atividades religiosas da Caravana da Fraternidade (1950)

CIDADES	LOCAIS DAS PALESTRAS
---------	----------------------

¹⁶ Nessa contabilidade, são consideradas as duas visitas a cidade de Belém e a Visita a Chico Xavier em Belo Horizonte, pois em ambas situações, o grupo reuniu-se para palestrar. Em Belo Horizonte, a palestra foi sobre as primeiras impressões sobre o trabalho desenvolvido e culminou com a mensagem psicografada por Chico Xavier do espírito Emmanuel.

Salvador – 5 dias	1 - Associação Comercial – Salão repletíssimo. 2 - UEB – União Espírita Baiana
Aracaju – 6 dias	1- UES – União Espírita Sergipana 2- Cineteatro Rio Branco
Maceió – 2 dias	FEA – Federação Espírita Alagoana
Recife – 3 dias	1-FEP – federação Espírita Pernambucana 2 -Liga Espírita Pernambucana 3 -Casa dos Espíritos
João Pessoa – 2 dias	Instituto João Evangelista
Natal – 4 dias	1-Federação Espírita de Natal – 2-Radio Poti 3-Teatro Carlos Gomes
Fortaleza – 2 dias	1-Confraternização E. Cearense 2-Confederação Espírita Cearense 3- Teatro José de Alencar
Parnaíba – 2 dias	1-Grupo Vida e Progresso 2-Loja Maçônica
Teresina – 3 dias	1 - C.E. Piauiense
São Luís – 2 dias	1-C.E. Jardim da Alma 2- C.E. Olhar de Maria 3- Rádio Timbira
Pará e Belém do Pará – 5 dias	1 - União Espírita Paraense
Manaus – 3 dias	1-F.E. Amazonense 2-Teatro Amazonas
Belém e São Luís – 2 dias	1-Caminheiros do Bem 2-Rádio Ribamar
Belo Horizonte – 2 dias	1-C.E. Luís Gonzaga 2-União Espírita Mineira
14 Cidades	28 Palestras feitas

Fonte: Quadro criado a partir de Machado (2010)

Embora Leopoldo seja visto por seus pares como gabaritado palestrante, não profere todas as palestras realizadas. O trabalho é dividido entre os confrades Spinelli, Burgos e Leopoldo. Mas a ordem do procedimento permanece:

- 1- O presidente da sessão, normalmente o diretor do Centro ou Federação Espírita local, inicia os trabalhos e abre o livro ATA.
- 2- A síntese do projeto da Caravana é apresentada, por Lins de Vasconcelos ou de Francisco Spinelli.
- 3- Leopoldo, Burgos, Spinelli fazem a palestra, ou conferência sobre a temática.
- 4- Ary Casadio faz a comunicação mediúnica.
- 5- Spinelli, Leopoldo ou Lins de Vasconcelos encerram os trabalhos e o livro ATA com as possíveis ações para a federalização do centro visitado.

Com temáticas que atendiam aos interesses de divulgação da Doutrina Espírita, os confrades abordavam assuntos que variavam dos objetivos do Espiritismo a como deveriam encarar os ensinamentos propostos. A ideia de progresso e evolução aparecem fortemente, preparar e fortalecer os espíritas pela unidade da federação e pelo discurso evolucionista aparentam ser os objetivos. O pioneirismo do Brasil, frente às Américas no trabalho espírita é um dos focos. Dentre as temáticas podemos citar:

Situação da Humanidade à Luz do Espiritismo – Salvador; Evolução da verdade religiosa – Aracaju;

Evolução religiosa da humanidade – Maceió; os vivos são sempre, e cada vez mais governados pelos mortos – conferência positivo- espírita – Recife;

Civilização do 3º Milênio – Recife; as razões do Espiritismo – Natal;

Origem e Evolução do Espiritismo no mundo e no Brasil – Fortaleza;

Materialismo ateu, o pior inimigo – Parnaíba; Mediunismo como fonte do progresso religioso – Teresina; O adversário mais sério do materialismo é o espiritualismo espírico – São Luiz; Civilização do 3º Milênio – Pará; A evolução religiosa da vida – Belém; Terrível divórcio da razão com a fé – Manaus; Relatos sobre a Caravana da Fraternidade – Belo Horizonte – Pedro Leopoldo.

Na abordagem das questões dos estudos sobre memórias, a escrita de Leopoldo Machado apresenta interessantes elementos para a compreensão da construção das memórias do trabalho realizado e por consequência da sua própria.

Quando menciona as palestras e conferência realizadas, Leopoldo escolhe adjetivos e superlativos para descrever os cenários das apresentações e para descrever as impressões deixadas pelas sessões nos que as assistiram.

Desta maneira, usando expressões como “Salão superlotadíssimo”, “Salão repletíssimo”, “Cheiíssimo”, “A conferência do Teatro foi um recorde para Natal”, Leopoldo constrói uma memória bem sucedida da Caravana e de seus executores. (MACHADO, 2010) Em Teresina, após sessão ele escreve:

Alegria geral de todos os presentes pelos três acontecimentos marcantes: a presença da Caravana, a sessão da noite e a fundação da entidade federativa. Alegria que transbordou até a ceia, em casa de nosso generoso hospedeiro, de sua generosíssima esposa e filha. (MACHADO, 2010)

Quando mencionamos ações educacionais da Caravana, estamos considerando o trabalho desenvolvido nas visitas às escolas ou centros educacionais amparados pelas organizações espíritas de cada cidade, atividade listada como procedimento padrão em toda parada, “(III) Visitas de estímulo às instituições espíritas de assistência social; (IV) programas sociais, organizados pelos irmãos visitados.” (MACHADO, 2010, p. 23).

Mas o que chama atenção é o fato de que, em alguns locais, a Caravana visitou mais escolas do que centros espíritas, deixando pistas da visão educacional de Leopoldo nos locais em que visitou.

Nesse contexto, as cidades de Maceió e Recife merecem destaque, uma vez que a Caravana visitou nas duas cidades 13 espaços educacionais, tendo visitado na mesma ocasião apenas 4 centros espíritas e realizando duas palestras, conforme quadro:

Quadro 7– Atividades educacionais da Caravana da Fraternidade (1950)

CIDADES	ESPAÇOS EDUCACIONAIS
Salvador – 5 dias	1 - Escola Constança Medeiros
Aracaju – 6 dias	1 - Escola de Corte e Costura Marília Barbosa. 2 - Instituto Normal Rui Barbosa

Maceió – 2 dias	1-Escola Zilga Gama 2 -Escola Maria de Nazaré 3 -Escola Santo Ambrósia 4 - Escola Zanele Caldas 5 - Escola Humberto de Campos 6- Escola do Orfanato S. Domingos 7- Grupo Escolar Antonio Pombo 8 -Creche Leopoldo Pereira
Recife – 3 dias	1 -Escola Bittencourt Sampaio. 2 -Escola Jeane D’Arc 3 -Escola Humberto de Campos 4 -Escola Maria de Nazaré 5 -Instituto Ismael
João Pessoa – 2 dias	1 - Escola Bezerra de Menezes 2 - Escola Leopoldo Cirne
Natal – 4 dias	Escola Raquel Fígner
Fortaleza – 2 dias	1-Escola Leopoldo Machado
Parnaíba – 2 dias	1-Educandário Padre Damião
Teresina – 3 dias	1-Escola Treze de Maio 2-Escola supletiva Guillon Ribeiro 3-Escola Bezerra de Menezes
São Luís – 2 dias	1-Escola Maria O’ Nill.
Pará e Belém do Pará – 5 dias	1-Escola primária na sede da Caminheiros do Bem
Manaus – 3 dias	1-Escola Leonardo Melcher 2-Instituto Montessoriano Álvaro Maia para crianças especiais

Fonte: Quadro criado a partir de Machado (2010)

No diário de Leopoldo, encontramos o procedimento adotado, a visita ao local, a descrição de como funcionam, partes físicas, quantidade de alunos e possíveis impressões.

Em Fortaleza:

De saída, fomos ao C.E. Paulo e Estêvão. Tudo muito simples, muito pobre. Mas, na sua pobreza e simplicidade, uma escola de três turnos com 130 alunos: a Escola Humberto de Campos. Aqui está, para nós, a mais alta finalidade do

Espiritismo, pois um centro espírita deve ser, antes de mais nada, uma escola, uma casa de instrução e educação. “Menos centros espíritas e mais escolas” é o refrão que devia estar na consciência de todos os espíritas. (MACHADO, 2010, p. 114)

O cenário de Maceió chama sua atenção, tanto que Leopoldo dedica um texto em seu diário sobre o tema, intitulado “A obra educacional de Maceió”. Nele refere-se à cidade como a “Meca” do Espiritismo pelo número de escolas e obras sociais mantidas pela doutrina. A Sociedade de Amparo Social, órgão ligado a então recém criada Federação Espírita Alagoana mantém as Escolas Humberto de Campos, o Albergue Tereza de Jesus e o Orfanato S. Domingos. A ordem na maioria dos locais segue, ou seja: centro espírita, escola, albergue, podendo ser para jovens ou idosos e orfanato.

A visita dos confrades é sempre recebida com festa pelos alunos, que preparam apresentações de canto, ou recitais para presentear os visitantes. A atividade fazia parte da agenda oficial deles, conforme a experiência. Em Aracaju:

Chegamos a Escola de corte e costura Marília Barbosa, toda enfeitada de moldes de vestidinhos. A criançada na idade escolar encontra no Irmão Fêgo sua escola ideal... Fizemos aí quatro programas num dia só. O primeiro, com moços e a criançada. Programa animadíssimo, nos moldes da escola ativa, em que tomaram parte, animadamente, grandes e pequenos, crianças, jovens e mais velhos, que terminou com interessante derrame de “livros.... livros a mancheias para o espírita estudar”...¹⁷ (MACHADO, 2010, p. 117)

Em Salvador:

Na Escola Constança de Medeiros falamos, depois, àquela gente miúda e moça, contando-lhe histórias, fazendo-o, pelo método da escola ativa, tomar parte na conversinha pedagógica e doutrinária. Animação e alegria. E com a “Canção da alegria cristã encerrou-se o programa [...]” (MACHADO, 2010, p. 122)

Em Maceió acontece também episódio que marca Leopoldo, em que percebemos o educador e espírita, indignado pela atitude adotada pela direção.

¹⁷ As atividades que seguem são direcionadas aos adultos e ao objetivo principal da expedição. No que tange o educacional, cabe apenas a parte citada.

Quando conhece o fato do Orfanato S. Domingos ser mantido pela caridade espírita, mas por pedido dos pais, não ter mais o caráter doutrinário na educação das crianças, ele afirma:

Que valor tem a opinião de tais pais? Não podem ter nenhuma autoridade moral sobre os filhos que estão se educando, de favor, numa casa espírita. Devem receber, portanto, a educação que se lhes dê, claro. Ademais, que sabe essa gente do Espiritismo? Só teriam de opinar assim, como opinaram. (MACHADO, 2010, p. 65)

Durante a pesquisa, analisando os relatos, questionamos o que difere a ação educacional para que possa ser caracterizada como espírita? Para entendermos torna-se necessário conhecer a Pedagogia Espírita. Deste modo, em que deve ser diferente a ação educacional para ser caracterizada como espírita?

Neste sentido, alicerçada nos pilares do amor, igualdade, liberdade, maturidade e ação, a pedagogia espírita prevê a formação do educando como um todo, desde os aspectos cognitivos até a formação moral. Vale ressaltar que essa pedagogia não é doutrinária, ou seja, pode ser entendida e aplicada independentemente da questão religiosa, pois tem o objetivo da construção moral, independentemente da religião.

Incontri (2014) em sua tese de doutorado apresenta elementos para que se possa entender resumidamente os princípios dessa filosofia. Primeiramente, compreende-se a educação como integral, contemplando todos os aspectos do aluno. A educação moral cria situações onde ele percebe e toma consciência do significado de justiça, somando à moral, vem a educação intelectual, que desenvolve o intelecto nas ciências, na filosofia e na lógica, com bom senso e autonomia, a crítica também agrega elementos para ajudar o aluno. O amor traz harmonia e sensibiliza o aluno para compreender e apreciar o mundo. Nesse pensamento, a educação estética ajuda o educando a se relacionar com os elementos naturais. A compreensão de si e o cuidado com o corpo, tratando-o como templo, faz com que o jovem tenha responsabilidade sobre seus atos. O sexo e a atividade física, portanto, não serão capazes de trazer consequências nocivas.

O termo mencionado nas citações acima, “escola ativa”, está associado à compreensão de autonomia, onde o educador faz o papel de mediador, usando a metodologia de experimentação científica, onde o aluno é capaz de produzir

conhecimento. Assim, é o termo mais apropriado, pois estende a ação como chave do processo.

Essa filosofia não se distancia do escolanovismo, que se iniciou na década de 1930 e assim mudou a filosofia educacional brasileira; pelo contrário, semelhanças são facilmente percebidas.

Ao estudarmos os escritos de Fernando de Azevedo, encontramos tais semelhanças:

A partir da escola infantil (4 a 6 anos) até a Universidade, com escala pela educação primária (7 a 12) e pela secundária (12 a 18 anos), a “continuação ininterrupta de esforços criadores” deve levar à formação da personalidade integral do aluno e ao desenvolvimento de sua faculdade produtora e de seu poder criador, pela aplicação, a escola, para a aquisição ativa de conhecimentos, dos mesmos métodos (observação, pesquisa e experiência), que segue o espírito maduro, nas investigações científicas. (AZEVEDO, 1958 apud CARVALHO, 2011, p. 70)

A religiosidade é a grande problemática da questão, uma vez que, na Escola Nova instituiu-se a escola enquanto ambiente laico. A pedagogia Espírita, no entanto, entende que a formação completa contempla também a formação do espírito; se faz no “cultivo dos sentimentos de adoração a Deus, de respeito às leis da natureza e no conhecimento das diferentes formas de religiosidade humana.”

(INCONTRI, 2014, p. 295)

Além dos atritos que porventura existiam sobre a ação da Pedagogia Espírita nas ações educacionais mantidas pelos centros e federações, uma ação de vanguarda deve ser destacada sobre a educação especial realizada pelos espíritas em Manaus e relatada por Leopoldo em seu diário.

Com Marcelino Queiroz e o Luiz Burgos, rodamos, manhã cedo e já fora da hora marcada, para o Instituto Montessoriano Álvaro Maia, a grande fundação do Dr. André Araujo. Instituto fundado em 1946, para crianças especiais: cegos, surdos, mudos, deficientes mentais. Um enorme edifício velho, de aparelhamentos pedagógicos modernos, e o outro, novo, em construção, de dois andares. Denomina-se este, Laboratório Pedagógico de Conduta Infantil Araujo Filho.... Percorremos tudo. Principalmente seus museus. (MACHADO, 2010, p. 175)

Embora fizesse parte do seu trabalho visitar espaços educacionais, a interação de Leopoldo com os mesmos pode ser explicada pelo fato de ele ser um educador. Naquele contexto, um educador em viagem, que pode ser entendida como pedagógica, pois ele troca experiências vivenciando os modelos aplicados, passando por experiência de

formação; entendendo assim, como acontece a educação espírita nas cidades do Norte e Nordeste.

Podemos dizer que os viajantes estavam longe apenas fisicamente da própria terra, pois a cada nova cidade ou escola visitada aproximavam-se mais de perto da realidade educacional do país. Não se limitavam a observar e anotar. Perscrutavam, comparavam, propunham, com a intenção de provocar mudanças nos rumos que a política educacional brasileira deveria tomar. Relatar o visto e o vivido em terras estranhas significou para eles uma experiência de formação que envolveu um exercício de introspecção e um modo de desnudar-se para deixar vir a público, além de seus descontentamentos e suas críticas, suas esperanças. Os relatórios de viagem constituíram-se, assim, em modos muito próprios de interferir nos destinos da educação daqueles que não se esconderam na impessoalidade da escrita obrigatória (MIGNOT; SILVA, 2011, p. 1)

Em seu livro *O Espiritismo é obra de educação*, Machado (2010, p. 51) explica a expressão utilizada como título do capítulo, “Menos centros e Mais escolas” um apelo que leu em Nova York em um jornal espírita local, que solicita menos centros espíritas que se preocupem apenas com o espiritismo, sem nenhuma finalidade cristã educativa que beneficie a humanidade.” Em seu entendimento educação e espiritismo não podem estar dissociados. Ainda em seu livro, publicado em 1944, a partir de uma tese apresentada no 1º Congresso de Jornalistas Espíritas podemos entender como entende a educação. Leopoldo lança mão de métodos específicos para estimular o aprendizado e aguçar a busca por conhecimento dos alunos. Conforme já foi mencionado, ele acredita em uma educação ativa e integral.

Deste modo, como deve começar esse processo?

A forma de receber um aluno já pode ser um encorajamento para sua estadia no espaço escolar, o professor que demonstra entusiasmo ao receber o aluno não “há de faltar quem deseje propagar”. (MACHADO, 2010)

Assim as pequenas histórias são formas de iniciar o dia, seguindo até o conteúdo, onde já nesse momento o aluno pode ter uma ideia do que será trabalhado:

- c) Uma historieta para criança e de criança desde que haja aluno que possa escrevê-la, ou reproduzí-la de cor.
- d) Números de declamações, de teatro ligeiro, páginas literárias, etc.
- e) Revisão do que foi ensinado nas aulas anteriores para medida de aproveitamento. (MACHADO, 1944, p. 59)

Os cadernos de boas ações, cartões de identificação com estrelas indicando os méritos dos alunos, sem desenvolver a vaidade, são utilizados por Leopoldo em sua

instituição, mas também são por ele indicados como ações eficazes na educação espírita. Embora afirme que sua instituição de ensino não tenha inclinação religiosa, afirmação sustentada até os dias de hoje pela família, Leopoldo em sua palestra afirma que “Na escola que dirigimos, testemunhamos essa cena:” (MACHADO, 1944, p. 63). E descreve uma ação de gincanas, onde os prêmios foram confeccionados pelos alunos, que no final eles se presenteiam. O orgulho de ganhar algo feito por seu colega e de presenciar seus pares ganhando prendas feitas por eles é um simples, porém muito eficaz exercício de aprendizagem e cooperação. Nas propagandas de atividades culturais do Gymnazio Leopoldo Machado que aparecem no primeiro capítulo, vemos exemplos de como esse trabalho acontecia em sua escola.

Ainda seguindo o conceito educacional de Leopoldo, ele afirma que, a maior dificuldade na elaboração e realização do programa educacional regular e da educação espírita está no mestre:

Pouco adiantam prédio suntuosos, aparelhamentos moderníssimos e exigências pedagógicas, se dentro da escola, manobrando seu aparelhamento e aplicando as exigências da pedagogia, não estiver um mestre de capacidade moral e intelectual. De capacidade moral, principalmente. (MACHADO, 1944, p. 66)

Para finalizar, Leopoldo tinha um lema, que divulgava aos seus educadores, independente do ambiente, tanto na educação escolar, quanto a realizada no centro espírita: “E o professor: Que por amor ao comodismo, ao ócio, não faz de sua arte um sacerdócio, não tem nenhum valor...” (MACHADO, 1944, p. 66)

3 OS DESDOBRAMENTOS DA CARAVANA: CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA

Em 1950, o educador e líder espírita Leopoldo Machado parte do Rio de Janeiro em caravana que tem duração de 40 dias para as capitais do que hoje conhecemos como norte e nordeste do país, aliado com figuras de destaque no cenário espírita brasileiro, com o objetivo de unificar esses estados a partir das determinações do Pacto Áureo que fora escrito um ano antes.

Nesta seção encontramos nosso personagem perto do fim de sua vida. Aqui trabalhamos com o que a Caravana proporcionou aos seus visitados, como eles entenderam a passagem desse grupo por suas cidades, como o material produzido pode ser encarado pela história como fonte, analisando o projeto realizado e seus desdobramentos.

3.1 O livro “A Caravana da Fraternidade”

Leopoldo Machado, já em 1954, quatro anos após a passagem da Caravana da Fraternidade pelas capitais do norte e nordeste brasileiro, publica o livro *A Caravana da Fraternidade*.

Nesse momento, encontramos um educador já experiente com quase 25 anos de trabalho desenvolvido na Baixada Fluminense, viúvo, já debilitado por enfermidades, mas ainda com o objetivo de tornar pública a jornada realizada por si e seu grupo de confrades.

Para tal, Leopoldo reúne documentos públicos e privados que integram um livro, publicado pela editora da FEB – Federação Espírita Brasileira em 1954 afirmando: “Livro que descreve ambientes e sessões, vultos e fatos, impressões e observações, críticas e até polêmica – tudo que houve durante a longa excursão.” (MACHADO, 2010, contracapa)

Tal processo pode ser entendido à luz de Kotre (1997) como memória autobiográfica por reunir lembranças de pessoas, lugares acontecimentos e objetos que fazem parte da história de alguém ou de algum grupo. Na publicação, que reúne relatos de diversos personagens, encontramos o que de mais significativo aconteceu antes,

durante e após a viagem, o que marcou essas pessoas no ponto de vista do autor Leopoldo Machado.

A edição utilizada como fonte para essa dissertação foi lançada em 2010. Ela fez parte de uma ação comemorativa dos 60 anos da expedição Caravana da Fraternidade e de 60 anos da aprovação do Pacto Áureo. Assim, aprovado e editado pela Federação Espírita Brasileira, o livro teve uma tiragem de três mil cópias, sendo distribuído por todo país e disponibilizado para compra na livraria virtual da Federação. Ao relançar o livro, 56 anos depois de sua primeira edição, a Federação apresenta elementos que evidenciam sua intenção. O “novo” livro *A Caravana da Fraternidade* traz diferenças estéticas e em seu conteúdo, quando comparado com o impresso de 1954. As capas, o texto de introdução e a síntese da excursão, dentre outros elementos, indicam um novo livro reorganizado com objetivos específicos que serão trabalhados ao longo do texto.

3.1.1 O LIVRO “A CARAVANA DA FRATERNIDADE” EM 1950

Em seu *site*, a Federação Espírita Brasileira exhibe um documento intitulado “Síntese das ações de União e de Unificação”. Nele estão descritas resumidamente em slides as ações de unificação do movimento espírita ao longo do século XX. O documento menciona o Pacto Áureo, como ação de unificação em 1949, em seguida menciona a criação do Conselho Federativo Nacional e a expedição Caravana da Fraternidade, como ações unificadoras ocorridas em 1950. Anteriormente, como fora mencionado a Federação Espírita Brasileira a partir das ações de unificação tentou ao longo das décadas se estabelecer como a imagem do espiritismo brasileiro. Deste modo, Chartier (1990 apud AMORIM, 2011) leva em consideração a historicidade dos fenômenos religiosos e afirma que uma “luta de representações” se iniciou a partir do Pacto Áureo, onde o espiritismo dividiu-se em dois núcleos distintos, os contra e os a favor do Pacto Áureo e das ações de unificação.

A Caravana da Fraternidade e outras iniciativas surgem como forma de contornar e extinguir essa cisão aparente. Em 1950, ela parte percorrendo cidades do norte e nordeste do país, retornando com aparente sucesso de seus objetivos propostos, mas a Caravana, por si, não foi suficiente. Outras ações são necessárias para a união e para sua permanência. O lançamento do livro reunindo as memórias da expedição aparece anos depois como um instrumento de unificação, trazendo aos espíritas o exercício de

rememorar. Chartier (1998, p. 12), no prólogo de seu livro *A aventura do livro: do leitor ao navegador*, afirma que cada leitor apropria-se de uma determinada forma da obra ou texto lido. O consumo cultural produz conhecimento e podemos entender também que, nesse caso, desperta memórias ou pode criá-las também.

Leopoldo Machado com a publicação do livro relembra a Caravana e organiza uma memória sobre ela. Aos que a vivenciaram, renovam-se os sentimentos despertados pela expedição. Os confrades se percebem na escrita de Leopoldo, os *flashes* voltam às suas memórias. O conceito de *flash* nos estudos sobre memória é entendido à luz de Kotre (1997), que entende dos determinados acontecimentos serem tão fortes, marcantes nas pessoas, que produz uma impressão na memória dos que vivenciam, marcando-os permanentemente. O autor completa, afirmando em algumas situações, a singularidade do evento e a mudança que o mesmo traz à rotina de quem passa pela experiência. (KOTRE, 1997, p. 98-99) As organizações espíritas mudaram sua forma de organização após a Caravana, ou seja, suas rotinas foram modificadas, o que ajuda a gravar o ocorrido na memória.

O educador utiliza dois suportes para esse trabalho, as crônicas inicialmente publicadas e posteriormente, o livro. Enquanto suporte para o leitor, as crônicas noticiam as ações da Caravana enquanto estão acontecendo, a expedição é acompanhada pelos leitores do *O Clarim*, jornal espírita de circulação nacional na década de 1950 e o jornal *Correio da Lavoura* da cidade de Nova Iguaçu, com circulação pela Baixada Fluminense.

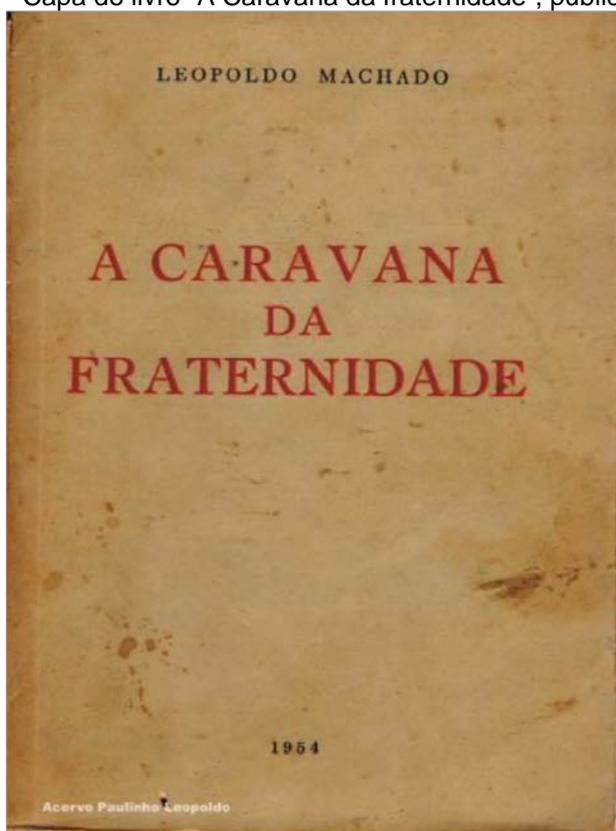
O espaço aberto a Leopoldo nesses jornais indica sua importância, uma vez que, *O Clarim*, juntamente com *O Reformador* foram considerados como veículos oficiais da FEB, a memória “oficial” assim era propagada. No caso do periódico *O Correio da Lavoura*, Leopoldo Machado mantinha de longa data o hábito de publicar textos e propagandas no jornal, fundado em 1917 por Silvino Hipólito de Azeredo. Desde sua chegada à cidade de Nova Iguaçu em 1930, Leopoldo publicava no jornal de Silvino Hipólito, propagandas de sua instituição, textos sobre os encontros e palestras no centro espírita que dirige “Fé, Esperança e Caridade”. Ao publicar as crônicas da expedição em um jornal tipicamente comercial, que trazia o cotidiano da cidade iguaçuana e seu entorno, Leopoldo demonstra novamente sua importância na cidade de onde parte em expedição, uma vez que, publica textos que não condizem com o perfil do impresso, agregando novos elementos à sua memória coletiva construída pela cidade.

A publicação em 1954 apresenta a Caravana organizada no suporte livro, em que os textos do diário de viagem de Leopoldo são agrupados e somados a outros textos por ele selecionados. Documentos, a princípio privados, como trechos do diário de viagem de Francisco Spinelli, correspondências por ele recebidas compõem o livro juntamente com documentos públicos, como excertos das atas de reuniões e o relatório de Carlos Jordão da Silva. Não é possível saber se a Federação exerceu influência na seleção dos documentos publicados, mas se olharmos do ponto de vista editorial a editora da Federação Espírita Brasileira dificilmente publicaria um livro contrário às suas aspirações. Mesmo demonstrando a atitude de respeito às divergências, uma cisão está nitidamente colocada e a FEB não teria porque incentivá-la.

No que diz respeito à cultura material, o livro publicado em 1954 é empobrecido de elementos gráficos, o que pode trazer considerações interessantes. A falta ou excesso de elementos podem indicar as finalidades e o público alvo da publicação.

Abaixo, capa do livro:

Imagem 44 – Capa do livro “A Caravana da fraternidade”, publicado em 1954



Fonte: Acervo Paulinho Leopoldo (2015)

Thaís Cristina Martino Sehn, em seu estudo sobre capas de livros e o mercado editorial no Brasil, analisa o tema:

No Brasil, foi na década de 1920, a partir da ideia de Monteiro Lobato, que a capa principiou a se destacar e o projeto gráfico do livro começou a melhorar. Nesse momento, esta passou a ser tratada como um anúncio do livro, um espaço para cativar o leitor e convidá-lo à leitura: nasce assim a capa ilustrada

[...]

As editoras passaram a se preocupar mais com o layout de seus livros, percebendo-se, em algumas delas, uma interação maior da capa com o miolo, margens mais arejadas e preocupação com o projeto – pensar a capa de acordo com os processos de impressão disponíveis – criando soluções atrativas e baratas. É neste período, segundo Nascimento (2008), que surgiu uma nova profissão: a de capista, onde ilustradores e artistas passaram a elaborar esse projeto.. (SEHN, 2015, p. 3)

No caso do livro *A Caravana da Fraternidade*, não foi realizado um trabalho de ilustração na capa, os elementos mínimos para sua diagramação são usados, o nome do autor, o nome do livro e o ano de publicação. A simplicidade pode ser entendida por vários ângulos. O público alvo, adultos adeptos e estudiosos sobre o espiritismo poderiam não ser afetados por uma capa ilustrada. Em outras publicações anteriormente lançadas, como *Teatro da Mocidade*, *Pigmeu contra Gigantes*, *Teatro Espiritualista*, *Doutrina Ingloria*, *Ide e Pregai*, que são destinados aos jovens, ao trabalho de evangelização, encontramos capas ilustradas, com o trabalho colorido inclusive, além do conteúdo do texto, o leitor pode ser “seduzido” já pela capa dos livros.

A falta de recursos da editora também pode explicar a questão, a FEB nesse momento ainda não tem recursos para desenvolvimento de *layout* para os impressos. Com sua mudança para Brasília na década seguinte, um novo horizonte foi aberto nesse sentido.

3.1.2 O LIVRO “A CARAVANA DA FRATERNIDADE” NO SÉCULO XXI

O exercício de rememorar já mencionado anteriormente é utilizado como estratégia pela Federação Espírita Brasileira, para prosseguir com o trabalho de unificação do movimento espírita. Nas décadas seguintes ao trabalho da Caravana,

outras expedições, palestras e encontros aconteceram para mais uma vez trazer a temática da unificação. Dentre eles o documento cita:

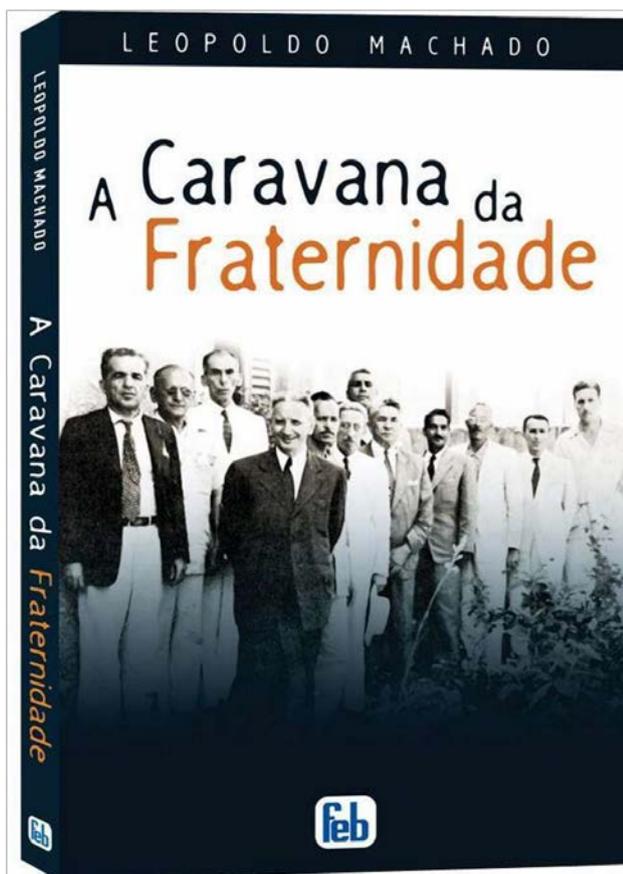
- 1986 – 1987 – Instalação das Comissões Regionais do CFN, com a finalidade de continuar a troca de ideias e experiências sobre o aprimoramento doutrinário, assistencial e administrativo dos Centros Espíritas, assim como a sua multiplicação.
- Criação dos Conselhos Zonais do CFN – Norte, Nordeste, Centro e Sul.
- Realização de Simpósios Regionais Norte, Nordeste, Centro e Sul. (FEB, 2015, *on-line*)

A edição de 2010 é lançada com comemoração na sede estadual do Conselho Espírita do Rio de Janeiro, como parte de um trabalho maior de publicação de textos comemorativos sobre o Pacto Áureo. O documento é considerado pela Federação enquanto:

O único registro completo sobre a jornada que representou um significativo e histórico esforço de união e de unificação inestimável contribuição para a consolidação do Conselho Federativo Nacional da FEB. (MACHADO, 2010, p. 14)

Abaixo, a nova capa do livro:

Imagem 45 – Nova capa do livro “A Caravana da Fraternidade”



Fonte: FEB (2015)

Com tal importância e condições para editoração, o livro foi estruturado de forma diferente nessa edição. O texto de introdução “A Caravana da Fraternidade e o seu autor” escrito por Antônio Perri já traz um diferencial entre as edições. Outras contribuições, contemporâneas à edição do livro são incorporada: contra capa, orelhas e quarta capa, escritas por Perri, apresentando o autor do livro, Leopoldo Machado e seus confrades.

A capa e projeto gráfico ficam a cargo de Agadyr Torres Pereira, diagramador do impresso *O Reformador*. A capa do livro já convida o leitor ao texto, usando uma foto de Leopoldo e seus confrades em Recife. Assim, já ativa a partir da imagem a memória.

Certamente, fotos embelezam um livro, despertando a memória, quando reconhecemos quem nela está inserida, instantaneamente a mente mergulha em um estado de transe. Eventos distantes retornam e mais uma vez fazem parte de nossas vidas.

Portanto, ao cargo do estudo assinalamos que mesmo não apresentando elementos gráficos atrativos, o livro *A Caravana da Fraternidade* editado em 1950,

cumpriu seu papel como documento oficial da FEB, sobre o projeto de unificação espírita a partir do Pacto Áureo. O trabalho pode ser considerado bem sucedido, uma vez que, décadas depois, a Federação lança mão do mesmo texto para manter viva na memória do movimento a necessidade da ação de unificação.

3.2 Impressões epistolares

O uso das letras foi descoberto e inventado para
conservar a memória das coisas...
As letras duram sempre.
Jacques Le Goff – História e Memória

Neste momento, vamos analisar as cartas recebidas por Leopoldo Machado, que constam em anexo no livro *A Caravana da Fraternidade*. Elas foram selecionadas e publicadas por Leopoldo na seção 8, intitulada “Impressões Epistolares – Excertos de cartas de amigos confrades”.

As vinte cartas recebidas e publicadas por Leopoldo Machado, de diversos confrades durante e após a realização da expedição da Caravana da Fraternidade, soma-se uma carta de Eusínio Lavigne, Presidente da Federação Espírita Baiana ao Dr. Júlio de Abreu Filho, liderança na Federação paulista. O material é apresentado em sua maioria como trechos destacados das missivas para publicação. Somente uma carta foi publicada na íntegra, as outras, tiveram apenas partes de seus conteúdos destacados para divulgação.

Neste estudo, consideram-se cartas pessoais como documentos que carregam rituais, podendo ser consideradas “artefatos culturais” (CUNHA, 2013, p. 116), que para os estudos históricos são uma fonte para elucidar e problematizar questões sociais de uma determinada época.

Cunha (2013) indica que, quando visibilizadas, as cartas despertam interesses e apresentam as experiências devidas, materializadas em papéis escritos a mão ou datilografadas ficam gravadas na história:

Materializados em papel e tinta, eles eternizam em folhas amareladas pela passagem do tempo, idéias, saberes, valores, acontecimentos e dizeres: representações escritas em suporte papel de um outro tempo, produzindo sentidos e construindo significados à ordem do existente. (CUNHA, 2013, p. 116)

Ainda orientada pelos estudos de Bastos, Cunha e Mignot, torna-se possível compreender que o ato de trocar correspondências acontece quando se pretende extinguir distâncias e construir sensibilidades, criar ou manter laços no papel.

Leopoldo e seus confrades praticavam a arte de correspondência. No início do seu livro, o texto “Ação Unificadora” escrito pelo confrade Lins de Vasconcelos indica que as cartas nesse contexto foram utilizadas para iniciar e facilitar o trabalho desenvolvido pela Caravana.

Precedendo a ida da Caravana, houve troca de cartas: Leopoldo estendeu-se com os estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão e Pará e Lins, com Pernambuco, Paraíba e Piauí. (CUNHA, 2013, p. 20)

Em nosso estudo, a correspondência recebida por Leopoldo é analisada como um desdobramento do trabalho da Caravana, uma consequência, uma vez que a maioria dos assuntos tratados está diretamente relacionada à expedição. Torna-se possível, ainda, afirmar que Leopoldo já poderia ter se correspondido com esses confrades, anteriormente; pois em alguns momentos as cartas revelam correspondências anteriores, “Depois de trinta dias em que o prezado irmão deixou S. Luís, volto a reatar nossa correspondência....” (BEZERRA, 1951 apud MACHADO, 2010, p. 339)

Tais missivas recebidas por Leopoldo, nitidamente, aparentam uma finalidade. Em todas elas, os confrades concentram sua escrita na descrição dos efeitos da passagem da Caravana por suas cidades, as impressões e sentimentos deixados pelo professor Leopoldo Machado.

Em sua passagem por Recife, Leopoldo registra conversa com o confrade Lírio da Silva Ferreira, onde firmam o compromisso de escreverem seus relatos.

O professor Leopoldo Machado, na hora das despedidas, me fez um pedido: “quero de você o seguinte: escreva acerca do que mais lhe teria despertado a atenção na Caravana da Fraternidade”. Pedido do irmão Leopoldo Machado transforma-se em ordem. (MACHADO, 2010, p. 239)

Ao fazer essa solicitação, Leopoldo instiga em seus correspondentes o exercício da escrita e de rememorar. Nesse gesto concentram-se esforços para a construção das memórias da expedição. Nada melhor que o ponto de vista dos envolvidos para se certificar como o trabalho repercutiu. Além do exercício de construção da memória

coletiva da expedição, encontramos nas cartas as memórias sobre Leopoldo. Cada carta descreve como a passagem desse personagem foi determinante para a comunidade espírita.

A seguir, vamos mergulhar no material trabalhado, os locais de escrita, quem são os remetentes, assuntos tratados, o cerimonial epistolar e as contribuições para a construção de memórias.

Ao que parece, Leopoldo somente não recebe correspondências da cidade de Belém, uma vez que não constam em sua seleção. Outra hipótese seria a seleção realizada por ele. Uma vez que ele organiza o acervo para publicação, sua finalidade em tornar público tais documentos pode ter entrado em choque com o conteúdo dos mesmos, sendo melhor silenciar.

Abaixo quadro relativo às correspondências:

Quadro 8 – Correspondência passiva de Leopoldo Machado (1950-1952)

REMETENTE	CIDADE	DATA
Eusínio Lavigne	Salvador	28/11/1950
Francisco Oliva	Sergipe	20/02/1952
Lafaiete Belo	Maceió	28/12/1950
Fernando Malta de Campos	Maceió	28/11/1950
Elias Sobreira	Recife	30/11/1950
Joaquim da Silva Gomes	Recife	01/12/1950
José Augusto Romero	Paraíba	18/11/1950
José Augusto Romero	Paraíba	30/10/1951
José Augusto Romero	Paraíba	1/12/1952
Felipe Soares de Melo	Natal	9/12/1950
Prof. João Rodrigues Vieira	Piauí	21/12/1950
Plácido José Camões	Maranhão	05/01/1951

continua

Quadro8 – Correspondência passiva de Leopoldo Machado (1950-1952) – continuação

Olímpio Maciel	Macaíba	19/01/1951
Celso de Freitas	Fortaleza	07/03/1951
Teodorico da Costa Barroso	Fortaleza	11/05/1951
José de Paula Bezerra	Maranhão	3/01/1951
Oswaldo Pacheco Dillon	Pará	17/04/1951
Oswaldo Pacheco Dillon	Pará	18/04/1951

Aníbal de Oliveira	Maranhão	29/06/1951
Lucia Ramos Pinto	Pará	26/08/1951
Marcelino Queiroz	Amazonas	06/10/1952

Fonte: Quadro criado a partir de Machado (2010)

A primeira missiva que ele pública é particularmente interessante, escrita por Eusínio Lavigne, presidente da Federação Baiana e destinada ao Dr. Júlio de Abreu, figura importante na federação paulista, em que ele cita Leopoldo e sua ação, como determinante para a mudança de sua opinião a respeito do Pacto Áureo e a ação de unificação:

Foi meu hóspede, com prazer imenso para mim, o prof. Leopoldo machado, que com os demais companheiros, partira para o Norte, em excursão de propaganda espírita, no dia 3 deste.

[....]

Eu defendi e assinei a ata da União Espírita Paraibana, que aprovou, em fins de dezembro de 1949, o pacto de 5 de outubro do mesmo ano...

Tempos depois, com a leitura de um panfleto de A. Pereira Guedes e uma carta de Souza de Prado, modifiquei meu pensamento...

[...]

Em síntese, compreendi o pensamento de Leopoldo Machado deste modo: que, com uma política hábil, confraternizante, o Conselho Nacional viria a ser órgão unificador do Espiritismo, donde ser intuitivo que a Federação Espírita se revigoraria, como integrada na sua verdadeira finalidade, fora da ação personalista....

Conhecendo, como conheço, a envergadura moral de Leopoldo Machado, um abnegado pela causa, não duvidei da sinceridade de suas palavras, tanto mais quanto lógicas a meu ver. (LAVIGNE, 1950 apud MACHADO, 2010, p. 327-328)

No texto fica claro o poder de ação de Leopoldo sobre o grupo, sua persuasão e convencimento para “esclarecer” os confrades e seu sucesso na empreitada. No entanto, chama atenção o fato de tal correspondência não ter sido enviada a Leopoldo. Assim, levantamos a questão, como ela chegou em suas mãos? Quais as intenções de publicar cartas que não foram destinadas a ele?

A rede de comunicação entre os dirigentes espíritas do Rio de Janeiro, de São Paulo e dos estados do sul, já mencionada na seção anterior, fez com que alguns espíritas contrários ao Pacto Áureo o ironizassem, chamando-o de Pacto Aéreo. Se algum membro dessa rede recebesse uma carta onde elementos apresentassem o sucesso da campanha, isso seria motivo para o envio da mesma a Leopoldo, uma vez que era de conhecimento geral a organização do livro da expedição. Essa carta, então, chegaria às mãos de Leopoldo para se somar ao acervo documental da Caravana.

Todas as cartas publicadas faziam referência à ação da Caravana apresentando o que havia acontecido após a sua partida, bem como as consequências do trabalho.

Felizmente, com a presença dos caravaneiros da Fraternidade e, sobretudo, em virtude de vossa projeção espiritual e evangelizadora, foi posta abaixo a muralha dessa Bastilha e, sobre os seus escombros, levantou-se a UNIÃO ESPÍRITA CEARENSE, para consolo dos que dividiam a fraternidade espírita. Todavia, a meu ver, não nos era preciso essa nova entidade social. Bastaria que todos os espíritas se compreendessem melhormente e, desistindo dessa nova modalidade social, formassem um só corpo, uno e indivisível, tendo por base a obediência à Federação Espírita Brasileira, e que nos organizássemos em centros e grupos, conforme havíamos começado no tempo de nosso saudoso irmão, Major de Engenharia-Militar, Dr. Manoel Viana de Carvalho. Graças à vossa sábia influencia a Federação Espírita Cearense, e a Confederação Espírita ao de Centro Auxiliador dos Pobres, com diretorias autônomas. Mas os antigos Grupos Espíritas continuam... (BARROS, 1951 apud MACHADO, 2010, p. 336, grifo nosso)

As cartas também somam elementos para a as memórias de Leopoldo, pois, mesmo citando os caravaneiros, é principalmente sobre Leopoldo que seus autores tecem comentários.

Os estudos de Kotre (1997) apontam elementos para entendermos porque a ação de Leopoldo foi tão importante para esse e os demais confrades a ponto de eternizar esse momento na escrita e na memória deles. Logo, as memórias, quando construídas, só permanecem quando têm significado para quem as vive. O trabalho de Leopoldo muda o ponto de vista de Eusínio, que passa a perceber a causa espírita de outra forma, de um novo ponto de vista. Esse episódio deixa marcas, ao ponto de o instigarem a escrever sobre o mesmo.

Digo-lhe, com franqueza, que durante o período de anos, que assinala a parte mais feliz da minha vida, presente, o orador que mais me emocionou e melhor satisfez aos anseios de meu Espírito foi aquele que falou, em novembro do ano passado, no Teatro Santa Rosa, desta cidade. E o orador em apreço é a pessoa a quem me dirijo neste momento.

[...]

A sua passagem por esta cidade deixou traços tão luminosos que jamais se apagarão.

Não estou a fazer elogios. Estou falando com o coração de quem sente a responsabilidade imposta pela rigidez da doutrina que nos irmana. (ROMERO, 1951 apud MACHADO, 2010, p. 332)

Tenho ouvido muitos oradores. Ouvi Epiácio Pessoa. Ouvi Mauricio de Lacerda e Waldemar Ferreira, quando falaram, aqui, no Teatro Santa Rosa. Passados muitos anos, no mesmo Teatro Santa Rosa, ouvi Leopoldo Machado. O grande tribuno espírita superou os oradores acima citados. As paredes daquele teatro

gravaram uma monumental conferência. Uma conferência sem precedente em toda a história do Espiritismo na Paraíba. Estou a exagerar? Não. Estou afirmando um fato verdadeiro.

[...]

Fique certo, Leopoldo, de que a família espírita da Paraíba não esquecerá jamais a sua passagem pela cidade de João Pessoa, passagem essa semelhante ao brilhante meteoro que cruza os céus, deixando rastros luminosos.

Você muito realizou na Pátria do Evangelho, durante muitos anos de propaganda. (ROMERO, 1952 apud MACHADO, 2010, p. 334)

Seguindo ainda as orientações dos estudos de Kotre, os trechos acima revelam como a ação de Leopoldo foi significativa para José Augusto Romero, presidente da Federação Espírita Paraibana, através da sua descrição, assinalando um marco pessoal para ele.

Foi um acontecimento tão chocante, surpreendente para o remetente, que “Explode um *flash* em nossa mente, e o acontecimento fica preso na memória.” (MACHADO, 2010, p. 98)

O fato também tem grande significado histórico pessoal para Romero, que assistiu Leopoldo Machado, comparando-o ao presidente Epitácio Pessoa, ao jurista Mauricio de Lacerda, pai de Carlos Lacerda e ao grande advogado Waldemar Ferreira e para a comunidade espírita como um todo, enquanto como uma “lembrança chave”. (MACHADO, 2010, p. 111)

Talvez a experiência lembrada fosse uma novidade, algo que rompeu com o roteiro normal. Talvez fosse conseqüente, a primeira numa cadeia de dominós que caem. Pode ter sido um evento de tão grande significado histórico ou engendrado grande emoção.

(KOTRE, 1997, p. 111)

Além de compreendermos essas cartas como documentos que evidenciam o tamanho do evento na memória, podemos evidenciá-las pela sua carga emocional:

Quando de sua estadia em Macaíba, se bem de poucos minutos, ficamos, eu e minha mulher, conjecturando que sua visita a nossa humilde casa parecia um sonho, isso porque, quando nosso confrade, Felipe, nos disse de sua vinda a Macaíba, nós achamos bem difícil, especialmente minha mulher, que tinha um desejo ardente de conhecê-lo de perto. Graça a Deus, realizarmos o nosso desejo tendo oportunidade de ouvir a sua palavra atraente, cheia de ensinamentos evangélicos. (MACIEL, 1951 apud MACHADO, 2010, p. 335)

[...] todavia, trazendo-lhe nosso carinhoso amplexo fraterno, a fim de que você sinta os nossos corações pulsando uníssonos com o seu, embora ainda não saibamos realizar tudo aquilo que você nos ensinou e, em seus anseios de guia esclarecido e animado, teria almejado ver realizado... (FREITAS, 1951 apud MACHADO, 2010, p. 336)

É, ainda, lembrando os momentos de muita satisfação e alegria que tivemos, pela graça do querido PAI, a felicidade de fruir durante a permanência dos ilustres e estimados irmãos componentes da Caravana da Fraternidade, que escrevo estas poucas linhas ao querido irmão, para transmitir-lhe, como os meus, os votos de bemestar, alegria e paz espiritual. (DILON, 1951 apud MACHADO, 2010, p. 341)

Com essa carga emocional presente nas cartas, percebemos a tentativa dos confrades de manter as memórias e seus elementos próximos, como pessoais. Por outro lado, manter próxima também a pessoa responsável pela produção dessas memórias, construindo uma intimidade.

3.3 A Caravana na imprensa: espíritas x profanos

A discussão pela imprensa-jornal anima-se e toma fogo pela presteza e reprodução diária desta locomoção intelectual. A discussão pelo livro esfria pela morosidade, e esfriando decai, porque a discussão vive pelo fogo.

Machado de Assis

MOITA (2002) nos lembra que a imprensa não é imparcial, ou neutra, ao contrário, pois divulga aspirações, necessidades e objetivos dos grupos que são responsáveis por sua distribuição e editoração, e carrega em suas páginas a ideologia e as concepções políticas de seus editores. Nesta dissertação, pretendese analisar a cobertura pela imprensa do projeto Caravana da Fraternidade e suas diferentes publicações no período que compreende antes, durante e após o término da viagem. Ao assumirem lados opostos, intitulavam-se conforme se reconheciam: os católicos, por exemplo, afirmavam ser a “boa imprensa” combatendo a “má imprensa”, como dizia Machado (2013). Na denominação da Caravana, os espíritas e suas publicações são atacados pela “Imprensa profana”. (MACHADO, 2010)

Tal análise é entendida também como um elo para compreendermos os embates que a caravana e seu líder, o Professor Leopoldo Machado, travaram com os grupos católicos que se opunham à ação do Espiritismo.

Neste sentido, investigamos como ambas as partes se relacionavam com a Imprensa. De forma geral, os dois segmentos perceberam na mídia o seu papel de

divulgação de ideias. Por meio de jornais e revistas, católicos divulgavam documentos oficiais e textos contra o Espiritismo ou qualquer corrente contrária.

Flamarion Laba da Costa, em sua tese de Doutorado, indica que o Espiritismo no Brasil teve conotação mais religiosa que científica ou filosófica, o que fez com que a Igreja Católica rotulasse seus adeptos como hereges. Em sua defesa, através de publicações, espíritas apresentavam esclarecimentos, buscando autenticidade e, dando assim, legitimidade a nova doutrina. Ainda no século XIX são fundados os periódicos “Echos de Além Túmulo” e “O Reformador” que se tornou o jornal oficial da FEB. De um lado, espíritas acusavam clérigos de estarem corrompidos pela riqueza e o luxo, deixando de lado os ensinamentos cristãos, como a caridade. De outro, a igreja se opõe ao entendido como “seita”^{□□}, e novas crenças religiosas, tentando impedir sua entrada e propagação no Brasil, que progredia do século XIX para o XX.

Mais uma vez, Leopoldo Machado, que afirmou em sua publicação de viagem, na cidade de Natal:

Sempre que excursionamos a serviço da propaganda do Espiritismo, esquecemos que somos diretores de um colégio, que possuímos uma caderneta de jornalista. Nunca visitamos, assim esquecida, a imprensa. Um erro, entre muito que cometemos. Só a partir de Natal

□□ O termo “seita” é interpretado à luz de Bordieu, que a descreve como crença ainda não legitimada no campo religioso. Ela apresenta estrutura e hierarquias, sendo assim semelhante ao clero, estando em busca de entrar no mercado de Bens e Salvação. (BORDIEU, 2004, apud MACHADO, 2010).

é que se nos chamou a atenção para o caso de não visitarmos a imprensa. De Natal em diante, saímos a visitar, com os irmãos da terra visitada e companheiros de Caravana, os jornais. (MACHADO, 2010, p. 286)

A lembrança da Imprensa a partir da visita à cidade de Natal, pode ser explicada pelo conflito presente nos impressos e rádios. Os jornais da região se dividiam em elogios ou críticas à jornada e a Leopoldo Machado. Esse tipo de enfrentamento não era novidade na cidade, Leopoldo relata que o jovem militar Hilpert Viana, ex-expedicionário, que lutou na Itália, ao regressar depois de vivenciar os horrores da guerra, se dedicou ao trabalho espírita em sua cidade. Assim, presidindo a Mocidade Espírita de Natal, já participava de debates na “Hora Radiofônica Católica” e na recém criada Rádio Potí.

Não podemos nos esquecer do rádio, novato no ramo de propagador de notícias e ideias, iniciando no Brasil, em 1922, na capital do País, como potente difusor e veículo da Imprensa, utilizado também para a cobertura da ação da Caravana e de seus agentes.

O rádio é, indiscutivelmente, a maior força expansiva e propulsora do progresso. Tivemos disso a prova em nossa excursão ao Norte do país. Nas cidades em que ocupamos o rádio, nossas palavras tiveram vibração diferente. (MACHADO, 2010, p. 299)

Esse jovem se torna o mediador para a difusão da Caravana pelas ondas do rádio. Às dezoito horas do dia 19/11/1950, Leopoldo teve a oportunidade de palestrar na Rádio Potí sobre “As razões do Espiritismo”. Por uma hora, ele ouviu e respondeu perguntas sobre o tema. Esse dia de trabalho gerou frutos, como indicam as publicações que o sucedem.

Leopoldo e sua doutrina aparecem nas publicações do dia seguinte:

Atendendo a sugestões de vários leitores da seção “Do outro mundo”, sugerindo-nos também entrevistas com os espiritualistas de maior projeção no Brasil, dado um colorido novo a série de reportagens que vimos publicando sobre o movimento Espírita no Brasil. Entre os nomes indicados, aparece o do professor Leopoldo Machado, “como um dos mais dinâmicos espíritas que o Brasil já conheceu.” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1950, apud MACHADO, 2010, p. 294)

Todo mundo sabe – e a experiência vem de longos anos – que o Espiritismo tudo acoberta com o rótulo pomposo da caridade. Com esta “fama”, com as encenações misteriosas tão do gosto de supersticiosos, o Espiritismo vai se alastrando...Os centros espíritas se multiplicam, os médiuns vão surgindo, os jornais e os folhetos difundem a pseudodoutrina de Allan Kardec. Assim é o Espiritismo: confusão e nada mais. (A ORDEM, 1950, apud MACHADO, 2010, p. 288)

Rocha e Toledo (2013) trazem elementos que elucidam as falas antagonistas citadas. Em seus estudos eles apresentam o catolicismo participando do processo educativo da sociedade brasileira oitocentista, ativamente.

Por outro lado, seu caráter conservador estampava jornais da época, propagando a doutrina nos meios letrados. Os jornais não se poupavam em assumir lados, sendo ora conservadores, ora liberais. Os católicos letrados faziam valer seus direitos em prol da hegemonia ideológica e da permanência no controle “não político” da sociedade civil. O “Catolicismo universal e eterno” (MACHADO, 2010, p. 288) precisava ser mantido, e as discussões sobre a divindade de Jesus persistiam por décadas entre católicos e

espíritas. Como a influência clerical no jornal *A Imprensa*, de circulação nas cidades de João Pessoa, Natal, Teresina e São Luís, que publica texto favorável à Caravana e, posteriormente, condena e penaliza o espiritismo e seus possíveis seguidores:

Já se foi do meio de nós a chamada Caravana da Fraternidade. Segundo o noticiário do órgão oficial do estado, foi a conferência do prof. Leopoldo Machado entrecortada de constantes aplausos da numerosa assistência que enchia todas as dependências do Teatro Santa Rosa. Pela exuberância dos adjetivos, a gente deduz os entusiasmos mediúnicos que fizeram vibrar a assembléia dos espíritas. (IMPRESA, 1950, apud MACHADO, 2010, p. 286-287)

CONDENAÇÃO AO ESPIRITISMO

São as seguintes, as penas cominadas pela Santa Igreja de Deus contra o Espiritismo e os espíritas:

1º Incorrem em pena de “excomunhão”, “ipso facto”. É a mais grave de todas as penas canônicas e consiste na excomunhão do fiel batizado da comunhão dos fiéis, pelo que ele fica privado de todos os bens espirituais da Igreja Católica (Can. 2314,1 e 2).

2º Não podem receber os Sacramentos, sem previamente “Abjurarem o Espiritismo” (Can. 731,2)

3º Não podem ser aceitos como padrinhos de batismo (Can. 765), nem de Crisma (795).

4º Não tem direito à Missa de sufrágio, nem a qualquer outro ofício fúnebre (Can. 124)

5º Ficam privados de sepultura eclesiástica (Can.1240)

6º A pessoa que “lê e conserva livros espíritas” incorre (ipso facto) na excomunhão reservada “Speciali Modo” à Santa Sé (Can. 2318) 7º O Santo Ofício, no decreto de 24 de abril de 1917, proíbe as invocações espíritas.

8º O Concílio Plenário Brasileiro, no Decreto 136, parágrafos 1,2,3, condena as práticas do “Espiritismo” (IMPRESA, 1950, apud MACHADO, 2010, p. 286-287)

Portanto, encontramos nesta publicação a clara oposição entre as religiões, onde católicos podem ser penalizados da forma mais severa, a excomunhão, que bane de forma permanente o católico, excluindo-o da sociedade em que vive. Logo, sendo excluído da igreja, provavelmente, estará sendo excluído da vida social de sua comunidade. Das doze cidades visitadas, na maioria encontramos algum tipo de publicação sobre a Caravana ou seu líder. Abaixo, os órgãos de imprensa da época:

Quadro 9 – A Caravana e a imprensa

CIDADE	DATA	JORNAL	TÍTULO DA MATÉRIA
João Pessoa	19/11/1950	Imprensa	“A Caravana da Fraternidade”

João Pessoa	21/11/1950	Imprensa	“Condenação do Espiritismo”
Fortaleza	22/11/1950	Gazeta de notícias	“Nota”
Parnaíba	22/11/1950	O Norte	“Caravana da Fraternidade”
Natal	20/11/1950	A Ordem	“Casos e Coisas”
São Luiz	03/12/1950	O Globo	“Entrevistados pelo D.A.”

Fonte: Quadro montado a partir de Machado (2010)

As reportagens ou notas publicadas, divulgam a chegada da Caravana, sua programação nas cidades, as palestras, noticiando suas possíveis finalidades.

Chega hoje a Caravana da Fraternidade, que ora percorre o Brasil, do Sul ao Norte, proclamando os excelsos ensinamentos de Jesus à luz da Doutrina Espírita... (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1950, apud MACHADO, 2010, p. 289)

O foco da Imprensa é repartido entre caravana e caravaneiros, talvez por pesquisa jornalística ou por indicação de seus pares, e os viajantes eram solicitados a conceder entrevistas.

ENTREVISTADOS PELO “D.A”

A reportagem “associada” esteve, ontem, na residência do Sr. Aníbal de Carvalho Oliveira, comerciante em nossa cidade, onde se encontram hospedados os integrantes da “Caravana da Fraternidade”. Ali, procuramos ouvi-los, tendo mantido conversação entre três deles, entre os quais o professor Leopoldo Machado, que nos respondeu às perguntas que lhe formulamos.

Inicialmente, disse-nos o prof. Leopoldo Machado que a Caravana está em excursão por todos os estados, desde a Bahia até Manaus, pregando o Espiritismo cultural aos leigos e concitando os espíritas à adesão ao Pacto Áureo de 5 de outubro de 1949

[...]

Afirmou, ainda, que a Caravana da Fraternidade não tem objetivos políticos, nem o de combater qualquer crença. Acrescentou que o “Espiritismo, para se firmar, não precisa combater a religião de ninguém”. (O GLOBO, 1950 apud MACHADO, 2010, p. 290-291)

Os cargos na FEB, naturalidade e ocupações são listados também pela Imprensa, como uma forma de melhor apresentar os participantes da viagem.

CARAVANA DA FRATERNIDADE

Em viagem de propaganda doutrinária e intercâmbio religioso neoespiritualista, chegara nesta cidade pela Aerovias de domingo, os ilustres caravaneiros : professor Leopoldo Machado, escritor, poeta e conferencista do Rio de Janeiro; Drs. Francisco Spinelli, do Rio Grande do Sul; Carlos Jordão, de São Paulo; Ary Casadio, do Paraná e Luiz Burgos Filho de Pernambuco, os que pretendem realizar duas importantes palestras, sendo uma às 10 horas da manhã, no salão da Maçonaria, à rua Conde D'Eu, e outra na sede do Centro Espírita "Vida e Progresso", à rua Vera Cruz, desta cidade". (O NORTE, 1950, apud MACHADO, 2010, p. 291)

O que se observa é que a viagem, por si só, era um evento social nas cidades. Esses homens, essas figuras, vindos da capital do País, eram reconhecidos como celebridades, merecendo destaque na mídia.

Autoridades públicas, chefes de estado, iam ao seu encontro ou os recebiam em seus gabinetes. Desta forma, suas opiniões e religiões poderiam divergir, mas o reconhecimento deles como importantes visitantes justificavam os encontros.

Em Natal, são recebidos pelo governador do estado, Dr. José Varela, em seu gabinete, para "gentil e agradável conversa". (MACHADO, 2010, p. 174) As redes de sociabilidade da Caravana aqui se apresentam na figura do Capitão Joel Alvarenga, responsável pelo comando da força militar do estado. Por ser espírita, recebe a Caravana em sua residência, circulando pela cidade com o grupo em jipe militar e, de acordo com Leopoldo, organizando o encontro no gabinete do governador. Ou seja, a influência do grupo espírita no estado abre os caminhos da Caravana.

Em Manaus, temos o interessante fato de o prefeito solicitar uma visita dos caravaneiros. A Prefeitura oferece à expedição, para realização de palestra, no dia 8 de dezembro, o Teatro Amazonas, merecendo pessoalmente, pelo gesto, agradecimento. A ação do político pode ser explicada, uma vez que sua "democracia" na cessão de espaços públicos fica evidenciada. Ele reconhece na Caravana, também, pessoas de influência política e social, que devem ser prestigiadas.

– Aqui, procuro agir com a maior democracia. Hoje, o Teatro é dos espíritas. Amanhã, dos protestantes, e depois de manhã, dos católicos. Só há uma diferença: é que aos outros cobra-se a luz... (RIBEIRO, 1950, apud MACHADO, 2010, p. 173)

Vale a pena nos indagarmos se o mesmo tratamento seria dado a outros viajantes em ação missionária. Nas cidades, ruas foram enfeitadas para a passagem do grupo;

houve a preocupação de preparar a sua chegada e proporcionar-lhe a melhor permanência possível. O envolvimento da esfera pública aponta indícios para compreender o tamanho da influência política deles e de seus pares.

Mesmo podendo ser alvos, de retaliações de grupos religiosos católicos que eram fortes nas regiões do Norte e Nordeste brasileiras, esses governantes se abrem à oportunidade de receber publicamente a caravana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um longo caminho foi percorrido para alcançar o objeto de estudo desta dissertação. Investigar o projeto de unificação do movimento espírita brasileiro, nas memórias do educador Leopoldo Machado, a partir de sua publicação, o livro *A Caravana da Fraternidade* foi um exercício de paciência. O acervo iniciado por ele e continuado por seus familiares é extenso e apresenta objetos e caminhos diferentes de pesquisa que contribuem para a história do espiritismo no Brasil, para a história da educação na Baixada Fluminense e para os estudos sobre a educação espírita.

Por outro lado, seus 27 livros, catalogados como, peças teatrais, poesias, apostilas, os álbuns de fotos, as reportagens sobre seu trabalho e diversos mobiliários escolares marcam uma história de vida e trabalho. O professor Leopoldo Machado em seus 65 anos de vida deixou traços em seus familiares, companheiros de trabalho e confrades que o eternizaram na memória. Assim, sua trajetória como educador e liderança espírita escreveu seu nome na história.

Torna-se difícil analisar a história da Baixada Fluminense, do município de Nova Iguaçu, seu processo de escolarização a partir da década de 1930, sem mencionar o Ginásio Leopoldo Machado, sua instituição de ensino. Na primeira seção da dissertação, a chegada à cidade, as condições de criação de sua instituição de ensino, sua clientela e o trabalho desenvolvidos ajudam a entender a história local. Em seu corpo discente, encontramos os filhos ilustres da cidade e dos municípios a sua volta. A “nata” da sociedade iguaçuana esteve em seus bancos escolares. Futuros políticos, juristas, empresários e artistas, tiveram em sua formação intelectual, física e moral a marca de sua educação integral. No seu corpo docente, vemos os fundadores das futuras instituições de ensino particular da Baixada Fluminense, que em suas escolas, se apropriam de elementos educacionais semelhantes ao do Ginásio Leopoldo Machado. Neste sentido, pode-se afirmar que, o trabalho de Leopoldo Machado frutificou.

Ao mesmo tempo, sua passagem trouxe também descontentamento. O espírita Leopoldo Machado travou intenso debate com a liderança católica local, na figura do padre João Mush. Debates públicos foram realizados, discussões entre seus aliados e até a correspondência entre o padre e suas instâncias superiores marcaram essa disputa, que se estendeu do aspecto religioso atingindo também o educacional. A partir

disso, outra instituição de ensino foi criada, o IESA – Instituto de Educação Santo Antônio, ou seja, até nas disputas, encontram-se pontos positivos, pois criam escolas

Ao longo da pesquisa, fazendo uso das fontes sobre o ritual de sepultamento de Leopoldo Machado e as homenagens póstumas mais de duas décadas após sua chegada a cidade, traz ao texto, elementos para melhor compreender a personalidade que Leopoldo Machado se tornou para a sociedade iguaçuana e no cenário espírita.

A importância do educador no cortejo acompanhado por alunos uniformizados, os discursos declamados em seu centro espírita, a mobilização municipal em torno de seu falecimento e a publicação na Imprensa indicam que o legado de Leopoldo foi impresso permanentemente na memória do município e das pessoas com quem conviveu. Os estudos de Almeida, Dias e Oliveira (2002) sobre o ritual de sepultamento, nos ajudam a entender a organização de uma sociedade, sua cultura e construção da memória coletiva:

[...] os ritos fúnebres de cada sociedade refletem a concepção que cada grupo social tem sobre morte, sendo, portanto, a análise dos símbolos, formas, dimensões, temas e elementos incorporados na performance, importantes para a compreensão sobre o momento cultural em que foram criados e a construção da memória coletiva. A elaboração dos ritos pós-morte e a recordação dos mortos permanecem na memória dos vivos, desta maneira suas ações e importância social representam um meio de prolongar sua existência, através da influência que mantém sobre os que permanecem vivos, voltaremos a este assunto mais adiante.

“Representação” que leva a estender a memória do ausente mais além da própria vida. (OLIVEIRA, 2006, p. 2)

Após 30 anos de seu falecimento, a homenagem póstuma de seu ex-aluno e discípulo nos norteia no exercício de rememorar. Luiz Martins de Azevedo em sua palestra, realizada em 1987 no Congresso da Mocidade Espírita, interpretada ainda na primeira seção, apresenta as fases de Leopoldo Machado. A infância e juventude em sua terra natal, na cidade de Cepa Forte no estado da Bahia, o trabalho como professor e diretor no Colégio Nacional, no bairro do Méier, na capital, e na cidade de Paraíba do Sul.

Na nostalgia do ex-aluno e amigo, carregada de sentimentos, o palestrante escolhe, seleciona memórias e lembranças, entendidas por Marilena Chauí como um fenômeno onde:

[...] selecionamos e escolhemos o que lembramos e a lembrança, como a percepção, tem aspectos afetivos, sentimentais, valorativos (existem

lembranças alegres e tristes, saudade, arrependimento, remorso). [...] também não se pode explicar o esquecimento, pois se tudo está espontânea e automaticamente registrado e gravado em nosso cérebro, não poderíamos esquecer coisa alguma, nem poderíamos ter dificuldade para lembrar certas coisas e facilidade para recordar outras. (CHAUÍ, 2002 apud CARDOSO; MORAES, 2014, *e-pub*)

Logo, a memória é um fenômeno social. Para Bossi (1994) ela é construída em conjunto, como uma “colcha de retalhos”, onde os elementos apresentados, somam-se e criam as memórias sobre o biografado.

Portanto, seguindo os indícios deixados por Azevedo, a construção da memória coletiva norteou o segundo capítulo. O diário de viagem escrito por Leopoldo em 1950, no momento em que sai em longa viagem com um grupo de confrades, registra o cotidiano da expedição. Esse diário, escrito em forma de textos, que foram publicados por Leopoldo em jornais espíritas e laicos, descreve como o trabalho aconteceu. A Caravana da Fraternidade percorreu as capitais do Norte e Nordeste brasileiro durante 40 dias. Ao assumir a responsabilidade de escrever e publicar as memórias sobre a expedição, Leopoldo Machado, consolida-se enquanto figura de destaque no cenário espírita brasileiro.

A importância do ato de viajar, a escolha do trajeto, os escolhidos para a empreitada, as ações realizadas nas cidades, as impressões deixadas pelo grupo e nos confrades, constroem a memória da expedição. Ao ser publicada passou a ser a memória do movimento espírita. O livro *A Caravana da Fraternidade* descreve através de relatos não somente de Leopoldo, mas de todos os membros da Caravana, como o projeto em prol da unificação espírita a partir do determinado pelo Pacto Áureo aconteceu.

Assim, ao longo da seção, explicitaremos as motivações da Caravana. Em 1949, a Federação Espírita Brasileira, lança um documento que, estrutura e padroniza as ações dos centros e comunidades espíritas pelo Brasil. Para alguns, com o objetivo de institucionalizar a religião, para outros, com o objetivo de facilitar a ação doutrinária, o Pacto Áureo foi lançado, cabendo agora a sua aplicação. Neste momento, aconteceu uma ruptura. O livro *A Caravana da Fraternidade* defende veemente o documento e a sua disseminação. Para interpretar esses impressos, teóricos como Amorim (2011) auxiliam, criticando o documento.

Para tal, lança-se mão de Bourdieu (1975) com a teoria do capital simbólico. Dois pontos de vista são assinalados e, portanto, trabalhados na seção, o de apoio ao pacto,

percebendo-o como o caminho para unificação e o de repúdio, por considerar que a Federação Espírita Brasileira pretendeu se alinhar a imagem do movimento.

A partir das motivações da Caravana, avaliamos as questões religiosas e educacionais. Quando se fala do religioso, a metodologia de ação do grupo as palestras realizadas, tem a temática de unificação latente. Em cada cidade visitada, palestras aconteciam, centros e obras sociais eram visitados e a certeza da federação era confirmada. O aspecto educacional é destacado pela dissertação, visto que, a viagem para o biografado pode ter tido também o objetivo pedagógico. A pedagogia espírita surge interpretada a luz de Incontri (2001), que explica o conceito de escola ativa, entendendo o ensino para a formação integral, onde os pressupostos do amor, igualdade, naturalidade e estética são trabalhados.

Cada existência na Terra lhe serve para progredir em qualidades morais e intelectuais. Mas o equilíbrio entre a moralidade e a inteligência, entre a capacidade de produção estética, a racionalidade e os sentimentos elevados é essencial para o seu desenvolvimento harmonioso. Por isso, a educação deve ser integral, no sentido de garantir um balanceamento útil entre as diferentes potencialidades do ser. (INCONTRI, 2001, p. 293)

A abordagem dessas questões esclarece a ação pedagógica de Leopoldo na expedição e somada as suas publicações, esclarecem como ele entende a educação.

Na última seção, os desdobramentos da expedição Caravana da Fraternidade são avaliados, enquanto resultados do trabalho realizado por Leopoldo Machado e seus confrades. A publicação do livro *A Caravana da Fraternidade* é compreendida como um desdobramento, pois ele é organizado a partir dos escritos produzidos pela expedição. O porquê da escrita de livros, sua circulação, aparecem para compreendermos o processo de organização da publicação. As escolhas, as capas e edições trazem elementos interessantes para elucidar tais questões.

Ainda utilizando o livro *A Caravana da Fraternidade* como fonte, encontramos em seu anexo “excertos” de missivas recebidas por Leopoldo após a realização da viagem; entretanto encontramos nessas cartas, as impressões deixadas por Leopoldo e seu grupo nas cidades visitadas. A escrita das cartas é entendida como um exercício de rememorar.

A memória coletiva sobre a Caravana e principalmente sobre Leopoldo Machado, nesse momento voltam a aparecer. O cerimonial epistolar das cartas foi interpretado à

luz de Cunha (2013) que traz os sentimentos da escrita, a motivação. No que diz respeito à memória, Kotre (1997) elucida o processo de memorizar, o que faz com que memorizemos alguma coisa, a carga de importância que mantém alguns fatos nítidos e claros em nossa memória, em detrimento de outros. Dessa forma é possível entendermos a fascinação, e até idolatria, que os confrades visitados desenvolveram por Leopoldo Machado, fazendo com o momento de sua estadia nas cidades permanecesse anos depois em nossas memórias.

Ao longo da dissertação, a considerar como fonte a Imprensa. A passagem da Caravana e de Leopoldo Machado gerou publicações na Imprensa, classificada por ele como “profana”, quando se tratava de um impresso laico ou católico e “espírita”; quando se tratava de impresso espírita. Portanto, publicações sobre a Caravana podem ser consideradas como um desdobramento. Objeções diretas apareceram estampadas em jornais e foram agregadas ao livro *A Caravana da Fraternidade*. A opinião de católicos aparece como clara oposição ao trabalho realizado por Leopoldo e seus confrades para a unificação do movimento espírita.

Também, encontram-se também publicados no livro, reportagens elogiando e apoiando a Caravana, assinalando como a imprensa laica acompanha a passagem da expedição pelas cidades. A Imprensa então se configura como aliada ao trabalho, divulgando e facilitando a propagação da mensagem de unificação. Conforme os estudos de MOITA (2002), atentamos para a parcialidade da Imprensa, que segue orientação política e ideológica do responsável por sua edição. Logo, o olhar sobre essa fonte deve ser criterioso.

Por fim, acreditamos que a presente dissertação com essa estruturação e lançando mão de conceituados teóricos, nos permitiu compreender as estratégias utilizadas por Leopoldo Machado e seus confrades para a disseminação do Pacto Áureo e, conseqüentemente, para a unificação da comunidade espírita. As fontes também apresentaram subsídios para a construção da biografia sobre esse educador espírita, reconhecido como peça chave para o sucesso da expedição Caravana da Fraternidade. Deste modo, Leopoldo Machado foi consagrado como um dos mais importantes líderes espíritas de sua geração, sua ação educacional também deixou marcas profundas no município de Nova Iguaçu e adjacências que o homenageiam e aos seus familiares com o patronato de escolas e instituições públicas. O que a pesquisa revela é que,

difícilmente, se encontram pessoas em sua cidade de coração, que não conheçam seu legado educacional e espírita.

REFERÊNCIAS

ABREU JR., L. de M. Apontamentos para uma metodologia em cultura material escolar. **Pro-Posições**, Campinas, 2004, v.16, n. 1(46), p.145-164.

ABREU, M. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLAN, 1997.

Acervo Paulinho Leopoldo. 2015. Disponível em: www.colegioleopoldo.com.br. Acesso em 11 mar. 2014.

AMORIM, P. P. Que pacto é esse? In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais...**, São Paulo: ANPUH, 2011. p. 1-10.

AO LONGO DO SÉCULO XX. **Revista Pilares da História**, Duque de Caxias, ano 10, n. 11, maio 2011.

AUTORES ESPÍRITAS CLÁSSICOS. 2015. Disponível em: www.autoresespiritasclassicos.com. Acesso em 1 mar. 2015.

AZEVEDO, Luiz M. Muito obrigado, mestre! Muito obrigado, mesmo! **Nossa História**, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.colegioleopoldo.com.br>. Acesso em 10 ago. 2014.

BASTOS, Maria Helena Camara. Espelho de papel: a imprensa e a história da educação. In: ARAÚJO, José Carlos; GATTI JR., Décio (orgs.). **Novos temas em história da educação: Instituições escolares e educação na imprensa**. Uberlândia: EDUFU: Campinas: Autores Associados, 2002.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BERQUE, A. Paisagem marca e paisagem matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: ROSENDAHL, Z.; LOBATO-CORRÊA, R. (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

BIGHETO, Alessandro César. **Eurípedes Barsanulfo**, um educador espírita na primeira república. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. A. **A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.

CAMACHO, Suzana Brunet. **Cadernos de segredos:** marcas de educação católica na escrita íntima. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CARDOSO, Silmara de Fátima; MORAES, Dislaine Zerbinatti. **Viajar é inventar o futuro:** narrativas de formação e o ideário Educacional Brasileiro de Anísio Teixeira em viagem à Europa e aos Estados Unidos (1925-1927). Jundáí: Paco, 2014.

CARVALHO, Viviane Batista. As influências do pensamento de John Dewey no cenário educacional brasileiro. **Revista Redescritões**, ano 3, n. 1, p. 58-77, 2011.

CERVO, A; BREVIAN, P. A. **A metodologia científica**. São Paulo, McGraw-Hill, 1983.

CHARTIER, R. **A história cultural:** entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel & Bertrand Brasil, 1998.

CHRISTENSON, Larry. **A família do cristão**. 5. ed. Minas Gerais: Betânia, 1996.

CRIVELLO, N. A. A modernidade Iguazuana na década de 1930: representações fotográficas. In: Encontro Regional de História da ANPUH, 15., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPUH, 2012.

CUNHA, Maria Tereza Santos. Do coração à caneta: cartas e diários pessoais nas teias do vivido (década de 60 e 70 do século XX). **História: Questões & Debates**, Curitiba, Ed. da UFPR, n. 59, p.116-142, dez. 2013.

CUNHA, Maria Tereza Santos (coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

CUNHA, Maria Tereza Santos. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: EDUCA, 2002.

CUNHA, A. C. V. Escritas invisíveis: diários de professoras e estratégias de preservação da memória escolar. In: E. C. de Souza; A. C. V. MIGNOT (orgs.). **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

CUSTÓDIO, Regiane C. Narrativas de memórias e a pesquisa em história da educação. In: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 9., 2012, Caxias do Sul. **IX Amped Sul: Seminário De Pesquisa Em Educação Da Região Sul**. Caxias do Sul: Editora Sul, 2012. p.1-12.

DALVA AMARAL – BLOGSPOT. 2015. Disponível em: <https://www.google.com.br/dalvaamaral.blogspot.com>. Acesso em: 1 mar. 2015.

DEL PINO, Mauro Augusto Burkert. Organização e gestão da educação pública: a construção democrática do trabalho escolar. **Trabalho & Educação**, v.17, n. 1, jan./abr., 2008.

DEL PRIORE, Mary. **Do outro lado**: a história do sobrenatural e do espiritismo. Rio de Janeiro, Planeta, 2014.

DIAS, A. **Entre laranjas e letras**: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950). Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

DIAS, José Roberto de Lima. **A evolução (1892-1893)**: uma amostra dos fatores constituintes do sistema literário espírita. 2006. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande, Carreiros, 2006. Disponível em: <http://www.ppgletras.furg.br/disserta/joseroberto.pdf>. Acesso em 15 mar. 2015.

DOSSIÊ ESPÍRITA. 2015. Disponível em: www.dossieespirita.blogspot.net. Acesso em 06 nov. 2015.

FADEL, S. **Meio Ambiente, saneamento e engenharia no Império e na Primeira República**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

FEAL. 2016. Disponível em: <https://www.feal.com.br>. Acesso em 5 JAN 2016.

FEB. 2015. Disponível em: <http://www.febnet.org.br>. Acesso em 6 nov. 2015.

FEB – CARAVANA DA FRATERNIDADE. 2015. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/caravanadafraternidade>. Acesso em 6 nov. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUNDREM. Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Informações básicas. Rio de Janeiro.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Rio de Janeiro, FGV, 2004.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. Imprensa, civilização e educação: Uberabinha (MG) no início do século XX. In: ARAÚJO, José Carlos de Souza; GATTI JR., Décio (orgs.). **Novos temas em história da educação no Brasil**: instituições escolares e educação na imprensa. Uberlândia: EDUFU; Campinas: Autores Associados, 2002.

GOODSON, Ivor F. **Dar voz ao professor**: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (Org.). *Vida de Professores*. Porto: Porto Ed., 1992.

HISTÓRIA VIVA. *Grandes temas: Além da vida: a história do Espiritismo*. Pinheiros: Ediouro, vol.1, n. 53, dez. 2014.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, M. T. **Memórias de morte e outras memórias**: lembranças de velhos. 2008. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de PósGraduação em Sociologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

IBGE. **Informações Gerais**. Nova Iguaçu: IBGE, 2015. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=330350>. Acesso em 9 mar. 2015.

IESA. 2015. Disponível em: <http://www.iesa.com.br>. Acesso em 28 abr. 2015.

IFF – Instituto Fernandes Filgueiras. 2015. Disponível em: <http://www.institutofilgueiras.com.br/>. Acesso em 28 abr. 2015.

INCONTRI, Dora. **Espiritismo e Educação**. Porto: Universidade do Porto: São Paulo: USP, 2003. (v. 15)

INCONTRI, Dora. *Pedagogia espírita: os valores do espírito na sociedade do nada*. **Revista Espaço Ético**: Educação, Gestão e Consumo, ano I, n. 3, p. 190-197, set./dez. 2014.

INCONTRI, Dora. **Pedagogia Espírita**: um projeto brasileiro e suas raízes históricas-filosóficas. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Doutorado em Educação, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2006.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita**. *Jornal de estudos psicológicos*. Ano VI, 1863.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de. **A metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

LAMEGO, A. R. **O homem e o brejo**. Rio de Janeiro: IBGE, 1940.

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. Paris: Editions Anthropos, 1974.

LELIS. I. *Profissão docente: uma rede de histórias*. **Revista Brasileira de Educação**, n. 17, maio/jun./jul./ago., Rio de Janeiro: SBHE, 2001.

LEOPOLDO, P. **Trabalhando o conhecimento**. Rio de Janeiro: Padrão Color Gráfica e Editora, 2011.

LOPES, A. N. **Políticas públicas no Brasil: o estado de bem-estar social ou o estado de segurança nacional? Uma discussão sobre a política de saneamento para áreas urbanas entre 1970/1984.** Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 1994.

MACHADO, Leopoldo. **Caravana da Fraternidade.** Rio de Janeiro: FEB, 2010.

MACHADO, Leopoldo. Espiritismo é obra de educação. **Palestra realizada na ABI em 1944.** Rio de Janeiro: FEB, 1944.

MAIA, P. N. F.; Rodrigues, A. O. A cidade (re)partida: um breve estudo sobre as emancipações da cidade de Nova Iguaçu e a formação da região da Baixada Fluminense. In: Congresso da Associação Portuguesa de Desenvolvimento Regional, 15., 2009, Cidade da Praia, Cabo Verde, UniPiaget, v. 6, p. a11, 2009.

MARQUES, Glaucia Diniz. Cartas em tempos de guerra: uma missão cívico-patriótica da Associação Brasileira de Educação (1942-1945). 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MELO, Alessandro. **Relação entre escola e comunidade.** Curitiba: IBPEX, 2011.

MENDES, R. S. Cultura e comércio da laranja na região da Guanabara. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 1, p. 31-39, 1949.

MENDES, R. S. **Paisagens culturais da Baixada Fluminense.** São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1950.

MIGNOT, A. C. V. **Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Alvaro Alberto.** Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

MIGNOT, A. C. V. **Papéis Guardados.** Rio de Janeiro: UERJ: Rede Sirius, 2003.

MIGNOT, A. C. V; GONDRA, José Gonçalves (orgs.). **Viagens pedagógicas.** São Paulo: Cortez, 2007.

MOGARRO, Maria João. Arquivos e educação: a construção da memória educativa. **Revista Brasileira de História de Educação**, n. 10, São Paulo: SBHE, jul./dez. 2005.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, António (Org.) **Vida de professores.** Porto: Porto Ed., 1992.

OLIVEIRA, R. S. Da produção de laranjas à febre dos loteamentos: as transformações na organização espacial do município de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro: Nova, 2006.

PAIVA, Geraldo José de. O Estado e a Educação Religiosa: observações a partir da Psicologia. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 22, n. 1, p. 63-68, jan.-abr. 2006.

PEREIRA, W. **Cana, café e laranja: história econômica de Nova Iguaçu**. Rio de Janeiro: FGV/SEEC, 1977.

PEREIRA, W. **Nova Iguaçu para o curso normal**. Nova Iguaçu: IHGNI, 1969.

PERGUNTA. 2010. Disponível em:
<http://origemdapalavra.com.br/site/consultorioetomologico/pergunta#977.com.br>.
Acesso em 18 out. 2015.

PIRES, H. **Educação Espírita**. São Paulo: Paicéia, 1994.

PIRES, J. H. **Pedagogia Espírita**, 2008. Disponível em:
<http://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/L53.pdf>. Acesso em 16 mar. 2015.

ROCHA, A. S. A Representação de “ideal” de um território: exemplificando a Baixada Fluminense. **Revista Pílares da História**, Duque de Caxias, ano 10, n. 11, maio 2011.

RODRIGUES, A. O. **De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833-90's): economia e território em processo**. 2009. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

RODRIGUES, Donizete. Novos movimentos religiosos: realidade e perspectiva sociológica. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, ano 12, v. 19, p. 17-42, 2008.

SANTOS, Valdeci da Silva. **Educação cristã: conceituação teórica e implicações práticas**. Fides Reformata XIII; 2: 155-174, 2008.

SILVA, Júlio César Lázaro da. **História econômica da Região Nordeste: do século XX aos dias atuais**. [S. l. : s. n.], [20--]. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/brasil/historia-economica-regiao-nordeste-seculo-xx-aos-dias-atuais.htm>>. Acesso em 16 de outubro de 2015.

SILVA, V. C. A. **Um caminho inovador: o projeto educacional da Escola Regional de Merity (1921-1937)**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

SOARES, M. T. S. Nova Iguaçu: absorção de uma célula urbana pelo Grande Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, IBGE, v. 2, n. 24, 1962.

SOBREIRA, Dayane N. O ar da vida: memória social e histórias de velhos. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 6, n. 1, p. 145-148, jan./jun. 2013.

SOUZA, Luciene Maria de. **Estado e políticas públicas educacionais: reflexões sobre as práticas neoliberais**. 2006. Disponível em:

<http://www.simposioestadopoliticas.ufu.br/imagens/anais/pdf/AC06.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2015.

SOUZA, S. M. A memória dos laranjais na cidade dos loteamentos: considerações sobre os efeitos sociais da urbanização em Nova Iguaçu no período 1950-1970. In: Encontros Nacionais da ANPUR, 5., 2013, LOCAL. **Anais...** Recife: ANPUR, 2013.

SOUZA, S. M. **Da laranja ao lote**: transformações sociais em Nova Iguaçu. 1992. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.

SPOSITO, M. P. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. **Revista USP**, n. 57, p. 210-226, mar./maio, 2003. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/57/14-marilia.pdf>. Acesso em 15 mar. 2015.

STOLTZ, Tania. **As perspectivas construtivistas e histórico-cultural na educação escolar**. Curitiba: IBPEX, 2011.

TAVARES, M. **Os 170 anos de Nova Iguaçu**. SINCOVANI – Sindicato do Comércio Varejista de Nova Iguaçu. [198-]. Disponível em http://www.sincovani.com.br/inst/historia_2.htm. Acesso em 09 de março de 2015.

Unificação Espírita – BlogSpot. 2015. Disponível em: <https://www.unificacaoespirita.blogspot.com>. Acesso em: 6 nov. 2015.